



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM ENSINO DE LÍNGUA E LITERATURA**

NÚBIA MAIRE GOMES FARIA

**O ENSINO DO VOCABULÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL I: análise de
atividades nos livros didáticos da rede municipal de Araguaína-TO**

**ARAGUAÍNA – TO
2020**

NÚBIA MAIRE GOMES FARIA

O ENSINO DO VOCABULÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL I: análise de atividades nos livros didáticos da rede municipal de Araguaína-TO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Tocantins, (PPGL/UFT), Câmpus Universitário de Araguaína, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Ensino de Língua e Literatura.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Claudia Castiglioni.

ARAGUAÍNA – TO
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

F224e Faria, Núbia Maire Gomes.
O ENSINO DO VOCABULÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL I : :
análise de atividades nos livros didáticos da rede municipal de Araguaína-TO
./Núbia Maire Gomes Faria. – Araguaína, TO, 2020.
120 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins
– Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado)
em Letras Ensino de Língua e Literatura, 2020.

Orientadora : Ana Claudia Castiglioni

1. Léxico. 2. Vocabulário. 3. Dicionário . 4. Livros Didáticos. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

NÚBIA MAIRE GOMES FARIA

O ENSINO DO VOCABULÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL I: análise de atividades nos livros didáticos da rede municipal de Araguaína-TO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura. Foi avaliada para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Língua e Literatura, e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 10 / 12 / 2020

Banca Examinadora:

Ana Claudia Castiglioni

Prof.^a Dr.^a Ana Claudia Castiglioni. Orientadora, UFT

Ana Claudia Castiglioni

Prof. Dr.^a Karylleila dos Santos Andrade. Examinadora, UFT

Ana Claudia Castiglioni

Prof. Dr. Renato Rodrigues Pereira. Examinador, UFMS

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”. (Paulo Freire)

AGRADECIMENTOS

Nenhuma batalha é capaz de ser vencida sozinha. No período dessa luta, algumas pessoas estiveram ao meu lado e percorreram este caminho não tão suave, me fazendo acreditar que eu seria capaz de alcançar meu objetivo e conquistar mais um sonho.

Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus por tudo que sou e por estar sempre ao meu lado, me ouvindo nas horas mais difíceis, nas quais pensei em desistir, mas o seu amor me confortou e me deu forças para chegar até aqui.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Ana Claudia Castiglioni, por acreditar desde o início em meu trabalho. Pela dedicação, pela compreensão, pelo carinho, pelos conselhos e pelo auxílio em todos os momentos desta caminhada. A você, o meu muito obrigada.

Aos meus pais, Osvaldo Gomes e Maria Jacinta, pelo exemplo de pessoas guerreiras que, em meios a tantas dificuldades diárias, têm por mim um amor incondicional e, mesmo com a distância, o apoio é constante em todos os momentos de minha vida. Nesse também não foi diferente.

Ao meu irmão, pelo apoio e pela paciência durante esta caminhada, pelas conversas e as várias ligações me dando força para que esse objetivo fosse concluído com êxito.

À Prof.^a Dr.^a Karylleila dos Santos Andrade Klinger e ao Prof. Dr. Renato Rodrigues Pereira, pela atenção que dedicaram à leitura deste trabalho e pelas valiosas sugestões, contribuições e correções.

À equipe de profissionais da Secretaria Municipal de Ensino de Araguaína – TO, que me recebeu e auxiliou com todos os dados, materiais e informações por mim solicitados. O meu agradecimento, em especial, para Leicijane, Railon Borges, Solidade e Zaira.

Aos meus amigos, Carlos Jonatas e Laís Santos, que hoje fazem parte da minha vida. Ah! Quantas lágrimas, alegrias e momentos bons vivemos juntos nesse período. A eles, o meu singelo abraço.

Por último, e não menos importante, agradeço a todos os professores que, no decorrer deste curso, contribuíram de maneira direta e indireta para o meu aprendizado, me levando a perceber que tudo pode ser alcançado, quando há determinação.

RESUMO

A Lexicologia é o ramo da Linguística que se dedica ao estudo das unidades que compõem o léxico da língua em seus mais diversos aspectos, como sua formação e seus significados. De maneira ampla, o léxico pode ser definido como o conjunto de palavras de uma língua. O vocabulário, entendido como individual, faz parte do léxico e está sempre se renovando, primeiro na comunicação oral e depois na escrita. Nesta pesquisa, tivemos como objetivo principal analisar as atividades voltadas para o ensino do vocabulário presentes nas duas coleções de livros didáticos de Língua Portuguesa do 1º ao 5º ano, sendo elas: *Buriti Mais Português*, obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna, e *Língua Portuguesa Ápis*, das autoras Terezinha Bertin; Vera Marchezi; Ana Trinconi, produzida pela Editora Ática, (2017). Essas coleções foram adotadas em dois núcleos educacionais do Ensino Fundamental I, composto por um total de 10 escolas, no município de Araguaína, norte do Tocantins. Tivemos como objetivos específicos: analisar os documentos oficiais Referencial Curricular do Estado de Tocantins, do município de Araguaína e o Projeto Político Pedagógico das dez escolas dos dois núcleos educacionais escolhidos, buscando observar se ocorrem propostas de ensino do vocabulário; fazer um levantamento do contexto social das escolas dos dois núcleos analisados; analisar quantitativamente as atividades apresentadas nos livros didáticos em relação ao vocabulário e, por fim, propor algumas atividades voltadas para a aprendizagem do vocabulário. Após a análise, foi possível verificar que os livros didáticos das duas coleções selecionadas para esta pesquisa não oferecem, de maneira satisfatória, atividades que desempenham o ensino do vocabulário e do léxico, já que um está inserido no outro. As atividades que selecionamos para tal análise foram: formação de palavras, sinônimos e antônimos, ordem alfabética e verbetes (parte do dicionário). Percebemos, com isso que, desde o início do ciclo estudantil, as atividades que favorecem o ensino do léxico e o uso do dicionário como um facilitador e instrumento de ensino são ainda muito pouco utilizadas, e quando sugeridas, muitas vezes não são utilizadas de maneira correta.

Palavras-chave: Léxico. Vocabulário. Dicionário. Livros Didáticos.

ABSTRACT

Lexicology is the branch of Linguistics that is dedicated to the study of the units that make up the lexicon of the language in its most diverse aspects, such as its formation and its meanings. In a broad way, the lexicon can be defined with the set of words of a language. Vocabulary, understood as individual, is part of the lexicon and is always being renewed, first in oral communication and then in writing. In this research we had as main objective to analyze the activities directed to the teaching of the vocabulary present in the two collections of textbooks of Portuguese Language from the 1st to the 5th year, being: *Buriti Mais Português*, collective work conceived, developed and produced by Editora Moderna, Book and Portuguese Language Book Ápis, das autoras BERTIN, Terezinha; MARCHEZI, Vera; TRINCONI, Ana; Editora Ática, (2017), adopted in two elementary educational centers I, comprising a total of 10 schools, in the municipality of Araguaína northern Tocantins. We had as specific objectives: to analyze the official documents of the Curricular Reference of the State of Tocantins, of the municipality of Araguaína and the Political Pedagogical Project of the ten schools of the two chosen educational centers, seeking to observe if there are proposals for teaching vocabulary; conduct a survey of the social context of the schools in the two centers analyzed; analyze quantitatively the activities presented in textbooks in relation to vocabulary and, finally, propose some activities aimed at learning vocabulary. After the analysis, it was possible to verify that the textbooks of the two collections selected for this research do not offer, in a satisfactory way, activities that perform the teaching of vocabulary and lexicon, since one is inserted in the other. The activities we selected for this analysis were: word formation, synonyms and antonyms, alphabetical order, entries (part of the dictionary). We realized with this that, since the beginning of the student cycle, activities that favor the teaching of the lexicon and the use of the dictionary as a facilitator and teaching tool is still very little used, and when the use is suggested, it is often not used correctly. To help the teacher to work with the dictionary from LD texts, we suggest some and from them we propose activities with this purpose.

Keywords: Lexicon. Vocabulary. Dictionary, Didatic books.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do livro <i>Buriti Mais Português</i> – 1º ano	53
Figura 2 – Capa do livro <i>Buriti Mais Português</i> – 2º ano	54
Figura 3 – Capa do livro <i>Buriti Mais Português</i> – 3º ano	54
Figura 4 – Capa do livro <i>Buriti Mais Português</i> – 4º ano	55
Figura 5 – Capa do livro <i>Buriti Mais Português</i> – 5º ano	55
Figura 6 – Capa do livro <i>Língua Portuguesa Ápis</i> – 1º ano	56
Figura 7 – Capa do livro <i>Língua Portuguesa Ápis</i> – 2º ano	57
Figura 8 – Capa do livro <i>Língua Portuguesa Ápis</i> – 3º ano	57
Figura 9 – Capa do livro <i>Língua Portuguesa Ápis</i> – 4º ano	58
Figura 10 – Capa do livro <i>Língua Portuguesa Ápis</i> – 5º ano	58
Figura 11 – Atividade para relacionar as sílabas	60
Figura 12 – Atividade sinônimos e antônimos	61
Figura 13 – Atividade para identificar a letra P	62
Figura 14 – Atividade para identificar a letra com recorte	62
Figura 15 – Atividade com a ordem alfabética	63
Figura 16 – Atividade com a ordem alfabética II	64
Figura 17 – Atividade para formação de palavras	65
Figura 18 – Atividade com informações sobre o verbete	66
Figura 19 – Atividade sinônimos	67
Figura 20 – Atividade formação de palavras	68
Figura 21 – Atividade sinônimos II	69
Figura 22 – Atividade para inserir a letra	70
Figura 23 – Atividade sobre variação regional	71
Figura 24 – Atividade busca ao dicionário	73
Figura 25 – Atividade sobre separação silábica	74
Figura 26 – Atividade sobre palavras primitivas	75
Figura 27 – Atividade sobre palavras antônimas	76
Figura 28 – Atividade com a ordem alfabética	77
Figura 29 – Atividade sobre o significado de palavras	78
Figura 30 – Atividade sobre antônimos e sinônimos	79

Figura 31 – Atividade sobre formação de palavras	80
Figura 32 – Atividade com terminações ez, eza.....	81
Figura 33 – Atividade com glossário	82
Figura 34 – Atividade com informações sobre verbete	83
Figura 35 – Atividade sobre sentidos contrários	84
Figura 36 – Atividade sobre palavras aportuguesadas	85
Figura 37 – Atividade sobre palavras semelhantes	87
Figura 38 – Atividade sobre palavras semelhantes II.....	87
Figura 39 – Atividade como pesquisar um verbete	89
Figura 40 – Atividade sobre antônimo II	90

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Atividades relacionadas ao ensino do vocabulário – 5º ano.....	91
Gráfico 2 – Atividades relacionadas ao ensino do vocabulário – 4º ano.....	92
Gráfico 3 – Atividades relacionadas ao ensino do vocabulário – 3º ano.....	93
Gráfico 4 – Atividades relacionadas ao ensino do vocabulário – 2º ano.....	94
Gráfico 5 – Atividades relacionadas ao ensino do vocabulário – 1º ano.....	95

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de atividades por série	59
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Objetivo principal	12
Objetivos específicos	12
CAPÍTULO I	
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
1.1 Definindo léxico e vocabulário: constituição, estruturação e abordagens.....	14
1.2 Léxico e gramática.....	19
1.3 Estruturação das unidades lexicais	21
1.4 Relação entre léxico e dicionário.....	23
1.5 A competência lexical e a competência comunicativa	30
1.6 Ensino do léxico	32
1.7 A formação do educador de língua materna e alguma compreensão em relação ao léxico.....	35
CAPÍTULO II	
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	37
2.1 A pesquisa	37
2.2 Análise documental	38
2.3 Caminho para aquisição dos dados.....	39
CAPÍTULO III	
DOCUMENTOS OFICIAIS.....	42
3.1 Referencial Curricular do Estado do Tocantins.....	42
3.2 Referencial Curricular de Araguaína - TO	43
3.3 Projeto Político Pedagógico – PPP	44
3.3.1 Considerações sobre as instituições escolares que fazem parte da pesquisa.....	46
CAPÍTULO IV	
UMA RELAÇÃO ENTRE O LÉXICO E O LIVRO DIDÁTICO.....	50
4.1 Atividades extraídas do Livro <i>Buriti Mais Português</i> – 1º ano.....	59
4.2 Atividades extraídas do Livro <i>Língua Portuguesa Ápis</i> – 1º ano.....	62
4.3 Atividades extraídas do Livro <i>Buriti Mais Português</i> –2º ano.....	64

4.4 Atividades extraídas do Livro <i>Língua Portuguesa Ápis</i> – 2º ano.....	68
4.5 Atividades extraída do Livro <i>Buriti Mais Português</i> – 3º ano	71
4.6 Atividades extraídas do Livro <i>Língua Portuguesa Ápis</i> – 3º ano.....	75
4.7 Atividades extraída do Livro <i>Buriti Mais Português</i> – 4º ano	78
4.8 Atividades extraídas do Livro <i>Língua Portuguesa Ápis</i> – 4º ano.....	81
4.9 Atividades extraída do Livro <i>Buriti Mais Português</i> – 5º ano	86
4.10 Atividades extraídas do Livro <i>Língua Portuguesa Ápis</i> – 5º ano.....	88
4.11 Visão geral das atividades	96

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
----------------------------------	-----------

REFERÊNCIAS	100
--------------------------	------------

APÊNDICES

APÊNDICE I – Solicitação de autorização para consulta e análise do PPP e livro didático	105
--	------------

APÊNDICE II – Autorização para pesquisa acadêmica nas escolas do Núcleo I.....	106
---	------------

APÊNDICE III - Autorização para pesquisa acadêmica nas escolas do Núcleo V	107
---	------------

APÊNDICE IV – Contexto das Escolas do Núcleo I	108
---	------------

Escola Municipal Maria da Conceição Costa Luz.....	108
--	-----

Escola Conveniada São Vicente de Paula	109
--	-----

Escola Paroquial Municipal São Domingos	110
---	-----

Escola Municipal Gentil Ferreira Brito	112
--	-----

Escola Municipal Zeca Barros.....	113
-----------------------------------	-----

APÊNDICE V – Contexto das Escolas do Núcleo V	115
--	------------

Escola Municipal Dr. Simão Lutz Kossbutzki	115
--	-----

Escola Municipal José Ferreira Barros	116
---	-----

Escola Municipal Doutor César Belmiro Barbosa Evangelista.....	117
--	-----

Escola Municipal Joaquim de Brito Paranaguá.....	118
--	-----

Escola Municipal Léia Raquel.....	119
-----------------------------------	-----

INTRODUÇÃO

O aprendizado e o conhecimento da língua por uma criança se iniciam no espaço familiar com os pais e com as pessoas com quem convive, que são os responsáveis por transmitir o primeiro contato com a linguagem que, com o tempo, se estende ao ambiente escolar e forma-se no decorrer da vida, ou seja, constantemente.

A criança possui um vocabulário maior nos primeiros anos escolares, se comparado ao adquirido no ambiente familiar, porém, esse vocabulário ainda é escasso para decifrar a infinidade de situações a serem descobertas e compreendidas. A partir dos quatro anos de idade, quando a posse da linguagem está caracterizada, conforme afirmam Genouvrier e Peytard (1973, p. 282) a criança possui “mais de mil elementos linguísticos para a comunicação”.

A partir do momento que passa a frequentar a escola e ter contato com outros ambientes, a criança necessita ainda que seus pais a orientem, questionem e ensinem sobre questões que são desconhecidas, isso porque é nessa troca linguística que ela vai conhecendo a importância das palavras e ampliando o seu vocabulário.

Ilari e Lima (2011, p. 15) explicam que:

Uma extrapolação que certamente não cabe, por exemplo, é que aprendemos o vocabulário de nossa língua apenas na infância; afinal, é da nossa experiência mais corriqueira e compartilhada o fato de que aprendemos a cada dia que passa palavras que são novas para nós, mas que estão na língua há séculos. Além disso, aprendemos palavras e sentidos novos, que a língua cria constantemente.

Pensando nesse esperado processo da expansão do léxico que deve ocorrer, sobretudo, a partir da inserção da criança na escola, especialmente nas aulas de Língua Portuguesa, é que desenvolvemos esta pesquisa.

Um dos objetivos comumente difundidos no ensino do português é tornar os educandos capazes de ler, escrever com diversas habilidades e amenizar as dificuldades por eles enfrentadas no momento da leitura, da escrita, da produção e compreensão de textos. Entendemos que o desenvolvimento dessa capacidade passa pela ampliação lexical de cada indivíduo. Nesse sentido, a exploração do léxico da língua é um modo de se obter a expansão/aquisição do conhecimento.

Mencionamos sobre o processo de aprimoramento lexical no cotidiano dos usuários da língua, mas, o que vem a ser o léxico? De que maneira ele deve ser ensinado/desenvolvido em sala de aula? Os materiais didáticos oferecidos pelas unidades escolares trazem propostas de atividades relacionadas a tal questão? Existem outros recursos didáticos que podem ser

utilizados na aprendizagem, além do livro didático? Vamos buscar algumas respostas para esses e outros questionamentos, no decorrer desta pesquisa, tendo como base alguns autores, como Biderman (1984; 1996; 2001), Vilela (1979), Basílio (2004; 2018), Antunes (2003; 2012), entre outros.

É importante frisarmos que o vocabulário se amplia consideravelmente por meio do ensino e da aprendizagem escolar, isso porque o léxico é uma fonte inesgotável de conhecimento, uma vez que vai se constituindo durante toda a vida. No que se refere a este aspecto dos estudos da língua, os materiais didáticos, em sala de aula, precisam ser utilizados observando-se de que maneira a metodologia de ensino de vocabulário é produzida e de que modo pode auxiliar e contribuir para essa aprendizagem.

A seguinte pergunta motivou o desenvolvimento desta pesquisa: como tem sido o ensino do vocabulário nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental I da rede municipal de Araguaína? Para respondê-la, propomos os seguintes objetivos:

Objetivo principal:

- Analisar atividades voltadas para o ensino do vocabulário presentes nos livros didáticos de Língua Portuguesa adotados no ano de 2018 por dois núcleos educacionais do Ensino Fundamental I no município de Araguaína-TO, observando sua produtividade para a expansão vocabular e desenvolvimento da competência linguística dos alunos.

Objetivos específicos:

- Analisar os documentos oficiais Referencial Curricular do Estado de Tocantins, do município de Araguaína e o Projeto Político Pedagógico das dez escolas dos dois núcleos educacionais escolhidos, buscando observar se ocorre alguma menção específica ao ensino do vocabulário;
- Apresentar uma análise quantitativa das atividades apresentadas nos livros didáticos escolhidos em relação ao vocabulário.

As dez unidades escolares de onde partimos para analisar tantos os documentos oficiais quanto os livros didáticos, são divididas em dois núcleos, um central, constituído pelas instituições: Escola Municipal Maria da Conceição Costa Luz, Escola Conveniada São Vicente de Paula, Escola Paroquial Municipal São Domingos, Escola Municipal Gentil Ferreira Brito e Escola Municipal Zeca Barros; e o outro periférico, formado pelas instituições: Escola

Municipal Dr. Simão Lutz Kossobutzki, Escola Municipal José Ferreira Barros, Escola Municipal Doutor César Belmiro Barbosa Evangelista, Escola Municipal Joaquim de Brito Paranaguá e Escola Municipal Léia Raquel.

Analizamos duas coleções de livros didáticos de Língua Portuguesa do 1º ao 5º ano sendo elas: *Buriti Mais Português* e *Língua Portuguesa Ápis*, adotadas por estas escolas para o ensino de Língua Portuguesa, para que pudéssemos ver como o ensino do vocabulário é abordado neste material utilizado pelo educador e pelos educandos.

Desse modo, de acordo com o objetivo delineado para este trabalho, resolvemos apresentá-lo dividido nos seguintes capítulos: no Capítulo I, está presente a fundamentação teórica, apontando as definições sobre as Ciências do Léxico, suas estruturações, e outras abordagens relacionadas ao tema. Além disso, discutimos a questão do léxico e ensino.

No Capítulo II, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados na construção deste trabalho, como a pesquisa bibliográfica, e os caminhos para obtenção e seleção das atividades presentes nos livros didáticos a serem escolhidas. Em seguida, no Capítulo III, apresentamos considerações sobre os documentos oficiais estaduais e municipais observando o tratamento dado ao ensino do vocabulário.

Por fim, no Capítulo IV, está presente o que consideramos como essência dessa pesquisa: a seleção das atividades voltadas para o ensino do vocabulário com suas respectivas análises, e uma representação gráfica, por ano, de tais atividades. Após este capítulo, apresentamos as considerações finais, as referências e os apêndices.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O estudo científico do léxico da língua geral é desenvolvido pela Lexicologia, uma área da linguística que tem por objetivo estudar as unidades lexicais em seus mais diversos aspectos. Nos tópicos a seguir, trataremos mais detalhadamente de alguns desses aspectos descrevendo, observando e analisando as unidades lexicais dos grupos linguísticos.

1.1 Definindo léxico e vocabulário: constituição, estruturação e abordagens

De modo geral, o léxico pode ser definido como o conjunto de palavras de uma determinada língua. O nível lexical está ligado à história e à cultura de uma comunidade, já que é, sobretudo, por meio das palavras que as pessoas manifestam suas experiências e conhecimentos do dia-a-dia.

Em diferentes pontos, a definição de palavra acaba se tornando um problema para os estudiosos dessa área, pois pode ser considerada como uma unidade de significação, sendo mais usadas aquelas que possuem mais de um significado. A palavra, de modo geral pode ser definida como uma unidade linguística básica, facilmente identificada pelos seus falantes em sua língua materna.

Vários são os nomes utilizados para tratar a unidade do léxico, conforme registrou Vilela (1979, p. 15),

Palavra, palavra léxica, palavra semântica, palavra derivada, palavra composta, sintagmema, sintagma, sintagma fixo, expressão idiomática, morfema livre e morfema preso, entrada lexical, item lexical, lexema, monema, semema, arquilexema e arquisemema, etc.

Graficamente, a palavra pode ser considerada como uma continuação de caracteres que surge entre espaços dando um sentido lógico à criação de frases ou textos. Basílio (2004, p. 11) afirma que “na língua escrita, podemos definir palavra como qualquer sequência que ocorra entre espaços e/ou sinais de pontuação”. Essa mesma autora (2018, p.13) descreve que o léxico é constituído por um conjunto de palavras de uma determinada língua, porém questiona, “mas o que é palavra”? Segundo ela, há algumas classificações, das quais destacamos: “palavra e dicionário; palavra estrutural” (2018. p. 13-14).

No tocante a palavras e dicionários: podem ser consideradas todas aquelas que estão listadas nestas obras, embora existam algumas que deixam de ser utilizadas e novas surgem, mas, mesmo assim, não deixam de ser palavras. Embora haja todo esse processo, o dicionário é o lugar onde está inserida a maioria delas.

Em relação à palavra estrutural, Basílio (2018, p. 14) ressalva que, analisando pelo lado da morfologia, “a palavra é uma construção que se estrutura de uma maneira específica: seus elementos [...] apresentam ordem fixa, [...] não permitindo qualquer mudança de posição”. Para que uma palavra possa ter um sentido, é necessário que ela apresente essa estrutura correta.

A palavra pode ser vista também como uma unidade lexical. Embora essa mesma autora (2018, p. 18) menciona que “a unidade da palavra como elemento lexical também não se coaduna [...] com a noção gramatical de palavra. É importante, pois que possamos conviver com a diversidade e com a complexidade”. A definição do termo palavra é complexa, mesmo ela podendo ser classificada de algumas maneiras, conforme vimos em alguns dos pareceres abordados.

Os autores Genouvrier e Peytard (1973, p. 298) se posicionam em relação ao conceito de palavra explicando que “é um agrupamento de letras limitado à direita e esquerda por espaços brancos que constituem suas fronteiras naturais”. Dessa forma, o falante da língua talvez nem saiba escrever corretamente, mas ele consegue manter a estrutura das sequências de palavras para que haja uma compreensão por parte do ouvinte.

Mesmo que não tenha muito conhecimento, uma pessoa consegue, de maneira informal, apresentar uma definição sobre o que venha a ser uma palavra. Biderman (2001, p. 100) salienta que “provavelmente esse falante comum ficará muito surpreso ao saber que os linguistas não sabem definir a palavra, nem tampouco delimitá-la”. A autora, nesse caso, refere-se a uma definição geral da palavra, mesmo não sendo fácil de modo linguístico conceituá-la. Essa mesma autora (2001, p. 137) apresenta três critérios com o objetivo de delimitar e definir palavra como: “1-fonológico, 2-gramatical e 3-semântico”.

No critério fonológico, Biderman (2001, p. 137) esclarece que “quase todos os linguistas concordam com a fragilidade do critério fonológico de um grupo fônico”. Um usuário une as palavras em sua mente através dos processos semânticos e gramaticais, mas não fonéticos. No segundo critério, o gramatical, a autora aponta a ideia que, uma vez reconhecidas, unidades lexicais em um contexto através da análise fonológica, submetem-se às normas morfossintáticas que estão neste sistema linguístico. O terceiro critério complementa os anteriores, tanto na identificação quanto na delimitação das unidades lexicais.

Biderman, resume sobre o conceito de palavras, ressaltando que:

A definição e a delimitação da unidade léxica não podem prescindir do critério semântico. Se a fonologia nos ajuda a reconhecer segmentos coesos fonicamente e se a gramática nos leva a identificar as formas linguísticas manifestas nesses segmentos, só a dimensão semântica nos fornece a chave decisiva para identificar a unidade léxica expressa no discurso. Se a informação semântica não congrega todos os outros elementos no topo da hierarquia, os resultados da análise serão distorcidos como já advertia Ullmann. (BIDERMAN, 2001, p. 155)

Na proposta de Antunes (2012, p. 96), ela menciona palavras como “em sua ‘situação de dicionário’ constituem sinais indícios, instruções por onde também se pode ter acesso aos sentidos pretendidos ou ao plano pensado para a sequência do texto”. É por meio das palavras que quem escreve ou fala vai passando as instruções e as orientações para o receptor.

Basílio (2018, p. 13) por sua vez, ressalva que “palavras da língua são aquelas que aparecem listadas nos dicionários”. Porém, a autora menciona a complexidade dessa afirmação, pois, para que os dicionários venham a registrar as palavras da língua, estas precisam já estar em uso e até que isso ocorra, muitas outras vão surgindo e até mesmo caindo em desuso. Nesse princípio todos os dicionários sempre estarão em atraso em relação às palavras da língua.

Na defesa de Antunes (2012, p. 137), a palavra pode ser compreendida como “elemento constitutivo da história de um povo, de sua cultura, de sua ‘memória social’. Na verdade, as palavras têm o ‘gosto’, o ‘sabor’, o ‘cheiro’ de nossas experiências de vida”. É por meio delas que revivemos momentos e situações que fizeram e fazem parte de nossas vidas em meio à sociedade.

Todas as palavras estão inseridas nas estruturas lexicais e semânticas, conforme afirmam Genouvrier e Peytard (1973, p. 291- 292):

O que é preciso explorar são as estruturas léxicas, onde toda a palavra se insere, as estruturas semânticas, onde toda a palavra adquire sentido; mas ante disso somos obrigados a nos deter na própria noção de palavra, já que a palavra é o elemento visado pelo estudo do léxico, e que é com o sentido das palavras que o mestre deve preocupar-se.

O léxico, por sua vez, consiste no acervo de palavras de uma determinada língua, utilizado para suprir as necessidades dos falantes na comunicação. Pode se dividir entre o léxico individual e o geral. O primeiro se refere às palavras que estão à disposição do indivíduo em determinada situação e o segundo, trata do conjunto de palavras que o locutor não faz uso na linguagem, seja de uma época ou situação ainda não presenciada, mas que estão disponíveis na língua. O léxico individual é parte do léxico geral. Nenhum falante de uma língua consegue conhecer e utilizar todo o léxico devido a sua grande variedade.

Ressaltamos que o léxico individual de um falante de língua materna estará sempre sendo aprimorado, isso vai ocorrendo em relação aos acontecimentos e experiências vividas por

ele. Assim também acontece com o léxico global, visto que o léxico individual faz parte deste. Os dois estão em contínua ampliação em decorrência de diversos fatores, como as mudanças sociais, políticas, econômicas, as inovações tecnológicas, fatos que fazem com que surjam novas denominações de uma comunidade.

O léxico não pode ser pensado apenas como um conjunto de palavras. Mas como uma parte fundamental da língua, junto com a gramática, com a fonologia e a morfossintaxe. Sendo um sistema que, de acordo com as necessidades dos falantes da língua, traz conceitos para a construção dos enunciados e entendimento da comunicação.

Esse nível da língua é formado por um conjunto de limites imprecisos e indeterminados. Biderman (2001, p. 179) explica que

Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua. Nesse processo em desenvolvimento, o Léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai.

Nesse mesmo sentido, a autora aponta também que

[...] o léxico é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana. [...] o léxico está associado ao conhecimento e o processo de nomeação em qualquer língua resulta de uma operação perceptiva e cognitiva. Assim, no aparato linguístico da memória humana, o léxico é o lugar do conhecimento sob o rótulo sintético de palavras – os signos linguísticos. (BIDERMAN, 1996, p. 27)

As transformações, sejam elas culturais ou sociais, são responsáveis pelas mudanças nos usos do vocabulário, contribuindo, dessa forma, para que algumas unidades léxicas caiam em desuso e outras sejam renovadas. Biderman (2001, p. 179) reforça que “novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o léxico”.

O léxico também pode ser considerado como patrimônio de uma comunidade linguística, e são os falantes da língua que constroem e mantêm o vocabulário dessa língua. Ao dar sugestões específicas aos lexemas, por meio dos usos do enunciado, os usuários podem agir em relação à estrutura do léxico, dando novos sentidos às palavras já existentes.

Destacamos Basílio (2018, p. 9) apontando que “o léxico [...] apresenta estruturas a serem utilizadas em sua expansão [...] permitem a formação de novas unidades[...] como um todo e também a aquisição de palavras novas por parte de cada falante”. Antunes (2012, p. 29), no mesmo sentido, destaca que “o léxico [...] é inesgotável, constantemente renovável, não apenas porque surgem novas palavras, mas também, pela dinâmica interna das palavras, que vão e vem, que desaparecem e reaparecem”. Ou seja, as palavras podem possuir significados

simples, o que nos permite adequá-las, recriá-las e reinventá-las a cada vez que julgarmos ser necessário.

No parecer de Genouvrier e Peytard (1973, p. 360), “no léxico, certas sequências de palavras ocorrem com frequência, ao passo que outras são pouco usadas ou francamente impossíveis de serem constituídas”. Um texto sobre esportes, ou animais domésticos, por exemplo, pode ser construído por vocábulos simples que utilizamos no nosso dia-a-dia. Já em um texto técnico, muitos termos são desconhecidos e usados por uma parcela específica de falantes.

De acordo com Antunes (2012, p. 28), “o léxico de uma língua pode ser visto como uma ‘memória’ representativa das ‘matrizes cognitivas’ construídas”. Essa memória vai se transformando, reformulando, está em constante movimento da mesma maneira que as manifestações que ele expressa. Tudo está em processo de transformação, até mesmo aquelas que já temos algumas definições.

Nas palavras de Vilela (1979, p. 10), “o léxico representa um sistema de possibilidades, no locutor/ouvinte ideal, que abrange as palavras reais[...] e ainda as palavras possíveis a competência lexical do falante [...]”. Ou seja, o falante não utilizará todas as palavras do léxico durante sua fala, mas sabe que é vasto o campo lexical disponível.

Conceito que se assemelha ao léxico, existe o vocabulário, que é entendido como um grupo de palavras utilizadas pelo indivíduo na hora da fala. Este seleciona uma determinada quantidade de palavras do léxico individual para o uso. Segundo Genouvrier e Peytard (1973, p. 280) “o vocabulário é sempre uma parte, de dimensões variáveis [...] do léxico individual, que por sua vez faz parte do léxico global”. Com isso, percebemos que muitas palavras do léxico global não cabem no léxico individual, isso porque o falante não tenha encontrado uma maneira de utilizá-las em sua linguagem. Mas essas palavras ficam à disposição dos demais locutores já que fazem parte do que pode ser denominado “tesouros da língua”.

Dessa forma, riqueza do vocabulário é também riqueza do léxico. O vocabulário é o reflexo do léxico, em determinadas situações se atualiza em um vocabulário. É através do uso da língua falada, da escrita, da leitura e da classificação e organização das palavras que um falante desenvolve seu vocabulário.

Vamos utilizar, no decorrer deste trabalho, para nos referimos a “palavra”, o terno unidade lexical, mesmo tendo vários termos que podem ser utilizados para essa substituição.

Ferraz (2008, p. 149) trata das características dos vocabulários, classificando-os em passivo e ativo, afirmando que ambos são conjuntos complementares e de uso simultâneo. Logo, ele descreve: “o léxico de um falante corresponde ao seu vocabulário ativo e passivo,

incluindo o conhecimento dos padrões gerais de estruturação das unidades lexicais, os quais lhe permitem a produção ou a interpretação de palavras novas”. Segundo o autor, estes vocabulários podem ser definidos como:

a-vocabulário passivo, significando o conjunto das unidades lexicais que o usuário da língua depreende (automaticamente ou com algum esforço), como receptor do discurso de outro usuário (na fala e na escrita), mas que dele não se utiliza nos discursos que produz, a não ser em casos excepcionais, o que sempre implica grandes esforços de codificação, com resultados nem sempre satisfatórios;

b-vocabulário ativo, isto é, o conjunto de palavras de uso geral ou específico, que o falante-ouvinte manipula automaticamente em seus variados discursos, cujo esforço de codificação é muito menor. (FERRAZ, 2008, p. 149)

Um dos objetivos do ensino das aulas de Língua Portuguesa, é fazer com que as unidades lexicais do vocabulário passivo dos educandos, passem a ser o vocabulário ativo. Os livros didáticos abordam, talvez não da maneira clara como deveriam, sobre o estudo do vocabulário, porém é importante frisar que esse trabalho em sala de aula deverá ir muito mais além desse ensino, que é reduzido, e valorizar essas práticas que levam os educandos a desenvolver as competências quanto à utilização do léxico. O ensino focado no léxico é fundamental para que o aprendizado dos alunos se dê de maneira ampla, e, aliado ao estudo do vocabulário, direciona mais em relação a novas palavras e aos glossários.

É importante mencionarmos que o ensino do vocabulário deve ser centrado em atividades contextualizadas e não de maneira aleatória, para que se explorem as unidades lexicais desconhecidas pelos educandos. Assim, eles devem perceber que há sempre novas unidades nos diferentes contextos.

1.2 Léxico e gramática

Como já mencionado, de modo geral, o léxico de uma língua pode ser definido como um vasto repertório de palavras a disposição dos falantes para o uso na escrita e na comunicação. O léxico forma um componente da língua junto com a gramática, com a morfossintaxe, a fonologia. Conforme menciona Antunes (2012, p. 27), “não existe língua sem gramática, [...] e sem léxico não há língua. As palavras são a matéria prima com que construímos nossas ações de linguagem”. Como essa autora (2003, p. 85) destaca, “a gramática compreende o conjunto de regras que especificam o funcionamento de uma língua”. Toda língua possui sua própria gramática, suas regras, não importando qual seja a classe econômica ou cultural do falante. Então, se existe língua, existe gramática. Além da gramática, toda língua possui um léxico diversificado e que deve ser bem conhecido por todos os seus usuários. Uma

vez que, com a gramática sozinha não é possível conseguir desenvolver e aprimorar a comunicação.

Não há empecilho entre o léxico e a gramática, isso porque o léxico é o grupo de palavras e seus respectivos significados, já a gramática é o grupo de regras e combinações que ficam disponíveis para o falante seguir a construção de frase ou textos de maneira clara e objetiva.

Mas os elementos gramaticais, semânticos e lexicais possuem uma mesma relação? Genouvrier e Peytard (1973, p. 296) nos explicam que:

Os elementos linguísticos têm por função, do ponto de vista semântico, referir-se à experiência vivida por nós[...] do meio em que estamos localizados e denominá-la. [...]. Seria lexical, [...] tudo aquilo que na língua pode referir-se, nomeando-a, à experiência das pessoas, gramatical tudo aquilo que determina as palavras dessa evocação.

Ressaltamos que os elementos lexicais é que dão sentido a uma frase e/ou enunciado, e, muitas vezes, dependendo da extensão da frase, o falante poderá nem chegar a utilizar os elementos gramaticais, e mesmo assim será possível o entendimento.

Existe distinção entre os elementos gramaticais e os lexicais: o primeiro pertence a um grupo limitado, já o segundo é um grupo mais abrangente. O léxico de uma língua possui inúmeras variações além de uma variedade de palavras. Ao contrário do léxico, a gramática quase não sofre alteração e os elementos que a constituem são estáveis e outros são invariáveis.

Segundo Gonçalves (1977, p. 27), a gramática pode ser definida como “o estudo da linguagem como um sistema simbólico. [...] é a gramática que dá as regras de combinação dessas unidades”. Para a construção dos sentidos a serem alcançados em um texto, são necessárias as duas unidades: lexical e gramatical. Apesar disso, Antunes (2012, p. 22) pondera que “as palavras [...] parecem sair de cena a favor da gramática como se alguma cena comunicativa fosse possível apenas com gramática, e sem léxico”. Seja nas escolas, ou em outros ambientes sociais que participamos, estamos sempre usando essa combinação. O vocábulo “gramática” pode ser aplicado a várias coisas, mas possui uma ligação entre o léxico para a compreensão e a construção dos sentidos. Antunes (2012, p. 106) afirma que “léxico e gramática devem construir, igualmente, objetos de estudo, de exploração de reflexão e de análise em qualquer nível de escolaridade”.

A gramática pode ser referida como uma técnica, ou como uma atividade de descrição de uma língua que pode recair sobre os componentes estruturais da língua, ou sobre sua função e utilização em relação aos distintos propósitos da realidade cultural dos conjuntos. Com essa ideia, identificamos a gramática gerativa, a gramática estruturalista, entre outras.

Lexicologia e gramática possuem o mesmo objeto de estudo, a palavra ou a unidade significativa, o morfema. O que acaba diferenciando uma da outra é a maneira pela qual o objeto de estudo é tratado. Mesmo assim, elas são ligadas e servem de base uma à outra. A Lexicologia discute sobre os morfemas lexicais, a gramática, sobre os morfemas gramaticais. No léxico, há um número ilimitado de elementos lexicais, já na gramática, esse número é bem reduzido.

Gonçalves (1977, p. 28) cita que “o elemento lexical designa um elemento do contexto sociocultural, [...], ao passo que o gramatical [...] exprime uma particularidade do elemento designado pelo lexical”. Como exemplos desses elementos lexicais, podemos citar: o da escola, da saúde, da informática, de alimentos. O elemento lexical dá sentidos às palavras para serem inseridas em lugares apontados pela gramática, enquanto o elemento gramatical é o responsável por estruturar o texto.

1.3 Estruturação das unidades lexicais

O léxico está sempre se transformando, pois o nível da língua materna é dinâmico e aberto. A cada vez que aparece algo e/ou uma ideia nova é criada, pesquisada ou que necessite de descrição, tem-se por obrigação designar uma nomenclatura para tal. Isso faz com que nos voltemos para nossa língua, através da diversidade do léxico e da gramática para nomear o “novo”.

Algumas unidades lexicais, em certas ocasiões, têm a chance de ser mais empregadas do que as outras, isso porque elas não se distribuem num plano uniforme do léxico. É claro que o falante da língua utilizará com mais frequência as palavras mais conhecidas, simples e de fácil compreensão para os demais.

O léxico está sempre em atuação, já que ele constitui numa inovação das unidades lexicais e dá a algumas unidades que já existem na língua, novos conceitos. Mas há também aqueles itens lexicais que, com o passar do tempo, vão sendo esquecidos ou substituídos pelo locutor, caindo em desuso.

Constituído por unidades de diversas áreas do conhecimento, o léxico é, por natureza, heterogêneo. Isso nos permite utilizar uma variedade de termos de diferentes áreas, além de podermos criar novas palavras em classes já existentes, ou até mesmo dar novos significados de acordo com a necessidade presenciada.

Constantemente, novas invenções são inseridas ao léxico, isso só não ocorrerá se o sistema lexical estagnar-se, ou seja, se a língua deixar de existir. Mas, se a língua continuar

presente como forma de comunicação de maneira escrita e oral, com todas as suas transformações, o léxico será ampliado sempre.

É por intermédio do processo de formação que se dá a composição do léxico, isto é, uma nova unidade lexical, formada para conceituar uma criação, uma ideia, ou uma pesquisa. Biderman (2001, p. 203) conceitua neologismo como “uma criação vocabular nova, incorporada à língua”.

Porém, nem sempre essa unidade lexical será utilizada por muito tempo, como é o caso das gírias. Caso seja dicionarizada, passa a fazer parte do léxico e deixa de ser neologismo. Esse processo de dicionarização, tem como base o uso contínuo no vocabulário geral, quando aceito pela comunidade falante da língua que a utiliza.

Existem dois tipos de neologismo, quais sejam: o neologismo conceptual e o neologismo formal. O primeiro, se refere a uma acepção que é integrada ao campo semasiológico de um significante indeterminado. A ampliação do seu campo semântico vai sendo dada a um significante por meio de novas conotações. Já o neologismo formal é constituído quando uma nova palavra é inserida em nosso idioma: pode ser um termo próprio da sociedade (as gírias merecem destaques, já que é criação popular e têm como intuito mostrar expressividade, ou outra causa a saber) ou um empréstimo estrangeiro. Exemplos: deletar, cupcake, smartphone, mano, crush, shippar, entre outros.

Os processos de formação das palavras mais comuns são constituídos pela derivação e composição. Segundo Basílio (2004, p. 26), “o processo de derivação se caracteriza pela junção de um afixo (sufixo ou prefixo) à uma base de uma palavra [...] uma palavra é derivada quando [...] constitui de uma base e um afixo”. Por exemplo: des + leal = desleal; inf + fiel = infiel.

Quanto ao processo de composição, Basílio (2004, p. 27) menciona que “se caracteriza pela junção de uma base a outra para a formação de uma palavra [...] uma palavra é composta sempre que esta apresenta duas bases”. Por exemplo: beija + flor = beija-flor; guarda + roupa = guarda-roupa; papel + alumínio = papel alumínio.

Entre os processos de derivação e composição há diferenças, embora ambos sejam complementares no processo de criação e formação das palavras que usamos para nos comunicarmos. No primeiro, temos funções sintáticas/semânticas mais comuns e populares, já o segundo, envolve a união de uma base a outra para construir uma nova palavra, não existindo elementos fixos.

Existem outros processos de formação de palavras, embora não tão comuns como os dois mencionados: derivação regressiva, derivação ou formação parassintética e derivação imprópria. A derivação regressiva é definida de maneira que uma nova palavra surge pela

supressão de um elemento, ao invés de um acréscimo. Assim, o que é eliminado não é um afixo, mas uma parte da palavra em estudo, como sendo um afixo. Ou seja, quando uma palavra é entendida como uma formação de base + afixo e o afixo é retirado para a criação de uma outra palavra composta apenas por uma base. Exemplos: abalo, agito, beijo, alcance.

Consiste em derivação parassintética, a soma simultânea de um prefixo e um sufixo a uma base para a formação de uma nova palavra. Essa derivação não é caracterizada apenas morfológicamente, mas também semanticamente, visto que apresenta a função semântica do prefixo mais a função sintática e semântica do sufixo. Citamos como exemplo as palavras entristecer, envernizar, amanhecer e emagrecer. Já a derivação imprópria, também chamada de conversão, pode ser definida, como o processo em que as palavras, sem sofrer qualquer acréscimo ou supressão em sua forma, mudam de classe gramatical. Dessa maneira, nessa derivação, verbos passam a ser substantivos, adjetivos passam a ser substantivos dentre outros. Exemplos: jantar, olhar, alto, cabeça.

No léxico, as palavras permanecem em níveis distintos e diversos e não constituem um grupo de elementos isolados. A partir do momento que a palavra é criada, independente de qual seja o processo de formação utilizado, ela passará a ser inserida na fala e na escrita de uma comunidade.

1.4 Relação entre léxico e dicionário

Com estudo específico do léxico, é possível abrir não só os campos da Lexicologia, como também o da Lexicografia e o da Terminologia. É por estes caminhos, em especial no que diz respeito à Lexicografia, que passamos a andar com o objetivo de esclarecer alguns aspectos constitutivos do componente lexical além das maneiras de funcionamento das unidades que os formam.

A definição do léxico pode alterar de acordo com a teoria que foi utilizada ou pelo privilégio dado a algumas das diversas expressões ou maneiras de realização das unidades lexicais, que são fortemente conhecedoras culturais, subjetivas e ideológicas, de um determinado idioma, ou seja, as palavras.

O léxico pode ser qualificado, tradicionalmente, como componente dinâmico, variado. Se analisado em contraponto à gramática, não é ordenado. Isso se dá devido as diversas irregularidades lexicais delineadas pela dinâmica do surgimento de novas expressões e palavras, e outras vezes pelo desuso que, com o passar do tempo, muitas delas acabam sofrendo.

Com isso, para que possamos entender a relação entre léxico e dicionário, é necessário definirmos Lexicografia. Para Genouvrier e Peytard (1973, p. 342), a Lexicografia pode ser entendida como técnica:

[...] a lexicografia é a técnica dos dicionários; [...]. É evidente que o lexicógrafo não pode tratar de léxico, fazer listas do mesmo do mesmo e definir-lhe os termos sem ter, mesmo que de maneira pouco consciente, uma concepção teórica do conjunto lexical sobre o qual trabalha. [...] é frequentemente o mesmo pesquisador que elabora os dicionários e põe, em termos de linguística, os problemas lexicais.

Como se pode observar nas palavras dos autores, não é possível separar o conhecimento técnico para a produção de dicionários do conhecimento teórico sobre o léxico, de modo que a consideração da Lexicografia como “técnica” é secundária.

Os autores mencionam que não são descartadas as mudanças nessa prática, visto que “os lexicógrafos que levam em conta as conquistas da linguística tendem a abandonar a definição e a substituir-lhe uma descrição: a dos traçados que circunscrevem os valores semânticos”. (GENOUVRIER; PEYTARD, 1973, p. 350)

A Lexicografia trata da coleta, do levantamento e do estudo das unidades lexicais sendo elas simples ou complexas, de várias línguas ou de uma língua específica, levando em conta o método, a organização e as significações dessas unidades em obras específicas, nesse caso, os dicionários.

Podendo ser definida como uma ciência que busca descrever o léxico de uma língua nos dicionários, a Lexicografia pode ser subdividida em duas áreas: a Prática e a Teórica. Cabe à primeira a elaboração dos dicionários, já à segunda, o estudo sobre tudo o que diz respeito aos dicionários. Embora ambas apresentem a mesma finalidade e descrição do mesmo léxico, Biderman, traz os seguintes dizeres:

[...] os estudiosos da Lexicografia têm se ocupado da problemática da formação de palavras [...]. Os lexicólogos vêm se dedicando também ao estudo da criação lexical, ou seja, dos neologismos. A partir da década de cinquenta muitas pesquisas foram realizadas em Estatísticas Léxica ou Léxico-estatística, visando a obter resultados aplicáveis ao ensino/aprendizagem do vocabulário, bem como investigações mais especulativas sobre a tipologia linguística [...] mais recentemente a Psicolinguística e Neurolinguística tem feito muitas pesquisas experimentais sobre a estocagem do vocabulário e o problema do acesso ao repertório lexical armazenado na memória (BIDERMAN, 2001, p. 15).

Outra definição apontada por Biderman (2001, p. 115) sobre Lexicografia, traz o seguinte parecer:

A Lexicografia é a ciência dos dicionários. É também uma atividade antiga e tradicional. A Lexicografia ocidental iniciou-se nos princípios dos tempos modernos. Embora tivesse precursores nos glossários latinos medievais, essas obras não passavam de listas de palavras explicativas para auxiliar o leitor de textos da antiguidade clássica e da Bíblia na sua interpretação. A Lexicografia só começou, de fato, nos séculos XVI e XVII com a elaboração dos primeiros dicionários monolíngues e bilíngues (latim e uma língua moderna). Os primeiros dicionários em língua portuguesa dignos do nome são: o Vocabulário Português- Latino de Rafael Bluteau (1712-1728), obra bilíngue em 8 volumes e o dicionário da Língua Portuguesa de Antônio de Morais Silva (1ª ed. 1789; 2ª ed. 1813). Quanto aos dicionários técnico-científicos, no português, eles são obra do século vinte; na verdade, nessa área estamos apenas começando.

Podemos perceber que a Lexicografia é de fundamental importância, permitindo que os dicionários tenham uma organização e estrutura em relação às unidades lexicais.

Com o apoio da tecnologia, a elaboração dos dicionários, que antes demorava anos, hoje tornou-se mais fácil, devido à facilidade no armazenamento de informações, fazendo com que os profissionais responsáveis busquem esses dados com mais rapidez e repasse a seus usuários as inovações ocorridas na língua.

Embora essas transformações venham ocorrendo gradativamente, ainda temos muito a nos adequar. Isso porque o dicionário de uma língua deveria ser atualizado e editado com uma frequência maior, se possível a cada ano. Existem alguns problemas que dificultam esse processo, a saber: a falta de recursos destinados a essa área por parte dos governos, a falta de apoio das produções científicas, além do grande número de lexias que são inseridas na linguagem a todo momento.

O dicionário no ensino do léxico é muito mais do que um objeto que possui uma lista de palavras com seus significados, ele passa a ser uma ferramenta pedagógica que oferece certas informações para um usuário. Então, como podemos definir o que é um dicionário?

Segundo Houaiss (2010, p. 258), “listagem, ger. em ordem alfabética, das palavras e expressões de uma língua ou um assunto com seus respectivos significados ou sua equivalência em outro idioma”. Já Borba (2002, p. 507) conceitua o dicionário como “obra que contém, parcial ou totalmente, os vocábulos de uma língua, dispostas por ordem alfabética, com seu significado e principais traços, na mesma ou em outra língua”. Correia (2009, p. 47) define como sendo “o repertório de informações sobre as palavras”.

Biderman (2001, p. 193) traz o seguinte comentário em relação aos dicionários: “os dicionários costumam arrolar os diferentes significados do campo de significação de cada um dos seus verbetes”. Com isso, na produção de um dicionário, o lexicógrafo deve relacionar os significados das palavras do léxico, organizando os seus verbetes e seus lexemas de acordo com a língua.

Para a mesma autora (2001, p. 05), o dicionário tem um lugar especial na área linguística, quando menciona que “é um repositório da riqueza vocabular de uma língua. Ele contém muita informação sobre o conhecimento que se tem do mundo através das palavras que são de fato, etiquetas que registram esse conhecimento”. Já Parreira (2007, p. 284) menciona o dicionário como “uma obra que representa a língua e a cultura de uma coletividade, em um certo período, concebido com objetivos determinados”.

Lara (2004) descreve o dicionário como uma obra e um fenômeno complexo, quando o conceitua

Como depósito da memória social do léxico, como instrumento de informação para as diversas sociedades que o utilizam, no espaço e no tempo; como instrumento de tradução e entendimento entre os falantes de duas ou mais línguas, quando se trata dos dicionários bi- e multilíngues, como horizonte normativo dos falantes de uma língua e de seus diferentes dialetos; como discurso culto, referido ao estado em que se encontra uma comunidade linguística particular, e situado em seu caráter político e cultural. (LARA, 2004, p. 144)

A partir desses conceitos, podemos perceber que as informações que adquirimos ao consultar um dicionário são diversas, envolvendo representações culturais como um todo registradas naturalmente pela língua. É através dessa diversidade que notamos que as palavras possuem vários significados dependendo do contexto em que poderá ser usado.

Em se tratando da quantidade de informações que contém um dicionário, elas podem variar. Nos dicionários mais completos, as informações que encontramos nos ajudam a entender para que serve a palavra com informações sobre sinônimos, antônimos; informações sobre a diversidade de significados da mesma palavra sejam eles os mais utilizados e os com menor uso; informações sobre a classe e o gênero gramatical, a origem etimológica; e a possibilidade de diferentes grafias para a mesma palavra.

Destacamos que desde o século XVIII os dicionários são importantes para o ensino do léxico e para a história da Lexicografia, conforme mencionam Genouvrier e Peytard (1973, p. 343-344):

[...]1712 – BLUTEAU – Dicionário Português e Latino... com exemplos dos melhores escritores portugueses e latinos. Coimbra, 1712; [...] 1836 – CONSTANCIO – Novo dicionário crítico e etimológico; [...] 1906 – GONÇALVES VIANA – Apostilas aos dicionários portugueses (2 vols.); [...] 1967 – ANTENOR NASCENTES – Dicionário da língua portuguesa (4 vols.) [...].

Esses dicionários ganharam destaque, e com isso houve a necessidade de uma classificação e uma tipologia: os dicionários bilíngues e dicionários monolíngues; dicionários extensivos e dicionários seletivos; dicionários de palavras e dicionários de coisas.

Embora os primeiros dicionários a serem utilizados tenham sido os bilíngues, eles davam a ideia de volta no tempo, pois nesse período o latim tinha se tornado a língua estrangeira para os leigos. Mas aconteceram adaptações e agora utilizamos os dicionários monolíngues em nosso dia-a-dia para análise e consulta de nossas atividades. Importante frisar que Genouvrier e Peytard (1973, p. 345) ressaltam que “o dicionário de Moraes foi, talvez, o primeiro contemporâneo a adotar uma orientação tipicamente monolíngue”.

De acordo com o público-alvo e novos autores, surgiram a diversidade dos dicionários havendo assim a necessidade de organizá-los para melhor uso. Biderman (1984, p. 27) traz essa relação:

- Dicionário padrão: como macroestrutura de 50.000 a 70.000 verbetes. As unidades léxicas de um dicionário-padrão jamais serão todas utilizadas por um falante da língua por mais culto que ele seja.
- Dicionário geral da língua ou *thesaurus* que pode conter uma macroestrutura de 100.000 a 500.000 verbetes e inclui palavras raras, desusadas, obsoletas, outras que são exclusivamente literárias, um grande número de termos técnicos e científicos, de regionalismo e de neologismo.
- Minidicionários, infantis e/ou básicos - até 7 anos com nomenclatura de até 5.000 verbetes; entre 7 e 10 anos, a macroestrutura dos minidicionários pode chegar a 10.000 palavras-entrada.
- Dicionário escolar e/ou médio – com macroestrutura aproximada de 25.000 verbetes.

Com o constante crescimento da nomenclatura, os dicionários foram se transformando em catálogos de palavras de uma determinada língua, o que levou à necessidade de separar as informações tendo como base os critérios sociais, históricos, ambientais, técnicos, entre outros.

Os dicionários escolares e/ou médios, referem-se ao tipo de orientação que o lexicógrafo irá escolher para descrever seu objeto. Ele poderá analisar a língua a partir do léxico, informando sobre origem, característica da palavra apresentada a fim de repassar ao leitor as informações necessárias de maneira clara e objetiva.

A partir da classificação de Biderman, citada anteriormente, houve a necessidade de pensar como as palavras seriam classificadas, para que os leitores tivessem uma facilidade maior ao procurá-las. O que conhecemos em nossos dicionários é que elas são classificadas em ordem alfabética, porém essa ordem não se baseia nos critérios linguísticos e em muitas vezes não foi o escolhido pelos lexicógrafos.

Há outros tipos de classificação baseadas, por exemplo, na etimologia, que busca reunir o conjunto das palavras pertencentes à mesma família ao redor da palavra primitiva. Outra classificação é a ideológica, baseada nos conceitos que a palavra corresponde e, por fim, a classificação em ordem inversa, quando a última letra determina a ordem da palavra.

Para que atenda à necessidade dos usuários é importante a diversidade de tipos de dicionários. Isso nos leva a destacar três tipos: o dicionário geral da língua que, segundo Correia (2009, p. 39), tem por objetivo “dar conta do maior número possível de unidades de uma língua e do maior número possível de acepções para cada unidade”. O segundo tipo de dicionário é o de especialidade que tem por finalidade repassar informações sobre elementos específicos e limitados de unidades da língua. Eles podem refletir também sobre o uso lexical mais característico de um dialeto regional ou social, ou sobre antônimos, sinônimos, regências nominais e verbais.

E o terceiro tipo, que são os dicionários escolares ou pedagógicos, considerados menores tanto no formato quanto na quantidade de entradas e informações, apresentam uma linguagem simples e clara para o nível de alunos do ensino fundamental e médio. Como esse tipo de dicionário é utilizado para consulta em sala de aula, ele dispõe de uma quantidade pequena de informações, o que leva, muitas vezes, à necessidade de alternar com outros mais completos.

Para que um dicionário seja considerado completo, ele deve sugerir indicações de como utilizar os itens lexicais. As funções do dicionário permitem uma quantidade significativa de informações que nos levam a ter conhecimento de sua importância. É por meio desse tipo de obra que conhecemos, desde a origem das palavras até sua classificação para o uso; dominamos com mais precisão as significações para o entendimento da leitura e escrita das palavras; conhecemos a estrutura própria de um dicionário etc.

O domínio de consulta a um dicionário forma um critério importante para o uso da língua, contribuindo em especial para as condições de letramento. As funções do dicionário vão muito além do que uma sugestão da maneira de como se escreve, separa em sílaba ou a qual classe gramatical pertence determinada palavra.

É por meio do dicionário que o discente encontrará informações sobre o léxico, seus sentidos e usos, com informações morfológicas, fonológicas e sintáticas. Assim, a obra lexicográfica favorece para o desenvolvimento da habilidade de leitura e da produção textual nos diversos níveis que essas atividades possibilitam.

Quando utilizamos o dicionário como um instrumento didático, apontamos sugestões de leituras, buscando alcançar objetivos como o de levar os discentes a uma consulta direcionada para as grandes questões dedicadas à nossa língua, à nossa cultura e aos diversos conhecimentos científicos. Isso nos leva a crer que a função do dicionário não é apenas de tirar dúvidas, mas que deve ser reconhecido como um texto a partir do qual imaginamos várias leituras.

Com o passar dos tempos, novas palavras vão surgindo e outras vão caindo em desuso, e, em grande parte, os dicionários não conseguem acompanhar essas mudanças, muitas vezes espontâneas e rápidas, visto que nossa língua é viva e está em constante renovação.

Os dicionários, portanto, são obras que variam de uma edição para outra, uma vez que são capazes de receber modificações em sua constituição, já que as palavras nascem ou somem, passam de uma língua para outra, transformam-se, e é por meio delas que a cultura e o conhecimento de uma determinada comunidade são representadas. Assim, é preciso que os dicionários sejam renovados, inserindo as novas palavras e os empréstimos linguísticos.

Nenhum dicionário poderá ser usado por muitos anos. Isso porque é bem improvável encontrar em um dicionário bem mais velho, novos vocábulos. Como exemplo, podemos citar os termos que utilizamos na área da tecnologia em nosso dia-a-dia. Com isso, percebemos que o dicionário não é um recurso acabado, limitado, mas que, assim como a nossa língua, deve estar sempre em atualização.

Para cada área existe um tipo de dicionário específico que apresenta detalhadamente cada termo. Por isso devemos buscar o tipo de dicionário mais apropriado conforme as necessidades a serem alcançadas. Há aqueles que auxiliam na produção textual, outros para a busca do significado das palavras e consulta ortográfica, outros para termos técnicos e específicos de áreas afins.

Krieger (2005, p. 105) apresenta os seguintes dizeres em relação às diversas diferenças entre os dicionários: “quer pelo registro e tratamento dos dados lexicais, gramaticais e os diferentes enfoques semânticos, quer pelas marcas ideológicas que contem como qualquer outro texto”. Citamos como exemplo, os dicionários classificados como escolares que podem variar de uma obra para outra, de um nível de usuário ou de uma área específica.

Geralmente, nas escolas, os dicionários utilizados são menores e muitas vezes não possuem critérios que suprem as necessidades a serem alcançadas pelos educandos. Esses dicionários escolares são formados como livros de bolso, possuem um número reduzido de entradas, além de diminuir as definições das palavras interiormente.

Para que os alunos e/ou usuários compreendam o significado das palavras contidas nos dicionários, é necessário que, além deles disponibilizarem um embasamento teórico, devem representar uma proposta lexicográfica. Isso porque o dicionário é produzido com o objetivo de trazer informações e proporcionar novas palavras em nosso repertório lexical, pois o léxico de nossa língua é aberto e a cultura é dinâmica.

Sabemos que não é apenas por meio do dicionário que o léxico é adquirido e ampliado, mas através das múltiplas relações sociais e do aprendizado escolar. Do mesmo modo que a

aquisição do léxico é totalmente social dependente dos usuários e do acesso a informações e ao nível escolar.

O dicionário é um instrumento importante, em especial nas aulas de Língua Portuguesa, porém sabemos que o uso desse recurso é limitado e pouco abordado pelo educador. É de fundamental importância a capacitação desses profissionais, através de oficinas, cursos que fornecem conhecimentos sobre a Lexicografia, com o objetivo de desenvolver, com o uso do dicionário, meios pedagógicos que auxiliem na ampliação lexical dos alunos.

A Lexicografia Pedagógica, a partir do ano de 2001, no Brasil, teve um passo importante, pois o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), passou a avaliar os minidicionários escolares de Língua Portuguesa para serem distribuídos aos educandos das escolas públicas brasileiras. Depois do ano de 2005, um novo método de distribuição dos dicionários foi criado de modo a priorizar o uso dessa ferramenta em sala de aula. Ao invés de entregar um exemplar para cada educando, o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) repassa os dicionários a todas as unidades públicas escolares do 1º ao 9º ano do ensino fundamental.

Em cada obra repassada para as unidades educacionais, acompanha-se um manual que esclarece sobre alguns pontos lexicográficos e propostas direcionadas sobre o uso do dicionário em sala de aula. O referido manual, que foi desenvolvido por Egon Rangel intitulado “Com direito à palavra: dicionários em sala de aula”, menciona que o dicionário se torna uma ferramenta pedagógica essencial em sala de aula, na maneira que fornece um conhecimento ordenado sobre o léxico colaborando para que o educando progrida na capacidade de comunicação nas mais diversas situações comunicativas.

1.5 A competência lexical e a competência comunicativa

Um dos objetivos do ensino do léxico é desenvolver a competência do discente. Nesse caso, é importante analisarmos esses termos e inseri-los dentro do esboço teórico da competência comunicativa, que é definida como um grupo de conhecimentos gerais que possibilita ao usuário saber quando e o que falar. Precisamos compreender, primeiro, sobre essa competência comunicativa para, depois, entendermos sobre competência lexical, que é uma das habilidades que direcionam à competência comunicativa. Descreveremos esses dois conceitos para facilitar nossa compreensão.

Tanto na Linguística Aplicada quanto na Linguística Teórica, a palavra competência constitui-se de um dos mais desordenados e discutidos conceitos. Uma definição sobre

competência comunicativa, apresentada por Almeida Filho, envolve o empenho do indivíduo que, por sua vez, necessita do seu nível de acesso aos conhecimentos livres.

Um conhecimento abstrato subjacente e a habilidade de uso não só de regras gramaticais (explícitas ou implícitas) como também de regras contextuais ou pragmáticas (explícitas ou implícitas) na criação do discurso apropriado, coeso e coerente. Esse conceito de competência comunicativa é para alguns teóricos distinto do conceito de desempenho comunicativo [...], mas o tomamos aqui como englobando tanto competência como desempenho efetivo. (ALMEIDA FILHO, 1997, p. 56)

Podemos perceber que a competência comunicativa envolve a competência e a execução. Na realidade, não é possível separar uma da outra, visto que a primeira se forma como um sistema concreto e só é notado pela segunda, isto é, através da execução.

Sendo classificada como um conhecimento concreto que fica guardado na mente dos usuários, a competência atua como o uso real desse conhecimento que abrange as normas pragmáticas e gramaticais, contextuais na formação de um discurso adequado.

A competência lexical está disposta na estrutura teórica da competência comunicativa, além de ser considerada também como objetivo do ensino do léxico o desenvolvimento dessa competência para os discentes.

Neto (2009, p. 159) afirma que a competência lexical “consiste no conhecimento e na capacidade de utilizar o vocabulário de uma língua e compreende elementos lexicais e gramaticais”. Esse parecer consiste na limitação dos aspectos lexicais somente na ideia do vocabulário, embora destaca a real importância entre os elementos lexicais e gramaticais como base para o uso da língua.

Uma breve definição proposta por Ferraz (2008, p. 146) conceitua a competência lexical como “a capacidade de compreender as palavras, na sua estrutura morfossintática e nas suas relações de sentido com outros itens lexicais constitutivos da língua”. Assim, o autor ressalta que o entendimento das palavras deve-se às suas junções com outros fatores da língua, nos levando a pensar no uso efetivo da unidade lexical.

O que é preciso para adquirir um conhecimento ideal de uma unidade lexical? Novamente ressaltamos as palavras de Ferraz:

a- conhecer sua forma (fonológica, morfológica e gráfica);
 b- conhecer seu comportamento sintático e seu significado (referencial, associativo, pragmático);
 c- conhecer suas relações com outras palavras (paradigmáticas e sintagmáticas);
 d- ter maior velocidade de acesso à unidade lexical memorizada, como indicativo da fluência lexical. (FERRAZ, 2008, p. 150)

Complexos e diversos são os conhecimentos a serem desenvolvidos sobre os itens lexicais. Ferraz (2008) esclarece sobre a competência lexical de um indivíduo de maneira que:

Se caracteriza como o domínio de parte do léxico efetivo, no que diz respeito ao conjunto das unidades lexicais, e o domínio de padrões lexicais, responsáveis pela realização, produção, e interpretação dessas mesmas unidades, em discursos manifestados, bem como pela formação de unidades novas consideradas boas ou aceitáveis ou ainda pela possibilidade de evitar a formação de unidades inaceitáveis. (FERRAZ, 2008, p. 147)

A partir dessa definição, fica clara a necessidade de usar os conhecimentos relacionados às unidades e aos padrões lexicais para que a competência lexical seja desenvolvida, já que é através do uso, da execução, que buscamos colocar em prática nossos conhecimentos. O autor também insere a competência para identificar os neologismos lexicais e construir novas unidades, lembrando da dinâmica produtiva e renovadora da língua, no que se diz respeito aos conhecimentos fundamentais a um usuário em termos de léxico.

1.6 Ensino do léxico

É fundamental que os alunos, desde o início de sua escolarização, saibam da importância da ampliação e conhecimento lexical, visto que são necessários para o desenvolvimento no decorrer do ensino e para a comunicação seja dentro ou fora da unidade escolar.

É notável que o ensino do léxico é posto em segundo plano não apenas nos livros didáticos, mas nas práticas de ensino de grande parte dos docentes. Antunes (2012, p. 20-21) ressalva que na maior parte dos LD, “o estudo do léxico fica reduzido a um capítulo em que são abordados os processos de ‘formação de palavras’, com a especificação de cada um desses processos, acrescida de exemplos e de exercícios finais de análise de palavras”.

Os professores têm como base para o ensino, o livro didático, em especial no ensino fundamental. Será que o livro didático traz essas atividades que reforçam o ensino do vocabulário? Segundo Antunes (2012, p. 21-22) “são [...] pouco frequentes as observações dos professores acerca da pouca qualidade dos livros didáticos que exploram de forma insuficientes questões de vocabulário”. A autora aponta ainda que “as dimensões do léxico na ótica da textualidade são praticamente descartadas”. O livro didático não deveria ser a única fonte para o estudo do léxico aplicado em sala de aula, pois diversos são os suportes que podem auxiliar nesse aprendizado, como os recursos tecnológicos e as mídias sociais.

Ilari (1997), em pesquisas desenvolvidas sobre o ensino do vocabulário, apresenta atividades que duram até os dias atuais nos livros didáticos, nas quais o léxico é reduzido a glossários, levando o educando a acreditar que o significado está ligado apenas ao vocabulário e não ao texto por completo, além do fato de não se compreender se os vocábulos apresentados nos glossários são os realmente desconhecidos pelos educandos. Embora o autor aceite essa

prática legítima, destaca, porém, que não deverá ser a única a ser usada para o ensino do vocabulário.

Nos estudos desenvolvidos no início das séries educacionais, Kleiman (1987, p. 49) menciona que a semelhança ou relação entre as unidades linguísticas formam o centro do ensino do vocabulário. O ensino dessa noção está focado em torno da sinonímia entre essas unidades, ou seja, para cada lexia desconhecida, são previstas equivalências que, “descontextualizadas, ignoram a questão relevante de usos e propriedades parcialmente compartilhadas entre as palavras”.

Ambas as autoras destacaram em seus trabalhos que o procedimento mais sugerido pelos materiais didáticos para o ensino do vocabulário é a apresentação clara de significados supostamente desconhecidos pelos educandos para as UL. Tais situações são vistas pelo fato de que, na maioria das vezes, os itens lexicais de um glossário trazem apenas a definição que apresenta sentido no texto em que estão incluídos.

O grau de ensino e o tipo de comunicação determinam o tipo de vocabulário utilizado pelos educandos, o que pode ajudar ou dificultar a tarefa do docente: facilita quando incentiva a intuição linguística, e dificulta quando os jogos dos sinônimos facilitam a aproximação, levando o educando ao conhecimento lexical das palavras.

Genouvrier e Peytard (1973, p. 358) destacam que precisamos levar em consideração que o ensino do vocabulário tem como principal função enriquecer o léxico individual do educando de maneira quantitativa e qualitativa. Os autores apontam que “o essencial é saber explorar essa intuição, para levar o aluno a compreendê-la e a situá-la: não se trata de teorizar [...] mas de fixar aquilo que o aluno sente intuitivamente”.

É interessante destacar que o enriquecimento do vocabulário se dá a partir das atividades pertencentes não só ao ensino da Língua Portuguesa, mas da junção de todas as outras disciplinas. O interessante é que o trabalho de observação e análise não seja apenas do vocabulário estudado em sala de aula, mas que essas palavras sejam utilizadas na oralidade. Com isso, o aluno pode distribuir essas palavras em novas frases ou textos compreendendo seus significados e suas classificações.

Nas aulas de Língua Portuguesa, o léxico assume uma função importante, quando tratado de forma ligada ao texto, assim desenvolve o potencial linguístico do educando, a sua competência lexical. Esse ensino deve abranger vários contextos, visto que as unidades lexicais podem assumir diversos significados de acordo com cada contexto utilizado. Bezerra (1998, p. 4) subentende, em relação a essa situação, que: “um mesmo item deve ser apresentado aos

alunos em diversos contextos e em várias oportunidades, para que eles possam armazená-los em sua memória de longo termo”.

Outros autores que trazem informações sobre este questionamento são Genouvrier e Peytard (1973, p. 289) quando sintetizam:

A preocupação em ensinar um vocábulo efetivamente encontrável e encontrado (na leitura ou no preparo de exposições orais) tem geralmente como correlativo a preocupação em contextualizar a palavra ou em verificar suas relações com outras palavras da língua.

Em se tratando de um item lexical contextualizado, é fundamental conhecer as unidades lexicais inseridas nos vários tipos de gêneros textuais que giram na nossa sociedade com o objetivo de ir muito mais além do que a busca pelo sinônimo ou significado de certa lexia desconhecida até o momento pelos alunos.

A compreensão de uma unidade linguística ocorre da junção desse item com os demais inseridos nas frases e no texto, e, muitas vezes, da relação desse item com o conhecimento já adquirido. Com isso, é possível compreender o sentido do texto, unindo o conhecimento de dentro com o de fora do contexto. Nesse contexto, Ilari (1997) traz as seguintes palavras:

Deve-se ter em mente que o encontro de unidades lexicais desconhecidas[...]é uma experiência corriqueira, que deverá repetir-se inúmeras vezes pela vida afora, depois que o aluno superar a experiência escolar. Por isso é desejável, no tocante ao vocabulário, que a escola se preocupe mais em formar atitudes e consolidar hábitos do que em atingir metas quantitativas arbitrariamente fixadas. (ILARI, 1997, p. 58)

É por meio de um ensino adequado do léxico que o aluno poderá se comunicar e expressar melhor, nas mais variadas situações de comunicação, visto que, ao compreender com clareza os itens lexicais, pode buscar mecanismos para elaborar de maneira clara e adequada seu discurso, facilitando, assim, a compreensão dos vastos discursos que encontrará diariamente.

Reconhecer as unidades lexicais vai muito além de saber seus significados, é necessário que esses conhecimentos fiquem armazenados em nossa memória, lembrando de suas características. É preciso sabermos em quais situações devemos utilizá-las, juntamente com os demais itens lexicais, com isso o usuário irá se tornando apto na nossa língua.

É comum recorrermos ao dicionário apenas quando temos alguma dúvida ao escrevermos uma palavra, ou até mesmo quando não sabemos o seu significado e essa não é a sua função. O dicionário precisa ser inserido como um recurso didático para o ensino de línguas, em especial quando nos referimos à língua materna.

No ambiente escolar é importante que o dicionário seja utilizado de modo habitual, com o intuito de o consulente absorver informações sobre os diversos sentidos da palavra, suas prováveis combinações, sua etimologia etc. Isso é importante, segundo Antunes (2012, p. 144), para “promover a ampliação do repertório lexical do aluno, uma conquista que de fato, tem muita e relevante aplicação no exercício diário das ações de linguagem”.

Antunes (2012, p. 144) ressalta a importância do dicionário nas unidades escolares quando defende “uma ampliação significativa das finalidades de uso do dicionário nas aulas de português, o que ultrapassa até mesmo a identificação do sentido de uma palavra”. Apenas o texto é que vai expressar os diversos sentidos possíveis, aqueles que de fato devem ser considerados. Assim, em relação ao ensino do léxico, os dicionários podem ser considerados como instrumentos didáticos inerentes ao processo de aprendizagem.

Os dicionários voltados para o ensino infantil, são ferramentas que auxiliam na leitura e no entendimento das palavras pelas crianças, mas é necessário estudar e compreender se elas conseguem realmente decodificar e entender os textos que estão lendo. Desse modo, um conceito bem adequado ao nível de linguagem do aluno torna-se indispensável.

1.7 A formação do educador de língua materna e alguma compreensão em relação ao léxico

A linguagem é um fato complexo, cujas dimensões precisam ser estudadas e aprofundadas. Uma destas dimensões está vinculada ao léxico, já que seu estudo é necessário para o desenvolvimento da competência comunicativa. É necessário que o docente, em especial de Língua Portuguesa, tenha um conhecimento sobre a composição e organização do léxico, bem como sobre suas regras de produtividade antes de começar sua regência em sala de aula.

O conhecimento e a formação do educador de Língua Portuguesa são muito importantes, visto que se trata de uma disciplina interdisciplinar, a qual está ligada à totalidade da linguagem. Levando em conta que uma dessas dimensões está direcionada ao léxico, seu estudo é necessário para o desenvolvimento da competência comunicativa do usuário, pois, quanto maior for o conhecimento do seu vocabulário, maior será a facilidade para ler, escrever e compreender novos textos.

Alguns anos atrás, o ensino do vocabulário nas unidades escolares restringia apenas ao item lexical de modo isolado e/ou em pequenas frases. Com as considerações trazidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), e com a evolução dos estudos na área da Linguística Textual, o estudo do léxico vem passando por algumas transformações, como o ensino das

unidades lexicais de maneira contextualizada. É visível que essa transformação ainda está longe de oferecer um ensino que realmente desenvolva a competência lexical dos educandos.

O léxico é um grupo de itens coordenados e não de itens isolados. Logo, os usuários devem fazer uma ligação em relação aos conteúdos semânticos que as unidades lexicais desempenham, para que tenham a oportunidade de formar seu conhecimento, estabelecendo uma relação semântica entre as palavras, de modo que analisem a função das unidades lexicais na coesão contextual. É preciso, ainda, verificar o desempenho dos itens lexicais no texto para que se possa formar uma unidade de sentido fazendo inferências e combinações.

Costa (2015) destaca algumas atividades que o educador de Língua Portuguesa deve concernir ao ensino do léxico:

- a- partir do princípio de que a competência no uso da maioria das palavras varia de falante para falante – respeito às individualidades;
 - b- partir do princípio de que a competência inferencial pode ser enriquecida através da reflexão sobre a aplicação das palavras;
 - c- mostrar para os alunos que a língua é um fato social e o léxico, como competente integrante da língua, tem regras e bloqueios;
 - d- levar o aluno ao desenvolvimento da competência lexical, sem simplesmente adotar uma postura de censura diante dos novos itens criados sem critérios pelos alunos.
- (COSTA, 2015, p. 116)

Para que esses pontos sejam adotados e implantados em sala de aula, o docente deve ter um conhecimento grandioso do que vem a ser o léxico e sua fundamental importância para o ensino da língua, assim como suas regras de produtividades lexicais. Isso nos leva a crer que esse professor deverá ter uma formação sólida, o que ainda não é tão complementado nas grades dos cursos de Letras, passando a ter conhecimento para criar estratégias para que o educando passe a desenvolver a sua competência lexical.

CAPÍTULO II

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, vamos apresentar a metodologia que seguimos para o desenvolvimento da pesquisa.

2.1 A pesquisa

Iniciamos nosso caminhar com uma pesquisa bibliográfica que, segundo Marconi e Lakatos (2008, p. 57) “não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”. A pesquisa bibliográfica busca compreender uma situação ou um problema por meio de referências teóricas reproduzidas em documentos. Ela pode ser desenvolvida de forma independente ou com a junção das pesquisas descritivas ou experimental. A primeira, registra, analisa, estuda e liga os fatos sem modificá-los ou alterá-los, já a segunda é definida por influenciar diretamente as variáveis ligadas com o objeto de estudo.

Formada como parte da pesquisa descritiva ou experimental, a pesquisa bibliográfica, conforme Cervo e Bervian (2002, p. 66), “é feita com o intuito de recolher informações e conhecimentos prévios acerca de um problema para o qual se procura resposta ou acerca de uma hipótese que se quer experimentar”. Ou seja, é conhecer e observar as contribuições existentes sobre um problema, um assunto e/ou uma inquietação para encontrar tais explicações e soluções.

Levando em conta que nossa proposta de pesquisa foi analisar a abordagem do vocabulário no ensino de Língua Portuguesa com o intuito de desenvolver material de apoio pedagógico para o ensino fundamental I, o presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de natureza híbrida, visto que utilizamos uma abordagem bibliográfica descritiva para a fundamentação teórica, e quantitativa e qualitativa para a análise dos documentos escolares, levando em conta a presença do ensino do vocabulário nos livros didáticos.

Considerando as definições para léxico e vocabulário expostas no capítulo teórico, optamos por selecionar atividades que, em algum aspecto, abordassem o ensino de unidades léxicas e seus significados. Entendemos que a escolha em si dessas atividades, configurou para nós a compreensão do que é ensinar o léxico da língua, uma vez que notamos que, para se

ensinar uma unidade, é preciso passar pelo seu significado e seu uso, apontando assim, para uma característica que pareceu-nos inata aos estudos com o léxico: a interdisciplinaridade.

Atividades com sinônimos e antônimos; formação de palavras a partir de composição; ordem alfabética; definição do verbete; atividades de ortografia: palavras escritas com a letra “p” e “l”, substantivos terminados em -ez, -eza etc. Dessa maneira, essa pesquisa está relacionada com o método descritivo e o qualitativo interpretativo, com ênfase na abordagem qualitativa, visto que vamos analisar as informações levantadas sobre o ensino do vocabulário para identificarmos como este se desenvolve no âmbito do Ensino Fundamental I, no que se refere aos livros didáticos.

2.2 Análise documental

A investigação dos dados é a fase em que a pesquisa é desenvolvida com o objetivo de reunir as informações preliminares sobre o campo desejado. O primeiro passo de uma pesquisa científica é produzido de duas formas: a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental.

Na visão de André e Lüdke (1986, p. 38), a análise documental é definida como “uma técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”.

Nesse ponto de vista, pode ser considerado como documento qualquer material escrito que seja utilizado como meio ou fonte para informações. Para os autores, essas fontes de pesquisas incluem “desde leis e regulamentos, normas, pareceres, cartas memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, discursos [...] até livros e arquivos escolares”. (ANDRÉ; LÜDKE, 1986, p. 38). Para o desenvolvimento desse trabalho, vamos utilizar como fontes de pesquisa os livros didáticos adotados para Língua Portuguesa nas escolas municipais escolhidas e os documentos oficiais: Referencial Curricular do Estado de Tocantins e os projetos Políticos Pedagógicos das escolas.

Para que os dados adquiridos por meio da análise documental sejam organizados de maneira correta é necessário que esse processo seja feito através de esquemas, anotações, quadros, planilhas e outras maneiras pelas quais seja possível o entendimento posterior. Não existe um meio mais correto do que o outro para sistematizar esses dados, o que deve ser levado em conta é uma sistematização coerente do tema escolhido no intuito de alcançar os objetivos do trabalho. Como descrito por André e Lüdke (1986, p. 42), “essas anotações, como um primeiro momento de classificação dos dados, podem incluir o tipo de fonte de informação, os tópicos ou tema tratados, o momento e o local das ocorrências”.

Na visão de Flick (2004, p. 232), “na interpretação de dados, o treinamento e a troca reflexiva a respeito dos procedimentos interpretativos e dos métodos de codificação podem ampliar a confiabilidade”. Ou seja, todo o processo de análise dos dados torna-se possível através de informações adquiridas levando a resultados confiáveis. Nosso objetivo principal foi analisar as atividades relacionadas ao vocabulário em duas coleções de livros didáticos. Só a partir da interpretação dos dados, no caso, das atividades, é que descobriremos em qual período esses conteúdos são repassados para os educandos, bem como quais tipos de atividades são mais explorados pelos livros didáticos. Para Marconi e Lakatos (2017, p. 22), “a importância dos dados está não neles mesmos, mas no fato de proporcionarem respostas às investigações”.

2.3 Caminho para aquisição dos dados

O primeiro passo foi pensarmos de que maneira iríamos obter as informações contidas nos documentos oficiais que desejamos para realizarmos a pesquisa. Surgiu então a ideia de desenvolvermos essa pesquisa com algumas escolas da rede municipal de ensino da cidade de Araguaína-TO. A cidade é considerada a segunda maior do estado do Tocantins, e nos foi dada a oportunidade de analisar unidades escolares em vários bairros, sendo eles centralizados ou periféricos.

Encaminhamos um ofício ao Secretário Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer, solicitando a autorização para consulta e análise dos seguintes documentos: Referencial Curricular do município de Araguaína, Projeto Político Pedagógico das escolas de dois núcleos¹ (um de escolas periféricas e outro de escolas centrais) e os Livros Didáticos de Língua Portuguesa do 5º ano do Ensino Fundamental adotados no último Programa Nacional do Livro Didático – PNLD por todas as unidades escolares desses núcleos.

O documento mencionado foi entregue próximo ao final do primeiro semestre letivo e não obtivemos retorno logo de imediato. Como os documentos solicitados devem ser acessíveis à comunidade, pais e/ou estudantes, fomos em busca de uma resposta e o que nos foi explicado é que a maior parte dos responsáveis por esse departamento estava de férias e que logo retornariam a solicitação. No final do mês de julho de 2019, em uma reunião com o superintendente educacional e as responsáveis pelos documentos oficiais e pelo PNLD, que teve o intuito de compreender sobre a pesquisa a ser desenvolvida, a nossa solicitação foi

¹ As escolas municipais de Araguaína-TO são divididas em 10 núcleos, distribuídos conforme a localização e as proximidades dos setores de cada uma dessas unidades, geralmente cada núcleo é constituído por 5 escolas.

atendida. Com um novo ofício, tivemos a autorização para pesquisar dois núcleos distintos, cada um com cinco unidades escolares, sendo um periférico e o outro centralizado.

Conforme informação da Secretaria Municipal, essa divisão dos núcleos escolares ocorre devido ao número de bairros que a cidade possui. Geralmente, cada núcleo é composto por cinco instituições que ficam localizados em bairros vizinhos uns aos outros. Para que os profissionais da área possam ter um melhor acompanhamento, essa divisão é sugerida.

A partir desse momento, surge um novo desafio: visitar essas dez unidades escolares em busca dos materiais para análise e aquisição das informações desejadas. Quatro delas estão situadas em bairros afastados, considerados mais suscetíveis à violência. Para que pudéssemos visitar as unidades escolares, traçamos uma rota, uma espécie de mapa. Tivemos o auxílio de uma amiga para localizar grande parte das escolas, as demais buscamos os endereços na internet. Como o campus da Universidade Federal do Tocantins (UFT) está bem centralizado, foi ali nosso ponto de partida. Precisávamos visitar os dois núcleos escolares, o I e o V, que oferecem do 1º ao 5º ano para analisar os documentos: Programa Político Pedagógico (PPP), o Livro Didático de Língua Portuguesa, que poderia ser diferente de uma unidade para outra (e foi essa nossa intenção ter: mais de um Livro Didático para consulta), e Referencial Curricular do município. Começamos então pelo grupo V, em seguida fomos para o I, constituídos, cada um, como mencionado, por cinco escolas.

Após a obtenção desses materiais, partimos para a análise dos livros didáticos com o intuito de identificar e selecionar as atividades que abordam o ensino do vocabulário. Outras questões, como as que utilizam o uso do dicionário e a formação de novas palavras, também foram analisadas, isso porque essas atividades contribuem de certo modo para a ampliação desse vocabulário.

Buscamos, nesses livros didáticos, a evolução dos níveis destas atividades de acordo com cada ciclo de ensino. A cada vez que passamos de um ano para o outro, subentende-se que essas atividades também vão se tornando mais dinâmicas, e requer mais esforços por parte do alunado, sendo necessário um conhecimento maior para desenvolvê-las.

Com essas atividades selecionadas, observamos como são propostas pelos autores do LD para serem aplicadas aos alunos, A partir desse momento, faremos alguns comentários com base em outros autores que abordam conteúdos semelhantes aos apresentados, assim teremos um embasamento teórico mais adequado.

Depois desse processo de análise das atividades que foram escolhidas, em média 2 ou 3 por cada coleção, contabilizamos nos LD das duas coleções todos esses exercícios que apresentam sobre esse ensino, os quais serão representados em gráficos para compreendermos

melhor a quantidade dessas atividades. Realizamos essa contagem folheando página por página de cada LD, buscando quais atividades apresentavam o sentido que desejávamos.

Mesmo sabendo da grande importância desse conjunto de atividades para o desenvolvimento dos educandos que estão na fase inicial do conhecimento, ainda é preciso ser feito muito, ampliado e desenvolvido, informações que podem ser comprovadas na parte da análise dos dados, logo adiante.

CAPÍTULO III

DOCUMENTOS OFICIAIS

3.1 Referencial Curricular do Estado do Tocantins

O Referencial Curricular do Estado do Tocantins foi baseado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), conforme estabelece a legislação da educação brasileira, tendo como objetivo favorecer a todas as crianças, adolescentes e adultos o direito à aprendizagem, através de um conjunto de habilidades básicas.

O documento que norteia a educação no estado do Tocantins menciona o vocabulário em contextos semelhantes, embora seja bem limitado, desde o 1º até 5º ano do ensino fundamental respectivamente. No primeiro ano, como os educandos estão na fase inicial de ensino, é apresentado de modo bem resumido. Restringindo ao ensino dos verbetes de enciclopédias infantis; o processo de formação de novas palavras; e a sinonímia e antonímia.

No 2º ano, os conteúdos destinados para esta finalidade também são reduzidos, retomam os conteúdos apresentados no ano anterior, como a formação de novas palavras, por meio da inclusão e exclusão das sílabas; e o ensino de verbetes de enciclopédias infantis.

Para o 3º ano, espera-se que os alunos já estejam mais desenvolvidos, assim é possível que um maior número de conteúdos seja abordado, porém identificamos apenas: a utilização do dicionário para o esclarecer sobre a escrita de palavras; utilizar o vocabulário correto para cada tipo de produção textual; e identificar verbetes enciclopédicos.

Os conteúdos destinados ao 4º ano sobre o ensino do vocabulário, são semelhantes ao do 3º ano, como: a utilização do dicionário para o esclarecer sobre a escrita de palavras, reconhecer o significado mais viável para um determinado contexto; pesquisar e identificar verbetes enciclopédicos; e utilizar um vocabulário apropriado para cada gênero textual.

Por fim, para o 5º ano destacamos os seguintes conteúdos voltados para o ensino do vocabulário: uso do dicionário, para esclarecer dúvida sobre a escrita de palavras, especialmente no caso de palavras com relações irregulares fonema-grafema; leitura e compreensão dos verbetes identificando a estrutura, as informações gramaticais e as informações semânticas; e planejamento e produção autônoma em relação ao conhecimento dos verbetes.

Diante das análises, podemos perceber que o ensino do vocabulário não é tão explorado como deveria, mesmo sabendo da sua real importância para a formação dos educandos, neste

caso, para os anos iniciais. A abordagem desses conteúdos surge de maneira aleatória e mesmo que seja outro ano, quase não há diferença e aprofundamento entre si.

Um ponto que nos chamou a atenção, foi quanto ao uso do dicionário a partir do 3º ano, em sala de aula, embora no documento não seja possível identificarmos a partir de que momento os alunos passam a ter um contato com esse recurso, para conhecê-lo e aprender a como manuseá-lo, visto que neste momento ele é indispensável para auxiliar no uso das grafias corretas. Isso nos dá a entender que os alunos conseguem desenvolver esse manuseio sozinhos.

3.2 Referencial Curricular de Araguaína - TO

O Referencial Curricular do município de Araguaína-TO é o documento norteador das práticas pedagógicas das escolas municipais. Sua elaboração contou com a participação de professores das várias áreas do conhecimento, coordenadores e diretores além da equipe técnica da Secretaria Municipal, que, juntos, analisaram, sugeriram e deram contribuição para a criação desse documento, cujo objetivo principal é a criação de uma ferramenta que responda às particularidades e pluralidades dos educandos deste município, contribuindo, assim, para uma melhor prática do processo de ensino e aprendizagem.

Pensado de maneira que se adeque a todos os educadores, este referencial possui uma visão sistemática do currículo de modo a interagir com o todos os conhecimentos das diversas disciplinas ministradas. Cabe à escola a grande responsabilidade da complementação desse documento, com base nas suas especificidades, competências, habilidades e na sua realidade social.

Ao solicitarmos o Referencial Curricular do ensino fundamental da rede municipal de ensino de Araguaína para análise, fomos informados que o documento estava em processo de atualização, isso porque o primeiro era com base apenas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). O Referencial Curricular em processo de implantação preconiza todas as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e passará a ser usado por todos os educadores do município. Foi analisado e aprovado de forma avaliativa em uma Audiência Pública que ocorreu no mês de novembro do ano de 2019, em seguida, aprovado pelo Conselho Municipal de Educação, passando a vigorar em janeiro de 2020. O intuito de toda essa mudança e adequação com base na BNCC, é que toda a Rede Municipal de Ensino cresça oferecendo uma qualidade de ensino satisfatória atendendo a todas as necessidades dos alunos e da sociedade. Como buscamos o levantamento destes dados antes da aprovação do documento, nossa pesquisa não

está embasada neste novo referencial, o que pode levar a alguma informação que não condiz com a situação atual.

É possível perceber que, no Referencial analisado, há menção sobre o ensino do vocabulário, porém, sugere-se que, em meio a outros conteúdos, seja possível que a capacidade de expressão, socialização, pensamento, autonomia e o enriquecimento do vocabulário torne-se essencial para a constante construção do conhecimento. O documento ressalta que o léxico diz respeito ao vocabulário, mas que este não deve ser formado simplesmente com uma lista de palavras e que é importante que o educando desenvolva a habilidade de reconhecer a estrutura das palavras e identificar os processos de formação, com o objetivo de ampliar as habilidades de uso da Língua Portuguesa. Com isso, o educando passará a conhecer o valor e significado das palavras em seus diversos contextos.

Em relação aos PPP que tivemos acesso em nossa pesquisa, não é possível perceber informações claras que nos remetam ao ensino do vocabulário. A seguir, trataremos desses documentos.

3.3 Projeto Político Pedagógico – PPP²

O Projeto Político Pedagógico é um recurso que revela a proposta educacional da unidade escolar. Cada instituição deve estar incluída em seu próprio contexto, mesmo que seja determinado por valores e expectativas distintas, realidades econômicas, sociais e culturais próprias. O PPP deverá ser criado por cada escola e deverá atender aos anseios coletivos de modo geral, expressando sua identidade e sua responsabilidade com os educandos e com a comunidade.

Sendo um dos documentos de maior relevância na escola, o PPP está ligado diretamente à organização do trabalho pedagógico que, por sua vez, está ligado à realização, concepção e avaliação do projeto educativo. Os educadores têm como base a junção do PPP e o referencial curricular para a criação dos planos de ensino, seguindo assim cronogramas de conteúdos e projetos a serem desenvolvidos.

² As unidades escolares de Araguaína, possuem um sistema próprio de ensino, uma vez que a Secretaria de Municipal de Educação repassa para essas unidades suas orientações e elas elaboram os PPP. Sendo assim, não segue as orientações da DRE de Araguaína, nem mesmo da SEDUC.

Com a construção do Projeto Político Pedagógico, a instituição necessita assumir o papel de refletir sobre sua pretensão educativa, envolvendo uma reflexão coletiva profunda acerca da situação da escola, da comunidade a que pertence, além da prática pedagógica. A partir dessa questão, a equipe escolar discute, sugere e cria objetivos propondo meios para melhorar as barreiras, visando sempre aproximar o ensino com a realidade e as necessidades dos educandos.

Como menciona Veiga (2006), o PPP, envolve todo o papel social e o contexto da escola:

O projeto político pedagógico exige profunda reflexão sobre as finalidades da escola, assim como a explicitação de seu papel social e a clara definição de caminhos, formas operacionais e ações a serem empreendidas por todos os envolvidos com o processo educativo. Seu processo de construção aglutina crenças, convicções, conhecimentos da comunidade escolar, do contexto social e científico, constituindo-se em compromisso político e pedagógico coletivo. Ele precisa ser concebido com base nas diferenças existentes entre seus autores, sejam eles professores, equipe técnico-administrativa, pais, alunos e representantes da comunidade local. É, portanto, fruto de reflexão e investigação. (VEIGA, 2006, p. 8)

Sendo uma ferramenta que busca refletir sobre a situação da escola ressaltando as finalidades, a compreensão e as diretrizes de onde surgem todas as outras ações pedagógicas da unidade, sua organização proporciona à escola uma identidade própria, autônoma e democrática já que possui uma causa estabelecida, envolvendo assim um crescimento nas ações educativas a serem implantadas. Em outro parecer, Veigas (2007, p. 14) ressalta que

A principal possibilidade de construção do Projeto Político Pedagógico passa pela relativa autonomia da escola, de sua capacidade de delinear sua própria identidade. Isto significa resgatar a escola como espaço público, lugar de debate, do diálogo, fundado na reflexão coletiva.

O PPP tem como intuito a construção de um espaço reflexivo para compreender suas práticas pedagógicas e sua identidade. Ver a função que o papel político desenvolve na escola é perceber que a educação mantém um compromisso e uma pretensão social para com a sociedade. Tivemos acesso aos PPP das 10 escolas escolhidas para fazer parte da pesquisa. A partir deles, fizemos um levantamento sobre cada uma das unidades, com o objetivo de observar se, em algum aspecto, sobretudo nos projetos desenvolvidos, haveria algum tipo de abordagem ao estudo do vocabulário e ao ensino da língua portuguesa utilizando o dicionário como instrumento didático.

3.3.1 Considerações sobre as instituições escolares que fazem parte da pesquisa

O primeiro contato que a criança terá como base para sua educação é o ambiente familiar, a partir do qual ela começará a ter interesse pelas descobertas que vão surgindo. A escola será o seu segundo espaço, onde essas descobertas vão sendo concretizadas. Segundo Canivez (1991, p. 33):

A escola, de fato, institui a cidadania. É ela o lugar onde as crianças deixam de pertencer exclusivamente à família para integrarem-se numa comunidade mais ampla em que os indivíduos estão reunidos não por vínculos de parentesco ou de afinidade, mas pela obrigação de viver em comum. A escola institui, em outras palavras, a coabitação de seres diferentes sob a autoridade de uma mesma regra.

A unidade escolar pode ser entendida como uma instituição social, considerada diferente das empresas de serviços e indústrias, além do comércio de modo geral. Seu principal objetivo é a formação de pessoas, a educação transmitida constantemente, a troca de conhecimentos entre o grupo educacional, os alunos e a comunidade.

Mas a escola não pode ser concebida apenas como uma instituição que transmite informações e conteúdo, que muitas vezes acabam parecendo sem sentido e desconexos para os contextos sociais da comunidade local. Dessa maneira, a unidade escolar deve ser compreendida como uma agência educativa, como destaca Paro (2007, p. 33) “tomada a educação como apropriação da cultura, [...] valores, crenças, arte, filosofia, ciência, tudo, [...] que é produzido pelo homem em sua transcendência da natureza e que constitui como ser histórico”.

É função da escola ser um local harmonioso, que visa desenvolver o conhecimento tornando possível a aprendizagem para se conseguir viver em uma sociedade civilizada. Já em relação aos professores e aos demais profissionais do campo educacional, estes devem ser capazes de determinar suas normas de conduta, ser questionadores, críticos, e, de modo especial, contribuir para a transformação da nossa realidade social. Na visão de Gadotti, a escola apresenta a seguinte missão:

Amar o conhecimento como espaço de realização humana, de alegria e de contentamento cultural; cabe-lhes selecionar e rever criticamente a informação; formular hipóteses; ser criativa e inventiva (innovar); ser provocadora da mensagem e não pura receptora; produzir, construir e reconstruir conhecimentos elaborados. E mais: numa perspectiva emancipadora da educação a escola tem que fazer tudo isso em favor dos excluídos. Não discriminar o pobre. Ela não pode distribuir poder, mas pode construir e reconstruir conhecimentos, saber, que é poder. (GADOTTI, 2000 p. 251)

Levando em conta essa perspectiva, o docente precisa provocar os educandos a buscarem uma formação humana que seja crítica e competente, voltada para um ensino com pesquisas que o levará a adquirir a aprendizagem. A aprendizagem deve ser estimulada através da curiosidade, do interesse, pelo problema e pela busca de possíveis soluções com a visão de que as respostas não são únicas e indiscutíveis.

Está nos currículos e nos documentos oficiais que norteiam a educação brasileira a proposta de conteúdos que os professores devem retransmitir a seus alunos no decorrer das aulas. Com o intuito de alcançar a complexidade de conhecimentos que sugerem esses documentos, muitos desses educadores vão além de suas funções se tornando, algumas vezes, pais, mães, psicólogos, conselheiros, entre outros, o que ocasiona uma sobrecarga de funções a serem cumpridas.

Diante de todas essas circunstâncias é importante que se tenha, no ambiente escolar, uma equipe multidisciplinar com o intuito de resolver os questionamentos que são propostos a cada profissional, aumentando a qualidade de vida dos educadores, dos alunos, e melhorando o rendimento da escola como um todo, assim terão uma disponibilidade maior para desenvolver as atividades que lhes forem designadas.

A escola sendo uma instituição social, apresenta uma estrutura física e uma organização definidas a partir do quadro de colaboradores que fazem parte dela. A estrutura organizacional das unidades escolares pode mudar de acordo com a legislação de cada município, estado ou de acordo com cada maneira de organização das gestões implantadas. A estrutura básica é composta por: direção; conselho de escola; setor pedagógico, técnico-administrativo; corpo docente; instituições auxiliares; corpo discente.

O diretor e/ou gestor tem uma função muito significativa no que diz respeito à administração escolar, obedecendo as leis, os regulamentos e determinações dos órgãos superiores de ensino. Através de seu trabalho, há a inclusão com as demais partes, que também são essenciais para o funcionamento e o desenvolvimento da escola, sendo elas: o administrativo, o financeiro, o pedagógico e os auxiliares. É necessário ter uma maneira de organização escolar que abranja a participação dos profissionais no processo educacional. O conselho de escola apresenta funções referentes a consultas fiscais e deliberativas em causas determinadas no Regimento Escolar e na legislação municipal ou estadual. Essas causas envolvem tanto aspectos financeiros quanto pedagógicos e administrativos.

As atividades da coordenação pedagógica e orientação educacional são desenvolvidas pelo setor pedagógico. De acordo com a legislação municipal e estadual, o papel desses profissionais pode variar e, em muitas escolas, suas funções são atribuídas a apenas uma pessoa.

O dever do coordenador pedagógico é acompanhar, supervisionar e avaliar as atividades pedagógicas curriculares. Outro dever é dar auxílio pedagógico-didático aos docentes em suas disciplinas em relação ao trabalho interativo com os docentes, além de intermediar o relacionamento com os pais, alunos e a comunidade de modo geral. Já o orientador educacional possui função semelhante a mencionada anteriormente, ficando responsável pelo atendimento e acompanhamento escolar dos educandos assim como a relação entre comunidade, pais e escola.

O setor técnico-administrativo é responsável pelas atividades garantindo o atendimento dos objetivos e funções do ambiente escolar, sendo responsável, também, pelos serviços auxiliares (atendimento ao público, vigilância, zeladoria) e pelos multimeios (laboratórios e videoteca). A secretaria escolar é um dos espaços mais importantes na escola, sendo esse de responsabilidade do secretário e/ou auxiliares, que tomam conta das documentações, escriturações e correspondências direcionadas para os educandos, educadores e outros funcionários, além de atendimento ao público externo.

Formado pelo grupo de professores em atuação na escola, o corpo docente possui como obrigação cumprir o objetivo prioritário da unidade escolar: o ensino. Os professores têm outras responsabilidades além da sua função específica de ministrar as disciplinas, que são: participar da criação do Projeto Político Pedagógico, dos eventos desenvolvidos pela escola, dos conselhos de classe, das reuniões com os pais, entre outras que vão surgindo no decorrer do ano letivo.

Muitas unidades escolares mantêm paralelamente à estrutura organizacional, instituições auxiliares, tais como: Grêmios Estudantis e Associação de Pais e Mestres (APM) que são as mais conhecidas. A primeira é uma entidade que representa os alunos dando autonomia para se organizarem em volta de seus objetivos, com intuídos educacionais, sociais e culturais. A APM tem como objetivo representar os interesses dos pais em relação à educação de seus filhos frente à comunidade escolar. Outro ponto é dar apoio à diretoria escolar para que ela possa cumprir o projeto pedagógico; tem objetivos administrativos e pedagógicos; e atua no âmbito financeiro da unidade já que essa não tem autonomia direta para decidir sobre os recursos recebidos.

Nenhuma das escolas de onde buscamos os livros didáticos que fazem parte dessa pesquisa, aborda diretamente o ensino do vocabulário ou o ensino da Língua Portuguesa utilizando o dicionário como instrumento didático. Apesar disso, não se pode dizer que os alunos não estão, de alguma forma, ampliando seu vocabulário ou tendo acesso ao conhecimento de como funciona o complexo sistema de significação das palavras. Nota-se, no

levantamento que apresentamos, por exemplo, que todas as escolas desenvolvem projetos de leitura. Projetos esses que, certamente, também passam pelo conhecimento do nível lexical da linguagem, como Projeto Reforço Escolar; Projeto Soletrando; Dia D da Leitura; Projetos: Leitura e Escrita; Caminho de leitura: Mala viajante etc.

CAPÍTULO IV

UMA RELAÇÃO ENTRE O LÉXICO E O LIVRO DIDÁTICO

Neste capítulo, vamos analisar as atividades relativas ao ensino do léxico em duas coleções de Livros Didáticos (LD), conforme mencionado no capítulo metodológico. Para que possamos ver a evolução desse contexto ao longo do ciclo de ensino inicial, vamos estender nossa análise pelos livros do 1º ao 5º ano, sucessivamente. Todos eles aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)³ corresponde a um grupo de ações destinadas para a distribuição de obras literárias, pedagógicas e didáticas, além de material auxiliar para prática educativa, de modo regular e gratuito, sistematicamente dedicadas aos professores e aos alunos de todas as unidades escolares públicas de nosso país. Outras instituições como as confessionais, comunitárias ou filantrópicas sem fins lucrativos e/ou conveniadas, também são favorecidas por este programa.

As ações da aquisição e distribuição dos livros didáticos e literários concedidas pelos Programas Nacional do Livro Didático e Nacional Biblioteca da Escola foram unificadas pelo Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017. Agora, com a junção que passou a se chamar Programa Nacional do Livro e do Material Didáticos, teve seu espaço ampliado visando a inclusão de outros materiais de apoio, como: softwares, jogos educativos, materiais de reforço, formação, além dos destinados à gestão escolar.

A realização do PNLD ocorre de maneira alternada. Isso quer dizer que os quatro segmentos, ensino médio, anos finais do ensino fundamental, anos iniciais do ensino fundamental e a educação infantil, são atendidos em momentos distintos. Para os segmentos que não foram assistidos num determinado momento, são oferecidos livros apenas para as matrículas novas ou para a troca de exemplares com danos ou que não foram devolvidos no final do ano letivo.

Educadores e educandos de etapas e modalidades distintas, público exclusivo da educação básica, também podem ser atendidos através de ciclos próprios ou edições extras independentes, levando em conta que o Ministério da Educação e Cultura (MEC) não disponibiliza de livros didáticos, acervos de materiais de apoio ou auxiliares para repasse ou distribuição aleatórios para o público em geral, além de não ter essas obras nas versões digitais

³ Informações encontradas no site: <http://portal.mec.gov.br/pnld/apresentacao>. Acesso 15/12/2019.

disponibilizadas em meios digitais. Dessa maneira, é importante o cuidado e zelo com os livros distribuídos gratuitamente que podem ser repassados aos estudantes dos anos subsequentes.

O processo de escolha dos LD⁴, de modo geral, ocorre da seguinte forma: os educadores, juntamente com a equipe pedagógica das unidades escolares, se reúnem para analisar e escolher as obras (enviadas pelas editoras) que utilizarão em sala de aula em um período de três anos. O LD deve ser adequado ao PPP das escolas; ao aluno e professor; e à realidade sociocultural das instituições. A escola deve apresentar duas opções na escolha das obras para cada ano e disciplina. Caso não seja possível a compra da primeira opção, o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) envia à escola a segunda coleção escolhida⁵.

A função da escola em relação ao conhecimento e desenvolvimento da competência comunicativa é fundamental na formação das crianças, isso porque as ajudam a ter uma maior autonomia e interação para enfrentar diversas situações cotidianas. Nesse sentido, o ensino da Língua Portuguesa constitui uma ferramenta para o desenvolvimento cognitivo, social e pessoal de cada indivíduo, já que concede a capacidade e a autonomia necessárias para a apropriação de saberes, apropriando-se das condições de leitor, criador de textos e de usuário competente da língua nos vários momentos de comunicação oral e/ou escrita.

A BNCC destaca a importância do ensino da Língua Portuguesa para o ensino e aprendizagem desde o início da vida escolar, afirmando que:

[...] a meta do trabalho com a Língua Portuguesa, ao longo do Ensino Fundamental, é a de que crianças, adolescentes, jovens e adultos aprendam a ler e desenvolvam a escuta, construindo sentidos coerentes para textos orais e escritos; a escrever e a falar, produzindo textos adequados a situações de interação diversas; a apropriar-se de conhecimento e recursos linguísticos – textuais, discursivos, expressivos e estéticos - que contribuam para o uso adequado da língua oral e da língua escrita na diversidade das situações comunicativas de que participam. (BRASIL, 2017, p. 63)

Assim, os livros didáticos, devem alinhar-se ao desenvolvimento de conteúdos e práticas expressos no texto, levando sempre em conta o desafio em torno da alfabetização plena dos

⁴ Para auxiliar na escolha, o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) disponibiliza, em seu portal eletrônico, no ano de escolha, um Guia do Livro Didático, que contém resenhas e informações das coleções aprovadas para o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). De posse desse guia, os educadores, envolvidos no processo, podem conhecer, de forma mais rápida, as obras disponíveis e selecionar as mais adequadas ao processo pedagógico de cada escola, respeitando-se as particularidades de sua comunidade escolar. Depois disso, basta entrar no sistema eletrônico do FNDE e formalizar a escolha. No que tange aos critérios de seleção dos livros da área de LP nas escolas municipais de Araguaína, em geral, são orientados para considerarem os seguintes aspectos: diversidade de gêneros textuais; abrangência de diferentes esferas de circulação; contextualização dos aspectos gramaticais; abordagem diversificada na contemplação dos conteúdos, seja através de atividades permanentes, sequências didáticas ou projetos didáticos; e adequação às diretrizes curriculares nacionais e locais.

⁵ Informações encontradas no Portal do FNDE e na Secretaria Municipal de Educação de Araguaína – TO.

discentes no Ensino Fundamental I. Este recurso que os professores têm em sala de aula, o livro didático, deve apresentar as competências gerais e específicas, objetos de conhecimento e habilidades expressos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para que os objetivos da aprendizagem venham a ser alcançados.

No que diz respeito aos PCN, Antunes (2003) destaca a importância deste documento para o ensino e o domínio da língua para cada usuário em seu ambiente social. Determinando que “os conteúdos de língua portuguesa devem se articular em torno de dois grandes eixos: o **uso** da língua oral e escrita e da **reflexão** acerca desses usos” (ANTUNES, 2003, p. 22, grifos da autora).

Para o ensino de Língua Portuguesa na alfabetização, o que se busca é que a criança conheça o código e aproprie-se dos aspectos gramaticais e linguísticos que estruturam o sistema da escrita. É a partir desse momento que se formam memórias duradouras sobre a formação de palavras e das sílabas. Assim, é necessário que o conhecimento das letras, os padrões de sílabas da língua, os distintos grafemas que representam um mesmo fonema, e o jogo da composição das palavras que se formam a partir das sílabas sejam explorados.

A partir do momento em que o educando passa a desenvolver exercícios neste sentido, ele pode tomar decisões em relação às suas escolhas e fazer adequações em suas escritas, decidindo desde as sílabas para formar as palavras até a organização das palavras para formação de frase, a partir da qual formará textos e, assim, passará a entender os seus diferentes usos para compor vários gêneros textuais, tendo autonomia de escrita, leitura e ampliando seus conhecimentos.

Esse ciclo de aprendizado é constante e gradativo, formando novas memórias e ampliando as existentes. Isso envolve a formação de um conjunto que insere, de um lado, os conhecimentos linguísticos e gramaticais e, do outro, o vocabulário que é o conjunto de palavras utilizadas por uma pessoa na hora da fala.

As unidades escolares escolhem democraticamente, dentre os livros constantes no Guia, aqueles que consideram mais adequados ao Projeto Político Pedagógico da escola, para a adesão no ensino.

O livro didático é um recurso que dispõe de informações que favorecem o aprendizado dos educandos. Na visão de Brasil (1997, p. 67), “o livro didático é um material de forte influência na prática de ensino brasileira. É preciso que os professores estejam atentos à qualidade, à coerência e a eventuais restrições”.

Neste capítulo, vamos analisar como o vocabulário é abordado nos livros de Língua Portuguesa do 1º ao 5º do Ensino Fundamental I. Para isso, analisaremos atividades de duas

coleções, a saber: *Buriti Mais Português*, obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna (2017), e *Língua Portuguesa Ápis*, das autoras Terezinha Bertin, Vera Marchezi, Ana Trinconi, produzida pela Editora Ática (2017).

A coleção com o título *Buriti Mais Português*, publicada pela Editora Moderna no ano de 2017, é uma obra adotada pelas unidades escolares no último PNLD. Em Araguaína, município foco do nosso estudo, é adota pelas Escolas Municipais José Ferreira Barros, Dr. César Belmiro Barbosa Evangelista, São Domingos, Joaquim de Brito Paranaguá e Leia Raquel, e distribuída nas séries do Ensino Fundamental I, do 1º ao 5º ano.

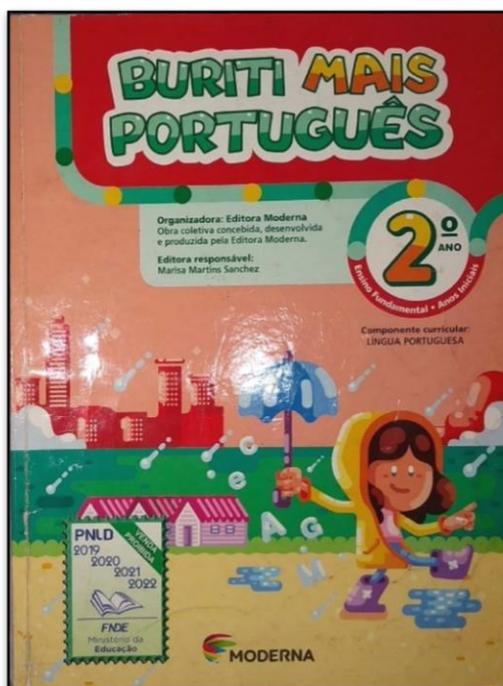
Vamos representar a coleção mencionada através das imagens da capa de cada livro, do 1º ao 5º ano.

Figura 1 – Capa do livro *Buriti Mais Português* – 1º ano



Fonte: Acervo da autora, 2020.

Figura 2 – Capa do livro *Buriti Mais Português* – 2º ano



Fonte: Acervo da autora, 2020.

Figura 3 – Capa do livro *Buriti Mais Português* – 3º ano



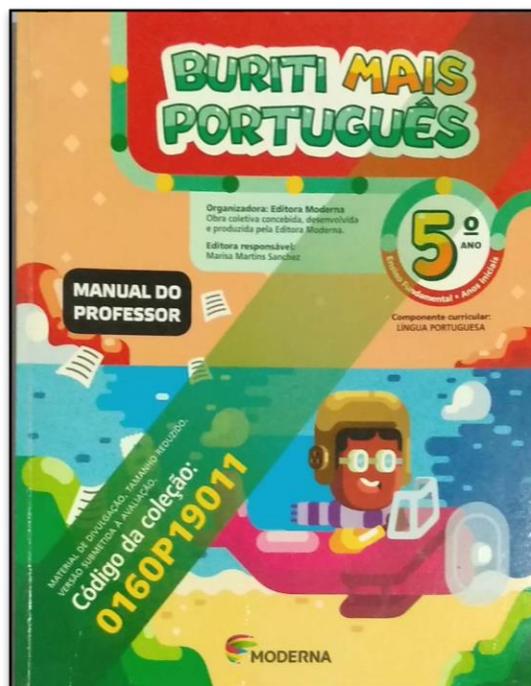
Fonte: Acervo da autora, 2020.

Figura 4 – Capa do livro *Buriti Mais Português* – 4º ano



Fonte: Acervo da autora, 2020.

Figura 5 – Capa do livro *Buriti Mais Português* – 5º ano

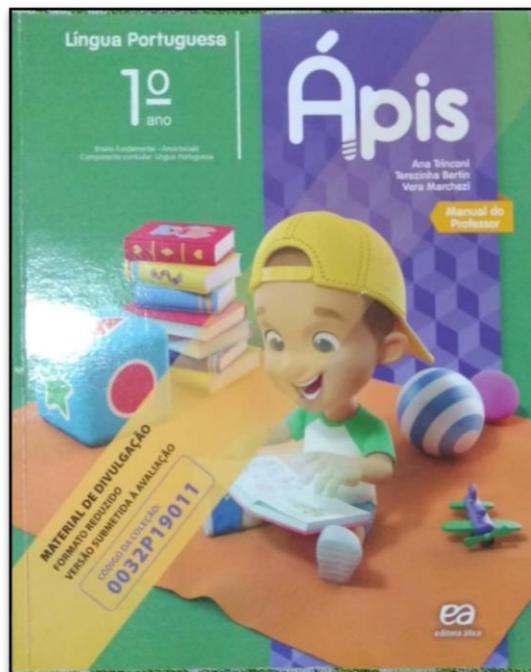


Fonte: Acervo da autora, 2020.

A coleção *Língua Portuguesa Ápis*, publicada pela editora Ática, faz parte também das obras indicadas no último PNLD distribuídas nas séries do Ensino Fundamental I, do 1º ao 5º ano. Essa coleção foi adotada pelas seguintes Escolas Municipais: Maria da Conceição Costa Luz, Dr. Simão Lutz Kossobutzki, São Vicente de Paula, Zeca Barros e Gentil Ferreira Brito.

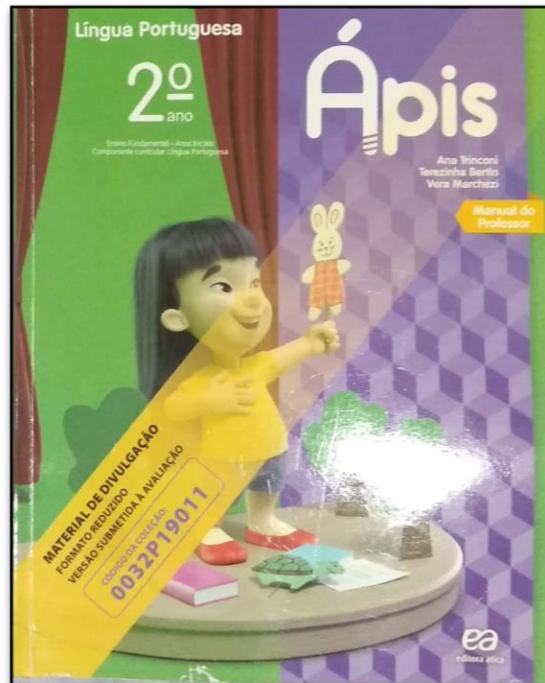
Vamos representar a coleção mencionada através das imagens da capa de cada livro, do 1º ao 5º ano.

Figura 6 – Capa do livro *Língua Portuguesa Ápis* – 1º ano



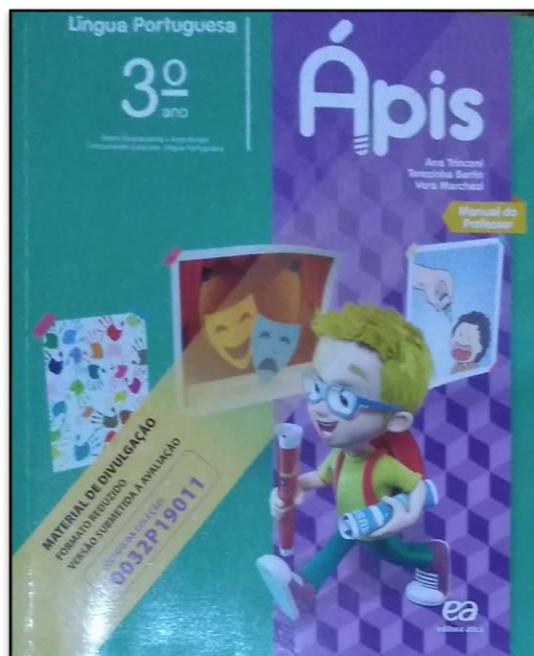
Fonte: Acervo da autora, 2020.

Figura 7 – Capa do livro *Língua Portuguesa Ápis* – 2º ano



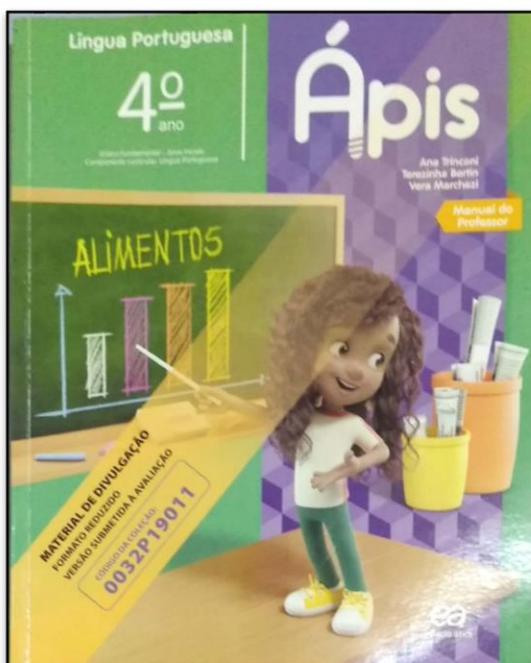
Fonte: Acervo da autora, 2020.

Figura 8 – Capa do livro *Língua Portuguesa Ápis* – 3º ano



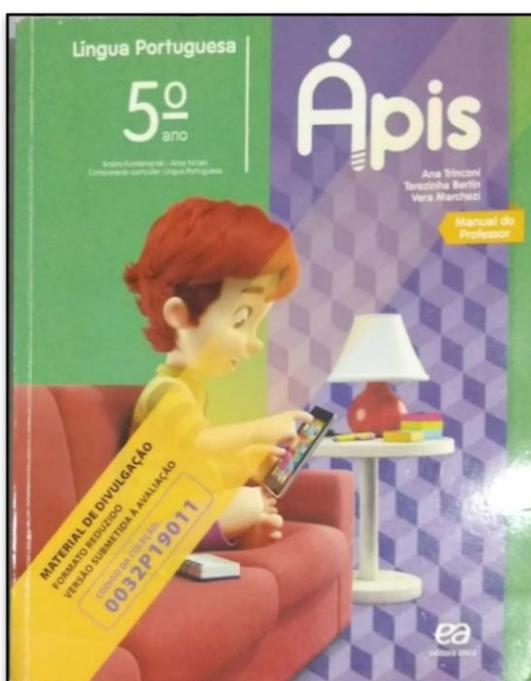
Fonte: Acervo da autora, 2020.

Figura 9 – Capa do livro *Língua Portuguesa Ápis* – 4º ano



Fonte: Acervo da autora, 2020.

Figura 10 – Capa do livro *Língua Portuguesa Ápis* – 5º ano



Fonte: Acervo da autora, 2020.

O estudo do léxico é de fundamental importância para o uso da comunicação e da linguagem. Na realização desta pesquisa, selecionamos atividades referentes ao estudo do léxico nas coleções mencionadas acima e analisamos cada uma. Usamos como base para selecionar tais atividades, o eixo norteador condutor em relação ao uso do dicionário, sugerido (diretamente ou não) pelo LD, atividades relacionadas à formação das palavras, aos significados e também à ampliação vocabular.

Para identificarmos melhor a quantidade de atividades extraída por série de cada LD, criamos de maneira resumida a tabela abaixo.

Tabela 1 – Número de atividades por série

	Livro -<i>Buriti Mais Português</i>	Livro <i>Língua Portuguesa Ápis</i>
1º ano	02	03
2º ano	04	03
3º ano	03	03
4º ano	04	04
5º ano	02	02

Fonte: autoria própria, 2020.

4.1 Atividades extraídas do Livro *Buriti Mais Português* – 1º ano

A atividade a seguir encontra-se em uma unidade do livro didático que trata da formação de palavras a partir de uma sílaba de uma palavra já existente.

Figura 11 – Atividade para relacionar as sílabas

1 FALE EM VOZ ALTA O NOME DESTAS FIGURAS.
 • A SÍLABA DE UMA PALAVRA O AJUDA A ESCREVER OUTRA.

 → 

IMAGENS: BELOMO
 PEDRO

 → 

BOLA

 → 

ILUSTRAÇÕES: ALBERTO DE ESTERANO
 BONECA

 → 

CASTELO

The activity includes four rows of images and labels, each with a blue arrow pointing to a second image. To the right of each row is a set of three horizontal lines for writing: a solid top line, a dashed middle line, and a solid bottom line.

Fonte: Livro *Buriti Mais Português* – 1º ano, 2017, p. 88.

O exercício proposto pelo Livro Didático sobre a formação de palavras está inserido na Unidade 4, na seção intitulada “Ouvir e Escrever – escrita de palavras a partir de imagens” e nos remete à ideia de que as crianças já compreendem o que é uma palavra e uma sílaba, que palavras novas sempre se originarão de outras já existentes.

Embora esse processo pareça ser simples e fácil, devido a formação ser representada por meio de figuras que trazem conceitos comuns que os alunos devem reconhecer, e as novas palavras que surgirem também façam parte do contexto dos educandos, ele não é tão simples assim. Isso porque as crianças que estão sendo alfabetizadas, para responder de forma satisfatória ao proposto na atividade, deverão entender o conceito de sílaba para, então, perceber que uma mesma sílaba poderá compor a formação de mais de uma palavra.

Na figura a seguir apresentamos um exercício retirado da unidade do livro didático dedicada aos sinônimos e antônimos.

Figura 12 – Atividade sinônimos e antônimos

7 LIGUE COM UM TRAÇO AZUL AS BANDEIROLAS COM AS PALAVRAS DE SIGNIFICADO IGUAL OU SEMELHANTE.

- LIGUE COM UM TRAÇO VERMELHO AS BANDEIROLAS COM AS PALAVRAS DE SIGNIFICADO CONTRÁRIO.

PERTO	RÁPIDO
ACORDAR	DORMIR
VELOZ	DISTANTE

142

Fonte: Livro *Buriti Mais Português* – 1º ano, 2017, p. 142

Este exercício, foi retirado da Unidade 7 do LD e faz parte de um grupo de questões de interpretação sobre um texto do gênero fábula (A lebre e a tartaruga). A ideia é que se trabalhe com antônimo e sinônimo das palavras, embora outras questões possam ser exploradas, como outros conceitos que essas palavras podem apresentar, além do equivalente ou do sentido contrário, como mencionado.

Acreditamos que as palavras do quadro de atividade proposto façam parte do vocabulário das crianças e possam ser usadas com frequência pois, certamente são empregadas em situações do cotidiano vivenciadas pelos alunos.

Destacamos, neste exercício, o fato de os autores, no enunciado, apontarem que, na língua, não há sinônimos perfeitos, explicando que os alunos devem encontrar palavras com significado igual ou “semelhante”. Antunes (2012) traz o seguinte parecer sobre os sinônimos:

Não existem sinônimos perfeitos, uma vez que, na dependência dos diferentes contextos em que interagimos, pequenas alterações de sentidos (algumas “milimétricas”) podem ocorrer, mas, mesmo assim, perceptíveis pelos falantes mais atentos. [...] em decorrência da própria ação dos sujeitos no uso da língua, os sentidos das palavras vão sofrendo “deslizes”, vão “escorregando” para campos afins e vão ganhando novas significações. (ANTUNES, 2012, p. 35).

Embora, se trate de um exercício com palavras soltas e apresentado de maneira descontextualizada, é possível que os alunos não tenham o mesmo aproveitamento e/ou entendimento como se estas estivessem inseridas em um texto, isso porque, como aponta Antunes (2012, p. 36), “os antônimos [...] na perspectiva de que seus valores semânticos podem se alterar, conforme as determinações culturais [...] em cada contexto”.

4.2 Atividades extraídas do Livro *Língua Portuguesa Ápis – 1º ano*

Nas figuras 13 e 14 respectivamente, apresentamos exercícios extraídos do livro didático sobre palavras iniciadas com letra P.

Figura 13 – Atividade para identificar a letra P

3 DITADO DE PALMAS.

A) OUÇA AS PALAVRAS E SÓ BATA PALMAS PARA AQUELAS COM P NO INÍCIO.

B) PINTE AS PALAVRAS PARA AS QUAIS VOCÊ BATEU PALMAS.

POTE	BATA	PICADA	BICO	PULE	PIA
BOTE	PATA	BICADA	PICO	BULE	BIA

Fonte: Livro *Língua Portuguesa Ápis – 1º ano*, 2017, p. 76

Figura 14 – Atividade para identificar a letra com recorte

PESQUISA

RECORTE DE JORNAIS E REVISTAS 3 PALAVRAS QUE TENHAM A LETRA P E COLE-AS NO SEU CADERNO.

ESCOLHA UMA DAS PALAVRAS E AJUDE A PROFESSORA A MONTAR UMA LISTA. LEIA COM OS COLEGAS A LISTA FORMADA. DEPOIS, COPIE NO CADERNO ESSA LISTA.

Fonte: Livro *Língua Portuguesa Ápis – 1º ano*, 2017, p.77

As atividades reproduzidas nas figuras 13 e 14, pertencem à Unidade 5 com o título “História em Quadrinhos 2”, e estão inseridas na parte da unidade que trata sobre atividade oral e escrita. Referem-se a um exercício de fonética. Isso porque, como as crianças estão em processo de alfabetização, é comum que elas apresentem certas dificuldades ou se confundam com os sons das letras, neste caso pela letra “p”.

Depois que as crianças ouvirem o som da palavra, produzido pelo docente, é possível que eles consigam compreender quais são iniciadas com a letra “P”, embora talvez possam apresentar dúvidas devido o som ser semelhante com as palavras iniciadas com a letra “B”. A

segunda atividade aponta para que eles façam uma pesquisa buscando palavras fora do livro didático com a grafia iniciada com a letra “P”, servindo como apoio para repetição do som.

Na figura abaixo, apresentamos um exercício extraído do LD sobre ordem alfabética das palavras.

Figura 15 – Atividade com a ordem alfabética

6 LEIA EM VOZ ALTA ESTES 3 NOMES QUE CONSTAM DE UMA LISTA DE CHAMADA.

CAIO COSTA
CAIO DIAS
CAIO XAVIER

COM A AJUDA DA PROFESSORA, DESCUBRA POR QUE OS NOMES ESTÃO NESSA ORDEM. Os nomes estão em ordem alfabética: **C** (Costa) vem antes de **D** (Dias), que vem antes de **X** (Xavier).

Fonte: Livro *Língua Portuguesa Ápis* – 1º ano, 2017, p. 220

O exercício traz uma lista de nomes próprios, sugeridos pelas autoras na Unidade 19, em destaque na parte do livro intitulada “Atividade oral e escrita” na qual apresentam outras questões que, como essa, apontam para a necessidade do uso do dicionário. Esperamos que, em atividades anteriores, as crianças tenham tido contato com esse recurso, mas, porventura isso não tenha ocorrido, esse exercício é propício para tal utilização.

Carvalho e Bagno (2011, p. 146) trazem a seguinte recomendação em relação ao manuseio do dicionário que requer um passo prévio,

Inicialmente, o estudante deve dominar a ordenação alfabética, uma vez que o acesso mais comum é a dicionários ordenados alfabeticamente. A par disso, é preciso promover a familiarização com todo o aspecto tipográfico do dicionário; com as marcações, a formatação, as indicações gráficas, a localização de informações, enfim, fornecer os subsídios necessários para que o estudante vislumbre a macroestrutura da obra. (CARVALHO e BAGNO, 2011, p. 146)

É nesse sentido que a atividade selecionada é relevante. A partir da orientação do professor e de posse do dicionário, os alunos terão mais facilidade para compreender como se forma o processo da ordem alfabética, tanto das letras iniciais como também das subsequentes que formam cada palavra. Isso ocorrerá ao perceberem que as primeiras palavras apresentadas na nomenclatura dos dicionários serão aquelas que estão de acordo com a sequência das letras do alfabeto. Dessa forma, os alunos consulentes poderão perceber que há uma sequência

grafada para cada palavra formada e que o “C” do sobrenome “Costa” vem antes do “D” de “Dias” que, por sua vez, vem antes da letra “X” de “Xavier”.

O professor pode complementar essa atividade com outras, com o intuito de proporcionar aos alunos o entendimento da lógica da ordem alfabética como, por exemplo: jogos de organização de palavras, lista telefônica, pequenas listas com registro de novos vocabulários e/ou palavras que os alunos tenham dificuldades em escrever. Talvez, para esse nível de ensino, o dicionário não se torne um recurso de consultas de significados, mas um meio com o qual a criança poderá ter acesso para a formação do conceito alfabético e da noção ortográfica.

4.3 Atividades extraídas do Livro *Buriti Mais Português –2º ano*

Assim como na atividade anterior, a figura a seguir trata da ordem alfabética e como as palavras estão descritas nos dicionários. Inserida na Unidade 2, logo após um pequeno texto com o título “Dicionário: ordem pela primeira letra”.

Figura 16 – Atividade com a ordem alfabética II

GUARDE BEM

O DICIONÁRIO É UM LIVRO QUE CONTÉM UMA COLEÇÃO DE PALAVRAS E SEUS SIGNIFICADOS.

NO DICIONÁRIO, AS PALAVRAS ESTÃO EM **ORDEM ALFABÉTICA**: PRIMEIRO, VÊM AS PALAVRAS COMEÇADAS COM A, DEPOIS, AS PALAVRAS COMEÇADAS COM B, COM C, E ASSIM POR DIANTE.

2 COMPLETE AS PALAVRAS MANTENDO-AS NA ORDEM ALFABÉTICA.

___ RCO	___ ATO	___ EITE	___ APO
___ OTA	___ ERÓI	___ ARIZ	___ IME
___ ADO	___ RMÃ	___ LHO	___ VA
___ OLHA	___ IPE	___ OSA	___ EBRA



50

Fonte: Livro *Buriti Mais Português – 2º ano*, 2017, p. 50

Apesar da semelhança com a atividade mencionada no livro anterior, podemos dizer que a questão está mais completa, por se tratar de outro nível escolar ou por ser de uma coleção de outros autores. Ela traz uma breve definição sobre o que vem a ser um dicionário e como as palavras estão inseridas nele.

O objetivo é que, mesmo depois de formadas, as palavras continuem em ordem alfabética. Pode ser que haja uma combinação de uma ou mais letras para cada palavra, porém, é necessário cuidado para que estas não saiam da ordem.

É preciso que os alunos tenham noção da sequência do alfabeto, isso porque terão mais facilidade e agilidade para ir desenvolvendo as questões ortográficas corretamente. Assim como proposto pelos PCN, a aprendizagem da escrita ortográfica está ligada ao uso do dicionário. Em relação ao uso do dicionário, imagina-se que o aluno tenha conhecimento da ordem alfabética e das várias possibilidades de escrita de determinadas palavras, conforme descrito nos PCN,

A consulta ao dicionário pressupõe conhecimento sobre as convenções da escrita e sobre as do próprio portador: além de saber que as palavras estão organizadas segundo a ordem alfabética (não só das letras iniciais, mas também das seguintes), é preciso saber, por exemplo, que os verbos não aparecem flexionados, que o significado da palavra procurada é um critério para verificar se determinada escrita se refere realmente a ela, etc. Assim, o manejo do dicionário precisa ser orientado, pois requer a aprendizagem de procedimentos bastante complexos. (BRASIL, 1997, p. 58)

Cagliari (2002, p. 45) defende que “os professores são unânimes em dizer que a ortografia é um objetivo a ser alcançado e que o esforço para realizar isso deve começar desde a alfabetização”, de modo que o dicionário seja um recurso utilizado tanto para a compreensão do significado das palavras quanto no auxílio da escrita.

A atividade a seguir trata da formação de palavras.

Figura 17 – Atividade para formação de palavras

• COM UM COLEGA, DESCUBRA O NOME DOS ALIMENTOS E FORME NOVAS PALAVRAS COM ELES.

O DOCE FEITO COM _____
É A _____

O DOCE FEITO COM _____
É A _____

O SUCO FEITO COM _____
É A _____

Fonte: Livro *Buriti Mais Português* – 2º ano, 2017, p. 64

A proposta de atividade exposta na figura 17 é que os alunos formem novas palavras a partir de imagens que representam as frutas. Retirada da Unidade 3, a atividade está inserida no tópico sobre a formação de palavras. O que pode ser depreendido desse exercício sobre a

estruturação lexical é que seja apresentada uma estrutura fundamental formada pela base + afixo na qual se nota a função do acréscimo do afixo à base para a criação de uma nova palavra.

As imagens das frutas representadas no exercício nos remetem a essa ideia, pois é por meio delas que outras são formadas (bananada, figada, limonada). Basílio (2004, p. 24) aponta sobre essa questão quando diz que “só se forma uma nova palavra quando se tem uma razão para isso; essa razão corresponderia à função do processo de formação”. Ainda segundo a autora, “na medida em que podemos formar palavras a partir de outras palavras, é forçoso reconhecer que as palavras podem ser unidades complexas, constituídas de mais de um elemento”. (BASÍLIO, 2004, p. 13)

Na atividade representada na figura abaixo é possível compreender as informações contidas em um verbete de dicionário.

Figura 18 – Atividade com informações sobre o verbete

2 Observe o verbete da palavra **vilão** extraído do dicionário.

entrada divisão silábica significado

vilão vi.lão substantivo masculino Indivíduo indigno: *Nas histórias infantis, os vilões sempre perdem.* [Plural: vilões, vilãos e vilães. Feminino: vilã.]

REPRODUÇÃO

outras informações

exemplo de uso da palavra **vilão** em uma frase

- Com a ajuda do professor, leia o verbete.
 - a) Você conseguiu entender toda a explicação?
 - b) Que vilão de história infantil você conhece?

Fonte: Livro *Buriti Mais Português* – 2º ano, 2017, p. 184

O exercício proposto pelo LD, faz parte da Unidade 8 e está inserido no tópico “Dicionário: verbete” que apresenta uma página de dicionário e logo em seguida aborda questões voltadas para este recurso. Essa atividade traz, por exemplo, informações sobre o verbete “vilão”. Apesar de apresentar uma proposta que poderá ser desenvolvida em sala, sobretudo em torno do conceito de vilão nas histórias infantis, o verbete selecionado não compõe um dicionário adequado para a faixa etária dos alunos do 2º ano.

Carvalho e Bagno (2011, p. 155) explicam que “os dicionários escolares são organizados conforme a idade do público-alvo”. Eles possuem fontes especiais, são bem

ilustrados procurando combinar as especificidades dessa fase. Isso nos leva a comprovar que o exercício posposto não traz os detalhes sugeridos pelos autores para esse público.

Conforme descrevem Carvalho e Bagno (2011, p. 68), “os verbetes do dicionário entram, assim numa relação significativa que vai além do esclarecimento sobre a grafia, formação de palavras ou significados isolados”. Essas informações, quando apresentadas nas atividades, enfatizam a importância do dicionário de modo ativo nos processos de ensino e aprendizagem desde o início do ciclo estudantil.

Como esclarecem Carvalho e Bagno (2011, p. 72), “o dicionário constitui-se em produtivo instrumento do fazer linguístico de que cidadãos leitores e produtores de textos dispõe para construir e reconstruir (...)”. Segundo os mesmos autores, “o dicionário permite o acesso ao “poder da palavra” e corresponde à sua função nas práticas sociais” (2011, p. 72). Os dicionários como um instrumento didático auxiliam na construção do aprendizado sobre a língua.

O exercício a seguir, sugere que as palavras em destaque sejam substituídas por seus sinônimos. Dentro da Unidade 8 do livro didático, após apresentar o texto “Conto de fadas moderno – Cinderela”.

Figura 19 – Atividade sinônimos

3 Substitua as palavras destacadas nas frases por um dos sinônimos abaixo.

- Reescreva as frases com letra cursiva.

guloso
contentes
longos

a) A boneca que ela ganhou tem cabelos **compridos**.

b) As crianças ficaram **alegres** com a chegada do avô.

c) João é muito **comilão!**

Fonte: Livro *Buriti Mais Português* – 2º ano, 2017, p. 193

Os sinônimos podem ser considerados palavras de sentidos semelhantes, que são utilizadas em determinadas ocasiões para representar as mesmas coisas e as mesmas situações. Conforme menciona Ilari (2006, p. 169), “é sabido que não existem sinônimos perfeitos: assim, a escolha entre dois sinônimos acaba dependendo de vários fatores a serem explorados”. Ou

seja, mesmo que uma palavra seja substituída por outra com um sentido semelhante em um determinado contexto é possível que alterações venham ocorrer na hora da interpretação final.

A atividade em destaque aborda os sinônimos e o tipo de grafia que os alunos devem utilizar para responder ao exercício. As três palavras – guloso, contentes, longos – devem ser substituídas pelas outras em destaque nas frases – compridos, alegres, comilão. Como se trata de um exercício para alunos do 2º ano, a atividade é formada por frases curtas, embora não seja viável pensar em sinonímia de palavras fora do contexto completo em que estão aplicadas. Em grande parte das situações de ensino dos sinônimos, segundo Cançado (2012, p. 48), pode-se afirmar que “existe uma sinonímia baseada somente no significado conceitual da palavra sem levar em conta o estilo, as associações sociais ou dialetais, ou mesmo os registros”.

A partir da substituição proposta no exercício, é possível que os alunos percebam que essas trocas de palavras nas frases tragam a eles novos sentidos, e que os sentidos das palavras sofram pequenas alterações e ganhem novas significações.

4.4 Atividades extraídas do Livro *Língua Portuguesa Ápis – 2º ano*

A atividade abaixo está inserida na primeira unidade do tópico “Letras B e P” que retoma a sistematização dos sons entre essas duas letras, tratando sobre a formação de palavras a partir da junção de sílabas.

Figura 20 – Atividade formação de palavras

3 FORME PALAVRAS COM AS SÍLABAS QUE ESTÃO DENTRO DO BALÃO.

LA BO
BA PO PA
DE LO
TA TO

Sugestões: Bobo, boba, bode, bola, bota, boto, lapa, papa, papo, pato, pode, popa, topa, bala, bata, tola, tolo.

Fonte: Livro *Língua Portuguesa Ápis – 2º ano*, 2017, p. 29

Fonte: Livro *Língua Portuguesa Ápis – 2º ano*, 2017, p. 29

Este é outro tipo de atividade proposta pelo LD sobre formação de palavras. A partir das nove sílabas que estão inseridas no balão (la, ba, ta, pa, de, po, to, bo, lo), os alunos devem construir novas palavras. Nas sugestões apresentadas pelos autores é possível notar que foram formadas palavras dissílabas, porém não se limita apenas a essas.

É preciso que as crianças compreendam que as sílabas são as junções das letras e que são necessárias uma ou mais sílabas para formar uma palavra. Há uma diversidade de sílabas que podem ser formadas unindo uma vogal a uma consoante, com isso, a criança inicia o desenvolvimento de sua oralidade por meio dessas sílabas.

Como os alunos estão na fase inicial da aprendizagem e podem apresentar certas dificuldades para a formação dessas palavras, é necessário que o professor apresente outros recursos para facilitar esse desenvolvimento, como por exemplo: dicionários, revistas, jornais, já que o LD não disponibiliza dessas sugestões. É importante que eles percebam que as palavras são criadas todos os dias e, nesse caso em especial, são formadas através de algumas sílabas, como já mencionamos.

A atividade abaixo aborda os sinônimos e foi extraída da Unidade 4 do livro didático, a partir do tópico gramatical que conceitua o que vem a ser sinônimos e antônimos, e apresenta atividades neste gênero.

Figura 21 – Atividade sinônimos II

2 ESCREVA OS SINÔNIMOS.

A) ALEGRE: _____ contente _____	D) BELO: _____ bonito _____
B) PAVOR: _____ medo _____	E) INFELIZ: _____ triste _____
C) ESPERTA: _____ sabida _____	F) ENORME: _____ grande _____

Fonte: Livro *Língua Portuguesa Ápis* – 2º ano, 2017, p. 82

O exercício apresenta sinônimos de algumas palavras que acreditamos fazer parte do vocabulário das crianças. A atividade traz uma limitação de resposta por trazer palavras soltas de modo descontextualizado.

É importante enfatizar que não existem sinônimos perfeitos, isso porque nos vários contextos que são apresentados podem ocorrer certas alterações de sentidos. Conforme aponta

Antunes (2012, p. 35), “no âmbito da sinonímia, também se pode verificar aquela instabilidade do léxico de uma língua, os sentidos das palavras vão sofrendo ‘deslizes’, vão ‘escorregando’ para campos afins e vão ganhando novas significações”.

Desse modo, os significados das palavras apresentadas no exercício podem não ser apenas esses sugeridos. Com o auxílio do dicionário e com a abordagem em diferentes situações comunicativas, é possível que os discentes percebam quantos outros significados são possíveis para uma única palavra; que, empregadas de maneira contextualizadas, podem trazer outros sentidos; além da diversidade da variação lexical, mesmo estando no início do ciclo estudantil. Para Antunes (2012, p. 78), “há pouca relevância de se estudar “listas isoladas de sinônimos” ou de substituir, em duas frases distintas, palavras por outras “do mesmo sentido””. Ou seja, é no texto que as palavras têm um sentido completo e não isoladamente.

A atividade a seguir trata da formação de palavras a partir de inserção de uma nova letra, nesse caso a letra “L”. Está inserida na Unidade 5, no tópico “L em final de sílaba”. Neste mesmo tópico há outros exercícios que apresentam semelhança, mas daremos ênfase ao que segue.

Figura 22 – Atividade para inserir a letra

3 SIGA O MODELO E FORME OUTRAS PALAVRAS USANDO A LETRA L

TACO → TALCO

A) AMA → alma

B) POVO → polvo

C) CAMA → calma

D) CAÇA → calça

T10 UNIDADE 5

Fonte: Livro *Língua Portuguesa Ápis* – 2º ano, 2017, p. 110

O objetivo dessa atividade é a criação de novas palavras a partir da inserção da letra “L” em palavras já formadas, conforme o exemplo mencionado (de taco, passou a ser talco), diferentemente das outras atividades apresentadas sobre essa mesma linha que partiam da ideia da junção de parte das figuras e sílabas soltas.

É necessário que os alunos compreendam que nem sempre a criação de novas palavras se dá dessa maneira, apenas inserindo ou retirando uma letra, sendo ela vogal ou consoante.

Com o auxílio do dicionário, é possível que as crianças percebam que as palavras que foram criadas não apresentam o mesmo significado das que já existiam, o que nos leva a compreender que o acréscimo de apenas uma letra pode transformá-las em novas palavras.

4.5 Atividades extraída do Livro *Buriti Mais Português* – 3º ano

O uso de palavras e diferentes expressões nas diversas regiões do país pode ser chamado de variação regional ou regionalismo. A atividade abaixo, extraída do livro didático *Buriti Mais Português*, aborda sobre gramática: “Variação regional de vocabulário”, e retrata essa questão.

Figura 23 – Atividade sobre variação regional

5 Certos alimentos mudam de nome em algumas regiões do Brasil.

- Ligue as palavras com o mesmo significado.

macaxeira	coxão mole
tangerina	pão francês
pão de sal	tapioca
beiju	bergamota
chá de dentro	jerimum
abóbora	aipim

Fonte: Livro *Buriti Mais Português* – 3º ano, 2017, p. 27

O exercício trata das variações lexicais, apresentando algumas palavras que, provavelmente, muitos alunos não conheçam, como por exemplo: chá de dentro, bergamota, jerimum, isso porque, em nossa comunidade, elas quase não são usadas.

Conforme descreve Filho (2014, p. 236), nos dicionários, prevalecem itens lexicais que são próprios do português brasileiro: “São elementos que abrangem um universo bastante representativo e servem para ilustrar o cenário da diversidade cultural que caracteriza as unidades mais faladas, lidas e escritas pelos utentes brasileiros”.

A partir dessa ideia e dos dicionários *Aurélio Ilustrado* e *Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa: Palavrinha Viva* que foram disponibilizados pelo MEC e por nós consultados, percebemos a ausência de algumas dessas palavras em ambas as obras como: pão de sal, chá de dentro, coxão mole e pão francês. Desse modo, o docente deverá buscar outros dicionários disponíveis na escola que contenham esses significados para a realização do exercício em questão.

Com essa atividade, os alunos irão entender que, para cada região do país, pode-se usar uma palavra diferente mesmo elas sendo destinadas para dar nomes aos mesmos objetos. É necessário que o educador faça o uso do dicionário para que os educandos possam compreender o significado e/ou notar se existem outras palavras que podem ser usadas com o mesmo significado. Há diversos itens lexicais, como aponta Filho (2014, p. 236), “que certamente nem mesmo seriam reconhecidos por muitos habitantes de cada um desse espaço geográfico, em função de o uso ser às vezes característico de locais ou setores de atividades muito específicos”.

Antunes (2012, p. 140) chama a atenção quando fala sobre os vários significados da palavra, “inclusive aqueles decorrentes da mudança no padrão da regência verbal, além daqueles outros significados mais típicos de uma região ou de um domínio social particular”.

Em se tratando da variação lexical, Ferrarezi Jr (2008, p. 68) traz o seguinte parecer:

Nas ocasiões em que há contato entre culturas diferentes, de comunidades falantes de línguas diferentes, juntamente com os saberes compartilhados entre essas culturas, palavras de ambas as línguas acabam sendo emprestadas de uma para outra. No caso do brasileiro, temos uma língua muito rica em empréstimos.

Essas variações são necessárias para que possamos ter uma língua com uma diversidade cultural, na qual cada palavra marque parte da cultura de uma determinada comunidade.

Na figura a seguir, apresentamos um exercício retirado de uma unidade do LD que aborda o dicionário, a qual é intitulada “Palavras – guia”. O LD reproduz uma página desse recurso e, a partir dessa apresentação, são abordadas questões que apresentam a importância do uso do dicionário para identificar o significado das palavras.

Figura 24 – Atividade busca ao dicionário

3 Leia este poema.

Depois de refletir um tempão,
acabei chegando a uma conclusão:
o passado vive apenas na memória,
e o futuro existe só na imaginação.

Silvana Tavano. *O mistério do tempo*.
São Paulo: Callis, 2009.



a) De acordo com a autora, para escrever um relato de memória, precisamos do passado ou do futuro?

b) Procure em um dicionário o significado da palavra **imaginação** e copie.

c) No dicionário em que você pesquisou, quais são as palavras-guia da página em que aparece a palavra **imaginação**?

Fonte: Livro *Buriti Mais Português* – 3º ano, 2017, p. 41

A partir do poema “O mistério do tempo”, de Silvana Tavano, o exercício propõe duas questões que, para serem respondidas é necessária a utilização do dicionário. Conforme aponta Antunes (2012, p. 144), “somente o contexto de uso é que vai definir, entre os sentidos possíveis, aquele que de fato foi ou deve ser atualizado”. O que nos faz entender que é preciso que as palavras estejam contextualizadas para melhor compreensão de sentidos.

Ao elaborar essa questão, os autores podem ter imaginado que os alunos tenham uma ideia sobre o significado da palavra “imaginação”, isso porque na faixa etária em que se encontram esses educandos, é possível que tenham vastos conceitos, mesmo que sejam imaginários. Outro ponto que poderá ser abordado é que o professor trabalhe sobre as estruturas que formam um verbete, os conceitos e as estruturas que podem apresentar no dicionário.

Conforme sugere a atividade, o dicionário de Língua Portuguesa auxilia no desenvolvimento cognitivo dos educandos. De modo geral, podemos ressaltar sua importância para intensificar o conhecimento dos vários significados das expressões e palavras, de aspectos históricos, da norma padrão da nossa língua, assim como gramaticais dos itens lexicais, de usos e variações sociolinguísticas.

Temos, na figura abaixo, um exercício retirado do tópico “Dicionário – divisão silábica” que apresenta informações sobre a classificação das palavras conforme o número de sílabas e outras questões que sugerem o dicionário como auxílio na divisão silábica.

Figura 25 – Atividade sobre separação silábica

4 Consulte o dicionário e sublinhe as palavras com divisão silábica incorreta.

a) ex-ce-ção dis-ci-pli-na po-ssi-vel

b) en-xa-que-ca ca-rro-ça ga-li-nha

c) sal-si-cha a-ga-sal-ha-do pres-sa

• Escreva as palavras que você sublinhou corrigindo a divisão silábica.

po-ssi-vel, car-ro-ça, a-ga-sa-lha-do



Fonte: Livro *Buriti Mais Português* – 3º ano, 2017, p. 129

Esse é outro tipo de atividade que requer o uso do dicionário para que os alunos consigam responder corretamente. Acreditamos que essas palavras fazem parte do vocabulário dos educandos, embora algumas apresentem uma grafia mais complexa (exceção, enxaqueca, agasalhado). Por essa razão, a consulta ao dicionário terá o objetivo de compreender a grafia correta das palavras, assim como a separação silábica e outras informações importantes. Sobre isso, Krieger (2007, p. 301) afirma que “o professor é levado a olhar para o dicionário como um instrumento de valor estratégico para o seu projeto de ensino de língua materna”.

Em outro momento, a mesma autora ressalta as diferenças em relação às informações gramaticais que existem nos dicionários de uma língua:

[...] nenhum deixa de registrar a pronúncia e de marcar a divisão silábica, dados que auxiliam a criança em sua fase de alfabetização e também no desenvolvimento da oralidade, favorecendo sua compreensão de que a escrita não é simples representação da fala. (KRIEGER, 2007, p. 307)

A partir do uso dos dicionários *Aurélio Ilustrado* e *Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa: Palavrinha Viva*, é possível que os alunos percebam quais palavras estão separadas incorretamente, além do mais, eles podem aperfeiçoar a escrita e terem um desempenho melhor nas diversas atividades sugeridas pelo LD. Isso porque eles não deixam de registrar a pronúncia e de marcar a divisão silábica, informações que favorecem a alfabetização e a oralidade dos alunos.

4.6 Atividades extraídas do Livro *Língua Portuguesa Ápis – 3º ano*

A partir da Unidade 1 do livro didático, no tópico “Formação de palavras (1) – Uma palavra puxa a outra”, é possível encontrar a definição de palavras primitivas e derivadas, além de outras atividades que tratam da formação desse grupo, conforme a figura abaixo.

Figura 26 – Atividade sobre palavras primitivas

2 Circule a **palavra primitiva** escondida e explique o significado de cada uma das palavras derivadas.

a) apimentada: Que tem pimenta.

b) enturmado: Que faz parte de uma turma, que está bem entrosado em uma turma.

c) acamado: Que está de cama, doente.

d) encerado: Onde foi passado cera.

e) embandeirado: Enfeitado com bandeiras.

Fonte: *Livro Língua Portuguesa Ápis – 3º ano*, 2017, p. 23

A atividade em destaque aborda sobre a formação das palavras primitivas e o significado das derivadas. As palavras da nossa língua são compostas por pequenos fragmentos, os quais podemos chamar de morfemas. Os afixos são morfemas responsáveis pela transformação de uma palavra primitiva em uma nova.

No exercício, é apresentada a palavra “nova” e o aluno precisa descobrir de onde ela foi originada. É possível que haja uma certa dificuldade para responderem a essa questão, visto que os alunos precisam entender sobre esse processo de formação.

Os processos de formações de palavras mais utilizados no português, segundo aponta Ilari (2006, p. 95), “são, por ordem de importância, a sufixação, a prefixação e a composição que juntos respondem por cerca de 90% da formação de novas palavras a partir de material já presente na língua”.

Segundo Sandmann (1988, p. 11), “a prefixação e a sufixação são, devido à sua produtividade, as partes mais importantes da derivação”. Ou seja, os prefixos e os sufixos apresentam características de fatores que podem formar um grupo de diversas palavras.

A figura a seguir traz um exercício retirado da primeira unidade do livro didático no tópico intitulado “Formação de palavras (1) – Os contrários: antônimos”, o qual apresenta a definição de antônimo e exemplos que facilitam o entendimento, além de questões semelhantes a esta.

Figura 27 – Atividade sobre palavras antônimas

3 Escreva palavras antônimas, isto é, com sentido contrário de:

a) antigo: atual, moderno, novo	c) alto: baixo
b) jovem: idoso, velho	d) frio: quente, calor

Fonte: Livro *Língua Portuguesa Ápis* – 3º ano, 2017, p. 25

O exercício aborda os antônimos, que podem ser definidos como as palavras que expressam sentidos contrários. Como as palavras são simples, imaginamos que elas façam parte do vocabulário das crianças, o que os leva a ter um certo conhecimento sobre seus significados.

Mesmo que os alunos tenham habilidades para responder tal questão, é necessário, embora o exercício não ofereça, o uso do dicionário para que eles venham a ter o domínio da diversidade de significados que essas palavras podem apresentar.

A seguir, apresentamos um exercício que foi retirado da Unidade 12, a última do livro didático, na parte que destaca a “Ordem alfabética e uso do dicionário – dicionário”, na qual há informações e atividades relevantes sobre o que vem a ser o dicionário e ordenação alfabética.

Figura 28 – Atividade com a ordem alfabética

Dicionário é um livro que reúne muitas palavras e seus significados. Assim, podemos encontrar quais sentidos as palavras da nossa língua podem ter, além de outras informações.

1 Para facilitar a localização, as palavras são organizadas no dicionário em ordem alfabética. Leia o que um dicionário traz sobre a palavra **tomilho**.

tomilho: erva cujas flores rosadas têm propriedades aromáticas e as folhas são usadas como tempero.

Saraiva jovem: dicionário da Língua Portuguesa ilustrado. São Paulo: Saraiva, 2011. p. 1180.

ATENÇÃO! Comece observando a primeira letra de cada palavra.

2 Escreva as palavras do quadro em ordem alfabética.

ameixa	tomilho	peixe	batata	pera	carne	abacaxi
melão	cebolinha	repolho	limão	cenoura	morango	

Fonte: Livro *Língua Portuguesa Ápis* – 3º ano, 2017, p. 258

Semelhante aos exercícios das figuras 15 e 16, propostos pelo LD, esse aborda sobre o que vem a ser um dicionário e como as palavras estão organizadas na obra. Aparentemente, espera-se que os alunos desse ciclo de ensino, referimo-nos aqui ao 3º ano, saibam organizar as palavras em ordens alfabéticas.

A partir do uso do dicionário, os alunos vão perceber não só que as palavras estão em ordem alfabética, mas que há uma diversidade de informações novas que compõe essa obra e que passará a ser útil em relação ao conhecimento por ela oferecido.

A utilização do dicionário se faz necessária no decorrer das aulas, embora atividades como essas estejam no final do material didático. Os docentes precisam fazer com que os educandos compreendam que o intuito da atividade é observar a ordem alfabética das palavras, aproveitando a oportunidade para que eles observem as informações que acompanham as palavras de toda página de dicionário. Segundo Corrêa (2011, p. 155), “embora a olhos poucos afeitos a esse gênero ele pareça ser apenas uma lista de vocábulos em ordem alfabética e seus sinônimos, o dicionário tem sempre uma riqueza de informações a oferecer a quem procura”. É uma obra confiável e segura que traz sempre novos conhecimentos.

Na microestrutura dos dicionários, podemos encontrar algumas colocações: antônimos, sinônimos, fraseologismos, que direcionam o usuário de um verbete a outro do dicionário. Como os alunos dos anos iniciais ainda não apresentam um domínio sobre essas questões, é

necessário que o docente oriente e ensine, para que compreendam e aprimorem o conhecimento através do uso constate deste recurso.

4.7 Atividades extraída do Livro *Buriti Mais Português* – 4º ano

A figura abaixo refere-se a um exercício que foi retirado da primeira unidade do livro didático. Para a realização da atividade, é preciso o uso do dicionário para identificar o significado das palavras.

Figura 29 – Atividade sobre o significado de palavras

8 Pesquise no dicionário o significado das palavras e assinale a alternativa certa.						
a) alvissara:	<input type="checkbox"/>	notícia	<input type="checkbox"/>	sucesso	<input type="checkbox"/>	criação
b) murmúrio:	<input type="checkbox"/>	movimento	<input type="checkbox"/>	sussurro	<input type="checkbox"/>	organização

Fonte: Livro *Buriti Mais Português* – 4º ano, 2017, p. 18

O exercício mencionado estava abaixo de um texto. As palavras em destaque (alvissara e murmúrio) fazem parte desse texto, que foi lido e discutido em sala de aula. Mesmo que o professor tenha informado oralmente sobre tais significados, é necessário que haja o auxílio do dicionário para responder a questão.

O aluno poderá ter ou não uma ideia sobre qual seja o significado dessas palavras, devido a leitura anterior do texto em que estão inseridas, mas é a partir do momento em que ele busca no dicionário e faz um comparativo com o que está descrito no exercício, que passará a encontrar outros significados associados ou não à resposta da questão.

Como o dicionário é um instrumento didático e seu uso não está limitado apenas ao conhecimento linguístico, visto que possui a função de suporte ao oferecer informações sobre o significado das palavras, esse suporte é necessário para que os alunos compreendam e passem a utilizar em outras situações os significados encontrados.

É possível que os educandos apresentem certas dificuldades por essas palavras não serem tão usadas em seus vocabulários e terem uma pronúncia complicada para tal público. Mas atividades como essa, embora não esteja contextualizada, podem favorecer o aprimoramento do vocabulário dos alunos, bem como a aquisição de outras formas ortográficas.

Retirada da Unidade 3 do livro didático, no tópico “Dicionário - sinônimo e antônimo”, o exercício da figura abaixo aborda o uso dos sinônimos e antônimos.

Figura 30 – Atividade sobre antônimos e sinônimos

1 Leia este poema.

Palavra

A palavra PALAVRA
é cheia de mistérios,
azedume e doçura,
liberdade e prisão,
verdade e mentira,
alegria e tristeza,
voo livre e perigo.

Elias José. *O jogo das palavras mágicas.*
São Paulo: Paulinas, 2000.

a) Observe que em quatro versos estão destacados pares de palavras. Em cada par, as palavras têm sentido semelhante ou oposto?

Palavras de sentido semelhante são chamadas de **sinônimos**.
Palavras de sentido contrário, oposto, são chamadas de **antônimos**.

b) As palavras destacadas no poema formam pares de sinônimos ou de antônimos? _____

Fonte: Livro *Buriti Mais Português* – 4º ano, 2017, p. 76

Essa atividade apresenta situações sobre sinônimos e antônimos, a partir de um pequeno texto que traz um jogo de palavras. Algumas estão em destaque e, a partir delas, os alunos devem ver se apresentam ou não sentidos opostos ou semelhantes, remetendo à ideia de sinônimos e antônimos.

Nesse caso, o dicionário não é mencionado para auxiliar os alunos a descobrirem os significados das palavras, caso haja alguma que seja desconhecida por eles. É importante que os alunos compreendam o que vem a ser um sinônimo e um antônimo e qual a diferença entre ambos.

Na figura abaixo, apresentamos um exercício retirado da Unidade 4 do livro didático, no tópico relacionado à gramática: “Substantivo simples e composto”. A partir do texto do gênero notícia, é possível destacar atividades dedicadas à formação de substantivos simples e compostos.

Figura 31 – Atividade sobre formação de palavras

<p>6 Una as palavras formando substantivos compostos.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Se você tiver dúvidas quanto à escrita, consulte o dicionário. 	
a) vaga + lume: _____	d) sobre + mesa: _____
b) vara + pau: _____	e) obra + prima: _____
c) gira + sol: _____	f) arco + íris: _____

Fonte: Livro *Buriti Mais Português* – 4º ano, 2017, p. 101

Nesta atividade é possível perceber que a formação de substantivos compostos se dará a partir da junção de dois substantivos simples. Em caso de dúvidas, conforme sugere o exercício, o dicionário deve ser utilizado, porém não temos como apontar a maneira que a atividade foi desenvolvida pelos alunos, isso porque não tivemos acesso a tais informações.

O processo de derivação e composição são os mais comuns na formação de novas palavras. O primeiro se distingue pela junção de um afixo a uma base para a criação da palavra. Já o segundo, é formado pela união de uma base a outra para a formação de uma outra palavra, como é o caso do exercício acima.

Basílio (2004, p. 30) traz a seguinte definição: “a composição é um processo de formação de palavras que utiliza estruturas sintáticas para fins lexicais. [...] na função de denominar e/ou caracterizar seres, que é uma função fundamental do léxico”. É necessário que os alunos já compreendam o que vem a ser substantivo simples e composto, assim terá mais facilidade para compreender o sentido dessas formações.

O próximo exercício foi retirado da Unidade 7 do livro didático, no tópico relacionado à ortografia “Terminações ‘ez e eza’” que traz exemplos de adjetivos e substantivos com essas terminações.

Figura 32 – Atividade com terminações ez, eza

4 Escreva o substantivo que corresponde a cada explicação. Se preciso, consulte um dicionário.

Dica
Os substantivos terminam em **ez** ou **eza**.

a) Estado de mulher grávida. _____

b) Qualidade de quem é franco. _____

c) Qualidade de quem é sutil. _____

d) Estado do que é rígido. _____

e) Qualidade do que é puro. _____



161

Fonte: Livro *Buriti Mais Português* – 4º ano, 2017, p. 161

A questão acima aborda a formação de novos substantivos terminados em “ez, eza”, a partir de outras palavras. É possível que os alunos tenham dificuldades ao responder a atividade devido algumas palavras não serem tão comuns em nosso vocabulário, como sutileza, rigidez e pureza.

4.8 Atividades extraídas do Livro *Língua Portuguesa Ápis* – 4º ano

Esse exercício foi retirado da primeira unidade do livro didático no tópico “Tecendo saberes” que traz relações interdisciplinares como os demais textos que serão estudados no decorrer do ano. Textos como esse, traz alguns verbetes supostamente desconhecidos pelos discentes.

Figura 33 – Atividade com glossário

1 Leia um cordel de Chico Salles, poeta e músico nascido no município de São Francisco, na Paraíba. O município é popularmente conhecido como São Francisco do Chabocão.

Meu Chabocão

Se você ouvisse a zuada da abelha Zunindo na sua orelha, Depois de fazer o mel	Não falava de tristeza Nem miséria no sertão Pois lá no meu Chabocão
Se você sentisse o cheiro da chuva no chão Molhando a plantação E a melancia no pé	Era assim que eu vivia Não falava de tristeza Nem miséria no sertão Pois lá do meu Chabocão
[...]	Só me lembro de alegria.

Se você bebesse da água lá da **cacimba**
Saborosa e bem no clima
Retirada com a mão

Se você visse feito um animal vadio
O peixe subindo o rio
Pra desovar no **açude**

Se você dormisse numa rede bem armada,
Na varanda ou na **latada**, mudava de atitude.

- **zuada:** barulho, zumbido.
- **zunindo:** ruído feito por abelha.
- **cacimba:** poço, cisterna, fonte de água potável.
- **açude:** lago formado por represamento.
- **latada:** grade que sustenta parreiras de uvas ou outras plantas.

Chico Salles. *A saga do cordel em poesia: o nordestino carioca*. Folheto de cordel, 3. ed. Projeto gráfico: J. C. Mello, Ideia digital. [s. d.]

Fonte: Livro *Língua Portuguesa Ápis* – 4º ano, 2017, p. 31

A partir do cordel “Meu Chabocão”, de Chico Salles, é possível perceber que algumas palavras estão em destaque e, ao final, há uma lista com as possíveis palavras que os alunos desconheçam.

Embora o livro apresente essa pequena lista de palavras, não significa que os alunos desconheçam apenas essas. A partir da leitura e discussão do cordel, será possível perceber outras palavras cujos significados eles podem desconhecer. A lista vem acompanhada das definições e não há sugestões para que seja utilizado o dicionário como um recurso nessa atividade.

A consulta aos dicionários deve ser realizada a partir de discussões, como nesse texto por exemplo, para que outras possibilidades de sentidos possam ser encontradas e analisadas. Sobre a maneira como o dicionário deveria ser utilizado para auxiliar na interpretação de texto, Silva (2003, p. 115) descreve:

O trabalho com o dicionário nas interpretações de textos na escola [...] reflete, quase sempre, uma representação do conhecimento linguístico, enquanto disciplina escolarizável, quer dizer passível de ser apreendida e dominada, [...] dos sentidos e pelo estabelecimento de uma relação direta entre as palavras e as coisas.

Desse modo, é possível perceber que o dicionário deve estar sempre em uso na realização das atividades escolares, juntamente com o livro didático, sendo um o apoio do outro.

O exercício abaixo foi retirado do livro didático e aplica-se informações sobre o que mostra o verbete “capturar”.

Figura 34 – Atividade com informações sobre verbete

Leia o verbete da palavra **capturar**.

capturar (cap.tu.rar) v. Prender, aprisionar, deter. *A polícia acaba de capturar o bandido.* ▲ antônimo: soltar.

Academia Brasileira de Letras. **Dicionário escolar da língua portuguesa.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008. p. 264.

Escreva as **informações** que esse verbete mostra.

- classe da palavra: Verbo.
- significado: Prender, aprisionar, deter.
- número de sílabas: Três.
- exemplo: A polícia acaba de capturar o bandido.
- sílaba tônica: -rar

Fonte: Livro *Língua Portuguesa Ápis* – 4º ano, 2017, p. 271

A atividade em destaque, extraída da Unidade 8, a última do LD, na abordagem sobre “Uso do dicionário”, na parte 2, propõe de maneira clara que se estude o formato do dicionário, embora o conteúdo apresentado esteja no final do material didático. A partir das informações do verbete da palavra *capturar*, é provável que, após a explicação do docente, os alunos compreendam sobre a microestrutura que o compõe.

O verbete de um dicionário pode ser considerado como uma unidade mínima na sua organização, formado pela palavra-entrada, traz um grande número de informações sobre a unidade, que pode variar de acordo com o tipo do dicionário e para qual público ele é destinado.

Nas palavras de Murakawa (2007, p. 238), um verbete deve reunir:

Informações sobre a etimologia, pronúncia, ortografia, classe gramatical, restrições de uso [...], sinônimos, antônimos, combinações lexicais, aspectos sintáticos relevantes, irregularidades morfológicas e principalmente a definição das diversas acepções e exemplos.

É notável que, a partir da descrição da autora, informações como essas condizem com o que é solicitado no exercício, como: a classe da palavra, o significado e os exemplos. Em relação

ao número de sílabas e as sílabas tônicas, acredita-se que os alunos já tenham domínio. Exercícios como esses são necessários para que os educandos conheçam as estruturas das palavras, além de adquirir domínio e habilidades na consulta aos dicionários.

Na figura a seguir, apresentamos um exercício retirado da última unidade do livro didático, logo após a segunda parte que menciona o uso do dicionário, e aborda sobre as palavras que apresentam sentidos contrários.

Figura 35 – Atividade sobre sentidos contrários

4 Leia a seguir o texto de um folheto que fornece instruções para viver melhor, por meio de um jogo de palavras de sentido contrário. Nele estão faltando palavras.

Organize-se

Você abriu, feche.	Quebrou, _____.
Acendeu, _____.	Emprestou, _____.
Ligou, _____.	Não veio ajudar, não _____.
Desarrumou, _____.	Ofendeu, _____.
Sujou, _____.	Seguindo esses preceitos, viverá melhor.

Rodolfo Ilari. **Introdução ao estudo léxico: brincando com as palavras.** São Paulo: Contexto, 2002. p. 28. (Adaptado.)

Fonte: Livro *Língua Portuguesa Ápis* – 4º ano, 2017, p. 272

Na atividade acima, há um texto incompleto que apresenta um jogo de palavras de sentidos contrários, ou seja, trata-se de antonímia. É preciso que os alunos consigam entender o que vem a ser um antônimo, que frases e palavras podem ser postas em oposição como um meio para o aperfeiçoamento da expressão e reflexão.

Os antônimos, segundo Ilari (2006, p. 25), “costumam ser comparados aos pares e entre dois antônimos que formam par há sempre uma propriedade em comum. Assim, grande e pequeno indicam tamanho; ir e vir indicam deslocamento”. Podemos compreender que os antônimos são pares de palavras referentes a oposições.

O dicionário pode ser utilizado para auxiliar na busca pelos antônimos adequados, isso porque com os dados e os conhecimentos que estão disponíveis nessa obra, os alunos adquirem outras informações quando se busca os significados dessas palavras.

Segundo Rangel (2012, p. 16), os dicionários trazem funções como “desvendar relações de forma e de conteúdos entre palavras (sinonímia, antonímia, homonímia)” oferecendo muitos e variados serviços, sendo que cada um deles pode estar ligado a um determinado fator da descrição lexicográfica.

Na figura a seguir, apresentamos um exercício extraído da Unidade 8 do livro didático, assim como as duas anteriores, na seção sobre o uso do dicionário, parte 3, que aborda sobre o uso das palavras aportuguesadas.

Figura 36 – Atividade sobre palavras aportuguesadas

Observem as palavras a seguir.

Língua inglesa	Língua portuguesa
motoboy stress	motobói estresse

Essas palavras começaram a ser faladas e escritas na língua inglesa (coluna da esquerda). Por serem também bastante usadas no Brasil, foram **aportuguesadas**, isto é, passaram a ser pronunciadas e escritas de acordo com as características de nossa língua (coluna da direita).

Releiam as palavras trabalhadas no item anterior e notem que elas passaram pelo mesmo processo.

b) Descubram como foram aportuguesadas as seguintes palavras: **scanner** e **ballet**.

c) Pesquisem outras palavras que passaram por esse processo.

Fonte: Livro *Língua Portuguesa Ápis* – 4º ano, 2017, p. 276

A atividade apresenta palavras que fazem parte da Língua Portuguesa. A língua está em uma mudança constante: palavras são criadas, outras se transformam e há aquelas usadas primeiro em uma determinada língua que, com o tempo, se espalham e passam a fazer parte de outros idiomas. A criação e a implantação de novas palavras fazem parte da evolução da língua.

Surf, skate, skatistas são as palavras trabalhadas no item anterior. Elas foram aportuguesadas e hoje fazem parte do vocabulário dos usuários, em especial daqueles que praticam os referidos esportes. Tivemos acesso a dois dicionários indicados para esse ciclo de

ensino, sendo eles: o *Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa: Palavrinha Viva*⁶, e o *Dicionário Aurélio Ilustrado*⁷ e, após consulta, foi possível descobrirmos que as palavras da atividade (motoboy, stress, scanner ballet) não constam escritas em inglês, conforme mencionado.

As palavras motoboy e stress são bem comuns em nosso cotidiano, mas scanner e ballet não são tão comuns assim. Em relação ao empréstimo de palavras de uma língua, Ferraz (2008, p. 68) ressalva que nossa língua é riquíssima em empréstimos, “cuja o léxico contempla palavras adaptadas de muitas línguas diferentes, como as línguas indígenas, as dos imigrantes europeus, do inglês norte-americano, as dos imigrantes asiáticos, enfim, [...] de muitas fontes distintas”.

Não é possível que uma língua seja formada sem empréstimos. Embora no início soe estranho, como as apresentadas na atividade acima, a partir do as palavras vão se tornando comuns em nosso vocabulário, como as relacionadas aos jogos e muito usadas pelas crianças.

4.9 Atividades extraída do Livro *Buriti Mais Português* – 5º ano

As duas figuras abaixo foram retiradas da Unidade 5 do livro didático, inserida no tópico sobre ortografia: “Palavras semelhantes”. Elas apresentam palavras com grafias semelhantes, porém com significados distintos, conforme outros exemplos expostos na unidade.

⁶ BORBA, Francisco S. *Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa Palavrinha Viva*. Ed. PIÁ. (PNLD Dicionários 2012, 2º ao 5º Ano Ensino Fundamental)

⁷ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Ilustrado*. Curitiba: Ed. Positivo: 2008. (PNLD Dicionários 2012, 2º ao 5º Ano Ensino Fundamental)

Figura 37 – Atividade sobre palavras semelhantes

Para falar e escrever melhor

Ortografia **Palavras semelhantes**

1 Observe as cenas e converse com os colegas.

A

Nossa, pai!
Que cobra gigante!

É... ela deve ter uns 8 metros de **comprimento**!

B

Antes da luta, o **cumprimento**!



a) O que é possível observar em relação à pronúncia das palavras destacadas?
A pronúncia dessas palavras é semelhante.

b) E em relação à escrita?
A escrita dessas palavras também é semelhante.

Fonte: Livro *Buriti Mais Português* – 5º ano, 2017, p. 120

Figura 38 – Atividade sobre palavras semelhantes II

2 Leia as frases e observe outro par de palavras semelhantes.

✓ O aluno fez uma **descrição** da cena.
✓ O candidato agiu com **discrição** durante a entrevista.

a) Explique o significado dessas palavras nas frases.

b) Consulte um dicionário e verifique se sua explicação está correta.

- Agora, registre os significados que você encontrou.
Possibilidades: **descrição**: relato detalhado das características de algo;
discrição: qualidade do discreto, de quem ou do que não chama a atenção;
reservado; comedido.

Fonte: Livro *Buriti Mais Português* – 5º ano, 2017, p. 121

Os exercícios referentes às figuras 37 e 38, trazem o contexto de parônimos. Há palavras que têm pronúncia e escrita semelhantes, mas o significado é diferente. Com o auxílio do

dicionário, conforme sugerem os exercícios, é possível esclarecer o significado dessas palavras além de solucionar dúvidas sobre ortografia.

Na primeira figura, é possível que os alunos percebam, a partir do diálogo da imagem, a diferença entre as palavras comprimento em (A), que se refere ao tamanho da cobra, e cumprimento em (B), que se trata de uma saudação. A pronúncia é a mesma, o que diferencia na escrita de uma para outra são apenas as vogais “o” e “u”. Já na segunda figura, há duas frases, uma com a palavra descrição (exposição detalhada de alguma coisa), e a outra com a palavra discricção (qualidade de quem não quer chamar a atenção de algo), com a mesma condição da figura anterior: apresentam pronúncias semelhantes, diferenciando-se apenas na escrita com as vogais “e”, “i”.

O conceito sobre palavras parônimas apresentado por Ilari (2006, p. 103) define-as como “aquelas que se pronunciam da mesma maneira, mas têm significado distintos e são percebidos como diferentes pelos falantes da língua”. É importante que aos alunos percebam que essas palavras apresentam grafia e pronúncia parecidas, mas os sentidos não são iguais.

É preciso que atividades como as mencionadas acima, apresentem uma fácil leitura e uma boa compreensão. Isso porque os dicionários podem apontar sentidos e valores variados de determinadas palavras, dificultando, muitas vezes, a compreensão dos alunos em relação à semelhança das palavras.

4.10 Atividades extraídas do Livro *Língua Portuguesa Ápis* – 5º ano

O exercício a seguir foi retirado da Unidade 8, a última do LD, destaca o “Uso do dicionário (1) - busca de palavras”, e apresenta, detalhadamente, informações de como pesquisar uma palavra no dicionário.

Figura 39 – Atividade como pesquisar um verbete

1 Leia os versos do poema “Rotina”.

Rotina

<p>Todo dia é sempre assim De manhã faço xixi Na escola, a professora Me pergunta o que eu li Umhas vezes leio um livro Noutras vezes, um gibi.</p>	<p>Noutro dia é sempre assim Me espreguiço ao acordar O café, a escola, o almoço A lição pra completar E é sempre o mesmo papo Quando a gente vai jantar</p> <p>Noutro dia é tudo igual Tomo banho de água fria Na escola, Matemática Português, Geografia Mas se eu não fizesse isso Já pensou que ruim seria?</p>
---	---



César Obeid. **Criança poeta:** quadras, cordéis e limeriques.
São Paulo: Ed. do Brasil, 2013. p. 12-13.

Você já conhecia a palavra **rotina**? Se não, o que imagina que ela quer dizer? Converse um pouco com os colegas sobre isso para tentar deduzir o significado dessa palavra.

Antes, vamos relembrar como se utiliza um dicionário:

- localize a parte que corresponde à letra inicial da palavra: no caso, a letra **R** de **rotina**;
- verifique as letras que se seguem ao **R** para localizar a palavra na página;
- leia o **verbo** correspondente à palavra.

Verbo é o conjunto de informações explicativas sobre uma palavra em dicionários ou enciclopédias.

Fonte: Livro *Língua Portuguesa Ápis* – 5º ano, 2017, p. 277

Essa é uma atividade bem sugestiva oferecida pelo LD. Após trazer o poema “Rotina”, de César Obeid, formado com palavras simples e do contexto dos educandos, os autores utilizaram o título para discutirem se as crianças conhecem ou não seu significado.

A partir desse momento, o uso do dicionário é indicado e um passo a passo é apresentado para que os alunos encontrem o significado da palavra sugerida. Depois de todas essas informações, os autores apresentam o que é um verbete, como sendo todas as informações sobre uma determinada palavra.

Atividades como essa e outras descritas anteriormente, nas figuras 15 e 16, trazem aos alunos informações que favorecem a utilização do dicionário, mesmo sendo anos de ensino diferentes. Segundo Gomes (2011 p. 146), há uma maneira de consultar esse recurso:

Ensinar como se emprega um dicionário, como se manuseia a obra requer um passo prévio: ensinar o que é e como é constituído um dicionário. Inicialmente, o estudante deve dominar a ordenação alfabética, uma vez que o acesso mais comum é a dicionários ordenados alfabeticamente.

É necessário que haja uma familiaridade por parte dos alunos com todas as informações contidas no dicionário, seja com indicações gráficas, marcações, formatações, abreviações para que possam sanar as dúvidas referentes aos verbetes.

Esta atividade foi retirada da última unidade do LD na quarta parte, que aborda sobre o uso do dicionário (4) com ênfase em antônimos.

Figura 40 – Atividade sobre antônimo II

Leia o trecho de uma notícia.

[...] Um vídeo divulgado na internet mostra um dos pandas — um animal habitualmente **lento e calmo** — correndo em **desespero**, em uma tentativa **sem** sucesso de **subir** em uma árvore.

Muitos pandas tentaram buscar refúgio em locais **altos**, surpreendidos pelo terremoto e os tremores secundários. [...]

“Pandas chineses de Sichuan ficam aterrorizados por terremoto”. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/mundo/pandas-chineses-de-sichuan-ficam-ateorizados-por-terremoto/>>. Acesso em: 9 jan. 2018.



Copie as palavras destacadas no texto. Junto a cada uma delas, escreva um antônimo.

Fonte: Livro *Língua Portuguesa Ápis* – 5º ano, 2017, p. 285

O exercício apresentado traz um pequeno fragmento da notícia “Pandas chineses de Sichuan ficam aterrorizados por terremoto”, com algumas palavras em destaque (lento, calmo, desespero, sem, subir, altos). Após extraídas as palavras, os autores sugerem que seja apresentado a cada uma o seu antônimo.

Como a atividade não apresenta nenhuma informação sobre o que seria um antônimo, é possível que alunos tenham esse conhecimento ou tenha estudado em outras unidades deste LD. A antonímia, como sabemos, pode ser conceituada como uma oposição de sentidos entre as palavras. Para que os alunos compreendam o sentido da atividade, seria interessante que outras

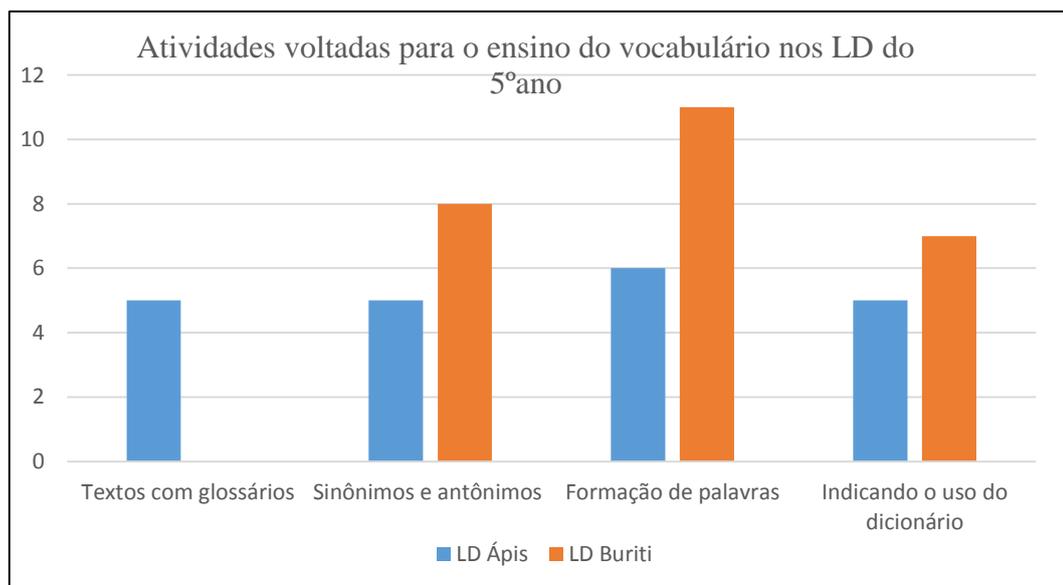
palavras desse texto fossem exploradas, em questões ortográficas, sinônimas e outras que foram aportuguesadas em nossa língua.

Em relação ao número de atividades que abordam o ensino do vocabulário, se comparado ao total de atividades, é considerado insatisfatório, pois o vocabulário é fundamental na construção diária do conhecimento dos alunos tanto em sala de aula, quanto fora dela. Nem todas as atividades aqui representadas, trazem de maneira clara a ampliação em relação ao ensino do vocabulário, e, muitas vezes, o educador não consegue buscar outros recursos para auxiliar essas questões.

Buscamos, nessas duas coleções, atividades que visam desenvolver e ampliar a competência lexical dos educandos, assim como a função do uso do dicionário com o objetivo de contribuir para que o aluno reconheça um item lexical. Além de tentarmos enfatizar as semelhanças e as diferenças encontradas em relação ao trabalho com o ensino do léxico nas obras mencionadas.

Iniciamos com as duas obras do 5º ano, visto que acreditamos que, nesse ciclo de ensino, os alunos possuam um conhecimento maior, tanto em relação à leitura quanto à escrita e à comunicação, significando assim, que também têm um vocabulário mais amplo em relação ao 1º ou 2º ano.

Gráfico 1 – Atividades relacionadas ao ensino do vocabulário – 5º ano



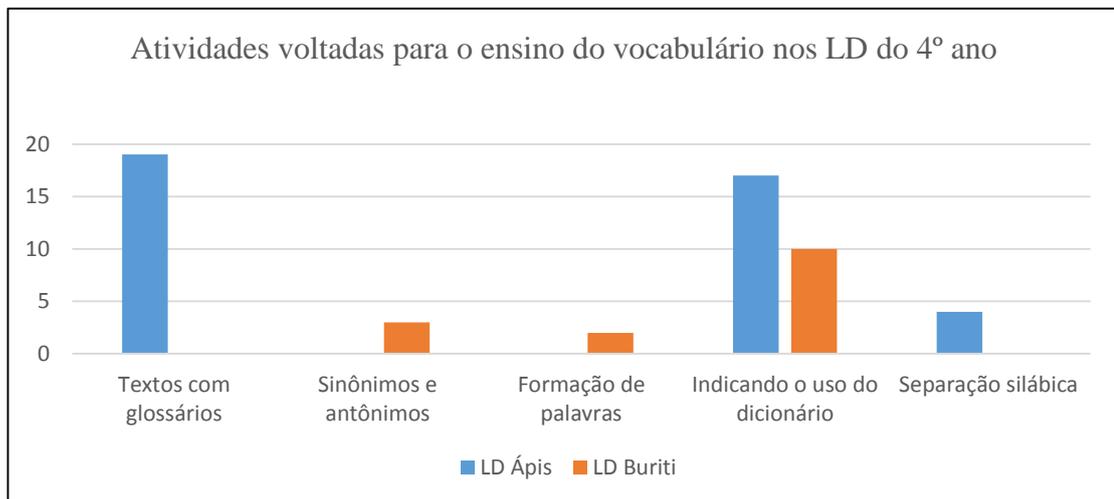
Fonte: Autoria própria, 2020

É possível percebermos, a partir do gráfico, que há uma diferença entre as duas editoras no que se refere ao número de exercícios que apontam para o ensino do vocabulário. As duas

obras apresentam atividades sobre sinônimos e antônimos, formação de palavras e indicando o uso do dicionário. Já os textos que apresentam uma lista de palavras, consideradas pelos autores desconhecidas para os alunos, está representada apenas no LD Ápis.

Dessa relação, observou-se que os autores do LD *Buriti Mais Português* desenvolveram mais atividades sobre a formação de palavras e, com menor recorrência, indicam o uso do dicionário. Isso acaba nos levando a acreditar que o uso desse recurso ainda é pouco explorando desde a criação do material didático. Já no LD *Língua Portuguesa Ápis*, atividades sobre sinônimos e antônimos e que indicam o uso do dicionário se apresentam na mesma quantidade, tendo um diferencial nas atividades sobre formação de palavras e nos textos com glossário.

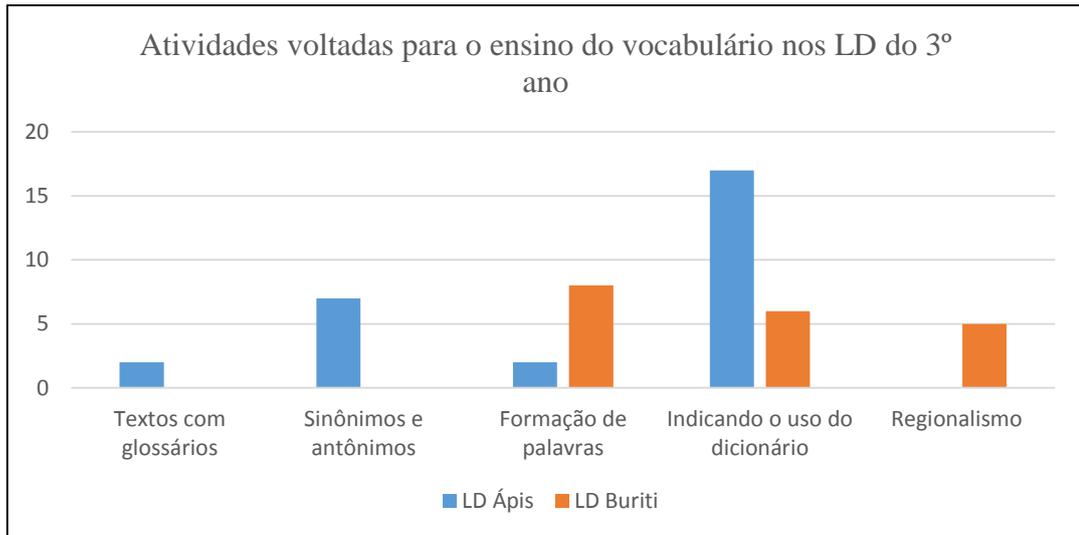
Gráfico 2 – Atividades relacionadas ao ensino do vocabulário – 4º ano



Fonte: Autoria própria, 2021

Já em relação à análise das atividades apontadas pelos LD do 4º ano, é possível perceber uma situação diferente da anterior. Na obra *Ápis* há um maior destaque para os textos com glossários, seguido das atividades que sugerem diretamente o uso do dicionário e, por fim, um pequeno número que aponta para a separação silábica, que também pode ter como auxílio o dicionário.

Na outra obra, são poucos os exercícios voltados para o ensino do vocabulário. O maior número é referente aos exercícios que indicam o dicionário como um recurso, mesmo assim, ainda é muito limitado, indicando a necessidade de que o docente não tenha apenas esse LD como apoio, mas que traga novos questionamentos aos educandos para que ampliem esse conhecimento.

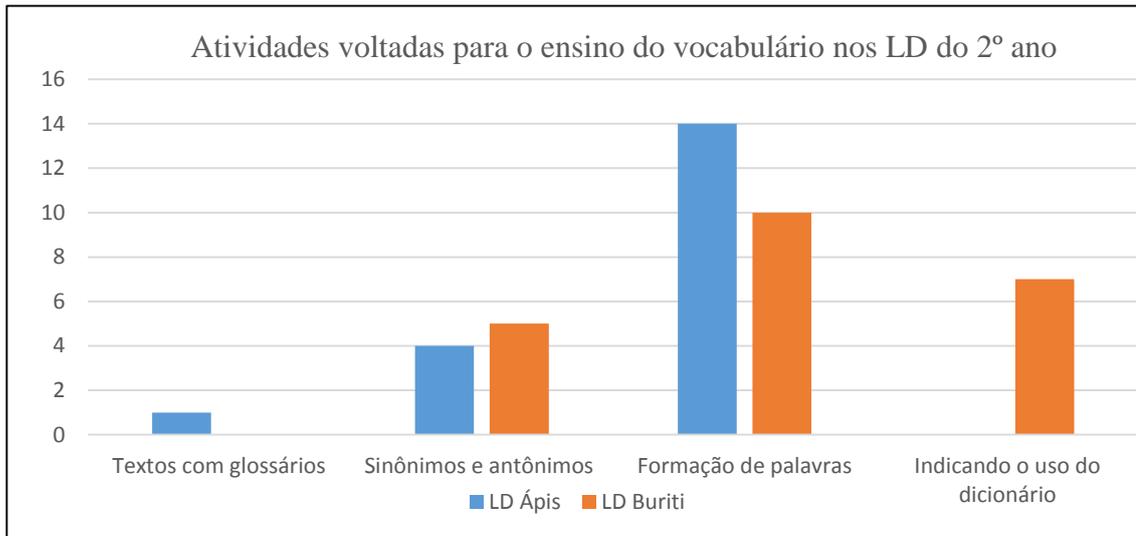
Gráfico 3 – Atividades relacionadas ao ensino do vocabulário – 3º ano

Fonte: Autoria própria, 2021

Nas obras analisadas do 3º ano, é possível notar que o número de exercícios voltados para o ensino do vocabulário é pequeno.

É importante destacar as atividades que indicam o uso do dicionário no LD Ápis, pois, a partir desse tipo de exercício, é possível que os alunos conheçam novas palavras e desenvolvam melhor a escrita, embora eles estejam muitos distantes desta referência. As demais atividades, como textos com glossários, sinônimos e antônimos e formação de palavras, consideramos pouco recorrentes para que os alunos consigam compreender satisfatoriamente esses processos.

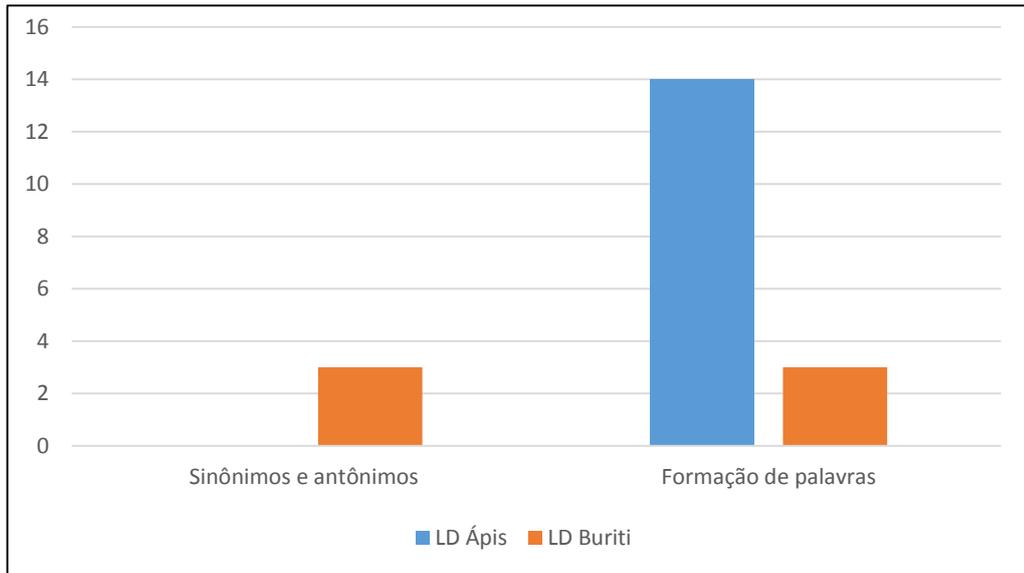
No livro da coleção Buriti, não encontramos atividades sobre sinônimos e antônimos, porém há questões sobre o regionalismo, não apresentadas na outra obra.

Gráfico 4 – Atividades relacionadas ao ensino do vocabulário – 2º ano

Fonte: Autoria própria, 2021

A partir deste gráfico, encontramos, na obra *Ápis*, o maior número de exercícios voltados para a formação de palavras, por outro lado, a coleção não apresenta exercícios que indicam o uso do dicionário, isto influencia para que este recurso de certa forma não seja utilizado no decorrer das aulas.

Nas atividades extraídas da obra *Buriti*, identificamos aquelas sobre a formação de palavras, sinônimos e antônimos, além daquelas que precisam do dicionário (*Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa: Palavrinha Viva; Dicionário Aurélio Ilustrado*) para que sejam resolvidas, pois no início do ciclo estudantil, o contato com essa obra permitirá aos alunos a familiaridade precoce para um manuseio proveitoso.

Gráfico 5 – Atividades relacionadas ao ensino do vocabulário – 1º ano

Fonte: Autoria própria, 2021

Temos, nesses livros do 1º ano, apenas dois tipos de exercícios que tratam sobre o léxico. A coleção Ápis apresenta atividades que levam o aluno a buscar novos significados e a formar novas palavras. Já o LD Buriti, apresenta somente questões sobre a formação de palavras. Em ambas as obras há ausência de atividades voltadas para o uso do dicionário, sendo que esse contato deveria ser iniciado logo no início da vida estudantil.

É interessante destacar que os LD da coleção Ápis, com exceção ao do 1º ano, apresentam o uso de listas de palavras como um recurso utilizado para a ampliação do vocabulário, isso, de certa forma, retira a função do educando de buscar no dicionário o significado dessas lexias que os autores supostamente acreditam serem desconhecidas por eles, mesmo sendo papel do docente ensinar, orientar e incentivar essa prática em sala de aula. Tendo essas listas, é possível que os alunos não recorram ao dicionário para verificar se há outros significados de tais palavras.

Acessando somente a lista de palavras fornecida pelo livro didático, o educando pode perder a oportunidade de ampliar o desenvolvimento da competência lexical. Com isso, é possível que o aluno não tenha a preocupação em conhecer detalhadamente o dicionário, dando-se por satisfeito com aquela informação reduzida. Pode acontecer que, em um novo texto, essa mesma unidade lexical possa ser utilizada, e que seja necessária uma nova lista, até que o discente conheça mais sobre essa palavra.

Após análise dos LD da coleção *Buriti Mais Português* foi possível perceber que não há textos com tais listas, com isso acreditamos que, após a leitura dos textos, busca-se no dicionário

o significado dessas palavras que para eles são desconhecidas, podendo, com essa busca, acessar também a estrutura, o contexto de uso e as relações semânticas de tal unidade lexical.

Seria ideal que o livro didático não fosse o único recurso trazido para a sala de aula. É função da escola complementar o vocabulário que a criança recebe em casa, embora muitas vezes ela utilize de palavras que pertencem a um determinado grupo que não tenha uma linguagem formal, digamos assim. O educador, diante de uma situação semelhante a essa, deverá ensinar os alunos a diferenciar cada contexto para uso da língua de maneira adequada.

O educador tem o papel de contribuir para uma boa formação lexical de seu aluno por meio de comparação, classificação e agrupamento que o aprendizado das palavras incentiva. Ele deve orientar que o léxico precisa ser adequado mesmo sabendo que, dentro e fora da escola, ele sofre variações. Isso não significa que o vocabulário utilizado nas aulas de biologia serão os mesmos usados na aula de história. Esse processo de construção do léxico, o aluno precisa entender que é constante.

Todas as disciplinas trazem algo novo a ser aprendido e não apenas a Língua Portuguesa. Então, ensinar vocabulário está ligado à maneira de contextualizar a palavra, analisando sua ligação com as demais da língua, o que vai muito além do livro didático. Os educandos precisam entender que, em todos os momentos, há construção do conhecimento lexical, seja na sala de aula utilizando o LD ou fora dela com outro recurso didático. Há sempre aprendizagem.

4.11 Visão geral das atividades

Tendo como base as atividades analisadas das coleções mencionadas, é possível perceber que o ensino do léxico não é abordado de maneira completa e, talvez, esteja sendo considerado como uma atividade secundária. Em grande parte das atividades, vimos abordagens breves, como algumas perguntas e respostas que deveriam ser exploradas e levadas para o contexto, não apenas como formação de palavras e significados.

Nas atividades propostas para os 1º anos, é possível perceber uma variedade de exercícios que servem para que os alunos percebam sobre o processo de formação de novas palavras, por meio da junção de partes de sílabas de palavras já existentes ou não. Outra questão de destaque é o significado (igual ou semelhante), que seria relevante que o professor iniciasse nesse período com o uso do *Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa: Palavrinha Viva* e do *Dicionário Aurélio Ilustrado* para que as crianças tivessem contato com novos vocábulos, bem como o uso de outros recursos, que não apenas o livro didático, por exemplo, revistas e jornais.

Em relação às atividades propostas pela coleção *Buriti Mais Português* para o 2º ano, é possível perceber que ela propõe o uso do dicionário para resolver tais questões, embora seja utilizado para completar e ordenar palavras soltas descontextualizadas. Já os exercícios da outra coleção só trabalham com a formação de palavras simples, sem o auxílio do dicionário e de outros recursos didáticos.

Há uma semelhança apontada nos exercícios das duas coleções para o 3º ano, a saber: palavras primitivas, antônimos, sinônimos, significado das palavras, conceito de dicionários, descritas em pequenas frases e não de maneira textual. Antunes (2012, p. 41), descreve que “fica evidente, nesses estudos tão reduzidos e simplistas de palavras soltas e frases soltas, que falta uma consideração do léxico em seu funcionamento sintagmático”. Isso porque o aluno não terá um conhecimento ampliado para a produção de textos, estudando apenas frases descontextualizadas.

Para os alunos do 4º ano, há alguns exercícios que já foram aplicados nos anos anteriores, como por exemplo: significado das palavras, antônimos e sinônimos, palavras contrárias. É possível que eles apresentem mais facilidade ao se depararem com estes. Outros ainda fazem parte de um contexto novo como os estrangeirismos e os substantivos compostos. É necessário que os educandos percebam as diversas diferenças que há na Língua Portuguesa a partir de cada novo conteúdo abordado.

As atividades apresentadas para os educandos do 5º ano estão mais direcionadas para o uso do dicionário, a partir de pequenos fragmentos de textos. Mas, o número de exercícios ainda é pouco para que os alunos consigam compreender e desenvolver melhor o vocabulário, haja vista que eles estão encerrando o primeiro ciclo estudantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito deste trabalho foi compreender como o ensino do léxico é abordado pelos livros didáticos e como os dicionários são utilizados para auxiliar nessa aprendizagem. Além de desenvolvermos algumas atividades que possam servir de exemplos aos docentes ao explorar esse conteúdo, tão necessário em nossa língua.

Sabemos que o léxico é o resultado de todos os saberes vividos por um indivíduo que faz uso de uma determinada língua, nas diversas situações ao longo de sua vida, passando assim a ampliar e ter uma outra visão da realidade através do aumento do conhecimento lexical. E cabe à escola, em especial, o papel de desenvolver desde o início do ciclo educacional esse interesse nos educandos.

O estudo do léxico abrange uma diversidade de questões importantes e necessárias para o nosso conhecimento, as quais podem e devem ser descritas, observadas e analisadas no ambiente escolar. Várias são essas propostas que podem ser exploradas em sala de aula no intuito de que os alunos desenvolvam habilidades que servirão para o uso no cotidiano. Com isso, eles passam a compreender os diversos sentidos que podem dispor da sua linguagem.

No decorrer dessa pesquisa, abordamos o que vem a ser o léxico, o vocabulário, suas ciências e quais recursos são necessários para que ele seja explorado de maneira contextualizada em sala de aula. Fizemos uma análise em alguns materiais didáticos, de um grupo específico de unidades escolares, assim como em seus documentos oficiais, para que nossas inquietações iniciais fossem esclarecidas.

A partir das análises realizadas nas duas coleções de livros didáticos, pudemos perceber que as atividades que abordam o ensino do vocabulário não são recorrentes. O livro da coleção Ápis do primeiro ano, por exemplo, é composto por 22 unidades, no decorrer destas unidades há apenas 14 atividades com formação de palavras, não apresentando nenhuma outra voltada para o vocabulário. Já o LD da coleção Buriti contém 8 unidades, com apenas 03 atividades direcionadas à formação de palavras e 03 sobre sinônimos e antônimos. Exercícios com formação de palavras, separação silábicas, sinônimos e antônimos, ordem alfabética e informações utilizando os dicionários são os que se apresentam.

Acreditamos que o ensino do vocabulário, especialmente por meio do uso do dicionário, deve ser iniciado logo nos primeiros anos do ciclo estudantil, para que os educandos apresentem um conhecimento maior, tanto para a comunicação quanto para a escrita, porém percebemos que ele ainda é pouco explorado, em especial nos livros analisados.

É bem provável que os educadores, em sua grande maioria, ainda não tenham conhecimento da importância e da necessidade deste ensino para os alunos, isso porque provavelmente não tiveram, em sua formação, disciplinas que abordassem as áreas científicas de estudos do léxico. Ou, talvez, por trabalharem apenas com o único recurso oferecido dentro da sala de aula, o livro didático, que é apenas um norteador para o professor, o que não impede que outros materiais pedagógicos sejam utilizados.

Assim como o nosso conhecimento, o léxico também está sempre em constante atualização.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. **Parâmetros Atuais para o Ensino de Português Língua Estrangeira**. Campinas: Pontes, 1997.

ANDRÉ, M. E. D. A.; LÜDKE, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BASILIO, Margarida. **Teoria Lexical**. 7.ed. 7ª impressão. São Paulo: Editora Ática, 2004.

_____. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. 3.ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

BERTIN, Terezinha. MARCHEZI, Vera. TRINCONI Ana. **Língua Portuguesa Ápis, 1º ano: ensino fundamental, anos iniciais**. São Paulo. Ática, 2017.

_____. **Língua Portuguesa Ápis, 2º ano: ensino fundamental, anos iniciais**. São Paulo. Ática, 2017.

_____. **Língua Portuguesa Ápis, 3º ano: ensino fundamental, anos iniciais** São Paulo. Ática, 2017.

_____. **Língua Portuguesa Ápis, 4º ano: ensino fundamental, anos iniciais** São Paulo. Ática, 2017.

_____. **Língua Portuguesa Ápis, 5º ano: ensino fundamental, anos iniciais** São Paulo. Ática, 2017.

BEZERRA, M. A. **Leitura e escrita: condições para aquisição de vocabulário. Intercâmbio: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem**; São Paulo: v. 8, 1998. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/iew/4034>. Acesso em: 18 set. 2020.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Glossário**. Alfa, São Paulo, v. 28, supl. 1984.

_____. **Léxico e vocabulário fundamental**. Alfa, São Paulo, v. 40, p. 27-46, 1996.

_____. As ciências do Léxico. In: ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P. (Org). **As ciências do léxico. Lexicologia, lexicografia, terminologia**. Volume V. Campo Grande, MS, 2001. Editora UFMS.

_____. **Teoria Linguística: (Teoria Lexical e Linguística Computacional)**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BORBA, F. S. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. **Base Nacional Comum Curricular**. 3ª versão. Brasília, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

CANIVEZ, Patrice. **Educar o cidadão?** Campinas: Papyrus, 1991.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6ed. São Paulo: Person Prentice Hall, 2007.

CORREIA, M. **Os Dicionários portugueses**. Lisboa: Editorial Caminho, 2009.

CORRÊA, Vilma Reche. Uso de dicionário e ensino de nomenclatura. In: Carvalho, Orlene Lúcia de Sabóia; Bagno, Marcos (Org.) **Dicionários escolares: política, formas & usos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

FERRAZ, A, P. Os neologismos no desenvolvimento da competência lexical. In: HENRIQUES, C. C.; SIMÕES, D. (Org.) **Língua portuguesa, educação & mudança**. Rio de Janeiro: Europa, 2008, p. 146-162.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GADOTTI, Moacir e colaboradores. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GENOUVRIER, Emile; PEYTARD, Jean. **Linguística e ensino do português**. Campinas, São Paulo. 1973.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ed. 7ª reimpressão. São Paulo: Atlas, 2006.

GONÇALVES, Ângela Jungmann. **Lexicologia e Ensino do léxico**. Brasília: Thesaurus Editora, 1977.

HOUAISS, Antônio. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 4. ed. rev. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

ILARI, R. **A linguística e o ensino da Língua Portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KLEIMAN, A. Aprendendo palavras, fazendo sentido: o ensino de vocabulário nas primeiras séries. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, n. 9, p. 47-81, 1987.

KRIEGER, Maria da Graça. O dicionário de língua como potencial instrumento didático. In: Isquerdo, Aparecida Negri; Alves, Ieda Maria (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**, vol. III. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2007.

LARA, L. F. O dicionário e suas disciplinas. In. ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004, v.2. p. 133-152.

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MODERNA EDITORA. **Buriti Mais Português**. 1º ano. São Paulo: Moderna, 2017.

_____. **Buriti Mais Português**. 2º ano. São Paulo: Moderna, 2017.

_____. **Buriti Mais Português**. 3º ano. São Paulo: Moderna, 2017.

_____. **Buriti Mais Português**. 4º ano. São Paulo: Moderna, 2017.

_____. **Buriti Mais Português**. 5º ano. São Paulo: Moderna, 2017.

NETO, C. G. **O perfil linguístico e comunicativo dos alunos da escola de formação de professores “Garcia Neto”** (Luanda-Angola). Dissertação (Mestrado em língua e cultura portuguesa). Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009.

PARO, V.H. **Gestão escolar, democracia e qualidade do ensino**. São Paulo: Ática, 2009 (Série: Educação em ação).

VALADARES, Solange; ARAÚJO, Rogéria. **Alfabetização Divertida**. Vol. III. 3ed. Belo Horizonte. Fapi. 2003.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Perspectivas para reflexão em torno do projeto político-pedagógico. In: VEIGA, I. P. A. (Org.). **Escola: espaço do projeto político-pedagógico**. 10. ed. Campinas: Papyrus, 2006.

_____. **Projeto Político Pedagógico da escola: uma construção possível**. 23 ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2007.

_____. **Quem sabe faz a hora de construir o Projeto Político Pedagógico da escola**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2007.

VILELA, Mário. **Estruturas léxicas do português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários** – Uma pequena introdução à Lexicologia. 2ed.rev.amp. Brasília: Thesaurus, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE I – Solicitação de autorização para consulta e análise do PPP e livro didático

Ao Senhor José da Guia Pereira da Silva
Secretário Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer
Secretaria Municipal de Educação de Araguaína– TO

Assunto: Materiais didáticos referentes à disciplina Língua Portuguesa

Prezado Sr. Secretário

Eu, Núbia Maire Gomes Faria, brasileira, solteira, estudante, inscrita no CPF sob o nº 016.0466.321-19, residente e domiciliada nesta cidade, sirvo-me do presente para solicitar a sua autorização para consulta e análise dos seguintes documentos: **Referencial Curricular do município de Araguaína, Projeto Político Pedagógico** das escolas de dois núcleos, um de escolas periféricas e outro de escolas centrais e os **Livros Didáticos de Língua Portuguesa do 5º ano do Ensino Fundamental** adotados pelo município no último PNLD. Essa análise terá como finalidade o desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado junto ao Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Tocantins, campus de Araguaína, sob a orientação da Prof. Dr. Ana Claudia Castiglioni.

Certo de que nossa solicitação será atendida, fique com os nossos sinceros votos de agradecimento e consideração.

Ana Claudia Castiglioni

Prof. Dr. Ana Claudia Castiglioni

Prof. Orientadora

Núbia Maire Gomes Faria

Núbia Maire Gomes Faria

Araguaína – TO, 27 de junho de 2019.

APÊNDICE II – Autorização para pesquisa acadêmica nas escolas do Núcleo I



ESTADO DO TOCANTINS
PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAGUAÍNA
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO,
CULTURA, ESPORTE E LAZER

OFÍCIO EXTERNO/SEMED Nº 932/2019

Araguaína/TO, 01 de agosto de 2019.

Ao(À) Senhor(a) Diretor(a) de Unidade Escolar do Núcleo I
ESCOLAS MUNICIPAIS GENTIL FERREIRA, Nº DA CONCEIÇÃO, SÃO DOMINGOS, SÃO VICENTE DE PAULA E ZECA BARROS
NESTA

Assunto: Autorização para pesquisa acadêmica de aluna da UFT.

Diante do termo de convênio de cooperação firmado entre a Prefeitura Municipal de Araguaína e UFT - Universidade Federal do Tocantins, fica autorizada a acadêmica **NÚBIA MAIRE GOMES FARIA** realizar pesquisa nesta Unidade de Ensino. A pesquisa está voltada em consultar e analisar o Referencial Curricular do município, o Projeto Político Pedagógico e os livros didáticos de língua portuguesa do 5º ano do ensino fundamental adotados pelo último PNLD.

O objetivo da pesquisa é o desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado junto ao Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Tocantins.

Certos da sua colaboração, externamos protestos de estima e apreço.

Atenciosamente,

RAILON BORGES DE OLIVEIRA COSTA
Superintendente de Educação

Railon Borges de Oliveira Costa
Superintendente de Educação
Portaria Nº 094/2019

APÊNDICE III - Autorização para pesquisa acadêmica nas escolas do Núcleo V



ESTADO DO TOCANTINS
PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAGUAÍNA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO,
CULTURA, ESPORTE E LAZER

OFÍCIO EXTERNO/SEMED Nº 932A/2019

Araguaína/TO, 01 de agosto de 2019.

Ao(A) Senhor(a) Diretor(a) de Unidade Escolar do Núcleo V
ESCOLAS MUNICIPAIS DR. CESAR BELMINO, DR. SIMÃO LUTZ, JOSÉ
FERREIRA BARROS, JOAQUIM DE BRITO PARANAGUÁ E LÉIA RAQUEL
NESTA

Assunto: Autorização para pesquisa acadêmica de aluna da UFT.

Diante do termo de convênio de cooperação firmado entre a Prefeitura Municipal de Araguaína e UFT - Universidade Federal do Tocantins, fica autorizada a acadêmica **NÚBIA MAIRE GOMES FARIA** realizar pesquisa nesta Unidade de Ensino. A pesquisa está voltada em consultar e analisar o Referencial Curricular do município, o Projeto Político Pedagógico e os livros didáticos de língua portuguesa do 5º ano do ensino fundamental adotados pelo último PNLD.

O objetivo da pesquisa é o desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado junto ao Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Tocantins.

Certos da sua colaboração, externamos protestos de estima e apreço.

Atenciosamente,

RAILON BORGES DE OLIVEIRA COSTA
Superintendente de Educação

Railon Borges de Oliveira Costa
Superintendente de Educação
Portaria Nº 094/2019

APÊNDICE IV – Contexto das Escolas do Núcleo I

As instituições escolares que compõem o Núcleo I, estão localizadas em bairros de fácil acesso e mais centralizados na cidade de Araguaína-TO, conforme orientação que recebemos da Secretaria Municipal de Ensino. Assim, vamos levar em consideração algumas informações relevantes com base nos PPP analisados.

Escola Municipal Maria da Conceição Costa Luz

Criada no dia 11 de maio de 1993, a Escola Municipal Maria da Conceição Costa Luz, situado no Setor Jardim Paulista, recebe alunos dessa comunidade e dos setores vizinhos da qual fazem parte. Esse bairro não é muito desenvolvido, embora possua minimercados, igrejas, associações de bairro, farmácia, panificadoras e outras escolas menores e maiores que atendam os demais ciclos de ensino.

A escola funciona nos períodos matutino e vespertino, com a primeira fase do Ensino Fundamental, do 3º ao 5º ano, distribuídos em 06 turmas, com um número de 147 alunos. Com relação à estrutura física da escola, podemos dizer que possui alguns problemas, que muitas vezes acabam prejudicando o desenvolvimento das aulas. Por exemplo, o prédio é antigo, construído de tijolos, cobertos com telhas, murado, com um pátio para o momento de lazer e reuniões, que apresenta também uma estrutura pouco adequada para essas atividades, já que possui obstáculos, como escadas, dificultando assim o acesso para os alunos com deficiência. É uma unidade escolar pequena, com 04 salas de aula grandes, 09 banheiros entre masculino e feminino, secretaria, sala dos professores, sala para o Atendimento Educacional Especializado (AEE), que foi implantado em março de 2010 com o objetivo de atender crianças com algum tipo de limitação, e aquelas com dificuldades de aprendizagens, sendo da própria escola ou não.

Mesmo diante do pouco espaço físico e uma estrutura inadequada, a unidade escolar vem tendo um bom aproveitamento nos resultados internos: os índices de aprovação chegam a 100% e os índices de evasão escolar são zero, pois há profissionais dedicados e comprometidos com o desenvolvimento cognitivo e psíquico das crianças. Esse comprometimento dos educadores e dos demais, refletem em bons resultados no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), no qual a escola teve a média de 6,3.

Em relação à participação dos pais ou responsáveis na escola, é explicado no PPP que muito ainda precisa ser feito, isso porque eles, muitas vezes, não comparecem às reuniões e também não buscam saber como está o desenvolvimento da criança. Talvez isso seja o reflexo

da pouca escolaridade dos pais, pois grande parte deles nem chegou a concluir o ensino médio e apenas alguns concluíram o ensino superior. A maioria são filhos de pais separados que passam a morar com avós.

Conforme especificado no PPP da escola, diante dessa situação, a escola precisa adotar uma metodologia de ensino que prevê a formação de seus alunos com uma melhor aprendizagem, abordando temas relevantes da educação e que condiz com a realidade deles. São oferecidos livros didáticos específicos e para pesquisa, recursos pedagógicos diversificados, acesso aos computadores para uso e pesquisa escolar.

Com a finalidade de elevar o nível de aprendizagem dos educandos e tornar as aulas mais criativas e significativas, esta unidade planeja desenvolver durante os semestres projetos como: Programa Evasão Nota Zero; JEPP; Saúde na Escola; Recreio Dirigido: Brincando e Aprendendo; Reforço Escolar; VI Arraiá da Ceição; Dia das Mães; Dia dos Pais; Semana da Criança Brincando e Aprendendo; Arborização, Jardinagem e Horta na Escola; Soletrando, entre outros.

Escola Conveniada São Vicente de Paula

A Escola Conveniada São Vicente de Paula foi fundada no dia 05 de maio de 1980, quando as consorciadas da Sociedade São Vicente de Paulo, Valdecy Aguiar Castilho e Ana Brito Pêgo, receberam da primeira dama do município, Iraceles Mendonça Quinta, e da religiosa Alberta, uma pequena casa situada no Bairro Muricy, hoje Setor Imaculada Conceição, para que elas construíssem uma escola para levar a educação para aquelas crianças carentes. A lei de oficialização foi criada depois de mais de três anos de sua fundação aconteceu em 09 de novembro de 1983, pelo nº 650.83.

Essa unidade escolar é responsável por oferecer a Educação Básica nos níveis de Educação Infantil (pré-escola), e o primeiro ciclo do Ensino Fundamental, nos turnos matutino e vespertino, atendendo a 149 alunos no total. É uma escola conveniada com o Conselho Central de Araguaína da Sociedade São Vicente de Paulo, de princípios católicos, trabalha em defesa do benefício social de famílias carentes por meio da educação.

De acordo com o PPP, a grande maioria dos educandos corresponde à classe média baixa, em alguns casos chegando à pobreza. No bairro Imaculada Conceição, há vários problemas sociais, como o consumo e o tráfico de drogas e homicídios, o que acaba gerando outras situações conflituosas que atingem as famílias, desestruturando-as.

É necessário um ambiente adequado para que as necessidades educacionais sejam alcançadas. Há muitos desafios para a escola mencionada, embora um já tenha sido iniciado, que é a construção de uma nova estrutura, que aos poucos vai sendo concluída. A escola e as salas de aulas já estão pintadas e climatizadas. Há adaptação dos banheiros, e o plantio de grama no pátio. Observamos que, em relação à estrutura, a escola precisa de ajustes, como a cobertura do pátio para recreação, muro, corredor coberto para acesso às salas de aulas, entre outros.

De acordo com o PPP, e em conversa com a direção dessa unidade, a relação entre a comunidade e a escola é boa, aos poucos esse contato vem aumentando nas reuniões, nos eventos e isso influencia no desenvolvimento da escola e dos alunos. Porém, ainda é preciso uma maior aproximação dos pais ou responsáveis na participação das atividades da escola. Conforme relatado no PPP, os pais e/ou responsáveis, em sua grande maioria, têm o ensino fundamental, e o ensino médio incompleto. Talvez isso seja o grande influenciador dos pais passarem a responsabilidade de educar para a escola.

Com uma equipe de profissionais com formação adequada e com comprometimento com o ensino, busca sempre oferecer um bom ensino, mesmo muitas vezes não tendo material didático, de apoio e recursos adequados. Em relação ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), a escola teve seu último resultado divulgado em 2017 obtendo a nota 6,2 quando participou da avaliação da Prova Brasil.

A escola desenvolve, ao longo do ano letivo, alguns projetos que constituem uma ferramenta importante para que os objetivos propostos sejam alcançados, merecem destaque os seguintes: PROERD; Dia D da Leitura; Reforço Escolar; Recreio Dirigido; Projeto Meio Ambiente; JEEP, entre outros.

Escola Paroquial Municipal São Domingos

Localizada no Setor Santa Terezinha, a escola foi criada pela lei nº 743/1985, de 09 de agosto de 1985. Esse nome se deu em homenagem a São Domingos de Gusmão, que era um Cônego espanhol que descobriu, aos 35 anos, o grave problema missionário em terras cristãs assoladas pela heresia. Encarregado pelo Papa para uma missão no sul da França, com tenacidade, bondade e fé esclarecida conseguiu muitas convenções. Essa instituição de ensino tem a honra de levar o nome do pai e fundador dos Padres Pregadores.

Conforme ressaltado no PPP, inicialmente, a escola começou a funcionar com 04 salas de aula feitas de palha em um terreno comunitário. Logo o terreno foi comprado e a escola

construída em regime de mutirão, passando a funcionar em prédio próprio e conveniada com a prefeitura municipal. Hoje está sob a responsabilidade administrativa das Irmãs Escolápias.⁸

No ano de 2003, a unidade passou a ter seu próprio Regimento. Aprovado pelo Conselho Estadual de Educação, sob a Resolução nº 126/2002, de 22 de novembro de 2002, e ainda dispõe de um Regimento Escolar elaborado pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED).

Com um número de 391 alunos, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, com 12 turmas distribuídas entre os turnos matutinos e vespertinos, a escola é bem localizada e de fácil acesso, o que favorece o atendimento de um público diversificado, como crianças da zona rural, de bairros vizinhos, crianças carentes, e também aquelas pertencentes à classe média.

Mesmo com a boa localização e as reuniões e eventos no finalzinho do dia, o acompanhamento familiar não é frequente em relação à maior parte dos alunos, conforme aponta o PPP, levando a crer que a valorização e participação dos pais e responsáveis na escola são deixadas para segundo plano pela maioria da população.

A escola conta com um grupo de profissionais preparados e que estão buscando sempre novas formações para atender as necessidades dos alunos e transmitir conhecimento tanto para os educandos do ensino regular quanto aos do AEE. A formação continuada dos professores em atuação é oferecida pela SEMED, e outros estudos próprios da Congregação Religiosa, pelas Irmãs Escolápias.

Segundo informações contidas no PPP, o último resultado do IDEB foi em 2015, com a média de 5,8. No documento, há uma meta projetada para os anos de 2017: 5,7, de 2019: 6,0 e de 2021: 6,3. Acreditamos que, quando visitamos a escola e tivemos acesso a tal documento, o mesmo não estava totalmente atualizado com as demais médias.

A Escola São Domingos mesmo, crescendo na qualidade e na estrutura física, como ressaltado no PPP, precisa de algumas adequações no seu espaço para realizar eventos, reuniões e para as aulas de Educação Física. Conta um número de 26 dependências entre salas de aula, dos professores, secretaria, sala de AEE, banheiros, cozinha e depósitos.

Em relação à parte tecnológica, apenas os professores têm acesso, ou os alunos do AEE que são sempre acompanhados e são em números menores. Os demais, usam quando o educador leva o *data show* para a sala. Assim, o recurso mais acessível para os alunos é o livro didático.

A unidade desenvolve alguns projetos intermitentes às aulas e conta com a participação de toda equipe para desenvolvê-los, nesse caso, destaque para: “Reforço Escolar: aprender

⁸ São filhas de Maria Religiosas das Escolas Pias, deve-se à sua reconhecida competência no campo do ensino. Elas têm o ensino, como bem diz seu nome, carisma de fundação. Pertencem a Diocese de Tocantinópolis – TO.

sempre”, que tem por objetivo aperfeiçoar as habilidades de leitura e escrita dos educandos por meio de tecnologias e atividades lúdicas capazes de desenvolver a criatividade através da recreação de histórias, jogos e brincadeiras.

Escola Municipal Gentil Ferreira Brito

Em um bairro bem centralizado, essa escola está situada no setor Brasil, bem próximo da Universidade Federal do Tocantins, nossa referência inicial. Criada em 1982, após reivindicação da comunidade local, recebeu esse nome para homenagear um lavrador que, apesar das grandes dificuldades da época, criou sua família com honestidade, o senhor Gentil Ferreira Brito.

Foi criada pela Lei nº 651/83 de 09 de novembro de 1983. A princípio, como aponta o PPP, contava apenas com duas salas de aula, uma cantina e uma secretaria. Como o espaço não era suficiente para atender a quantidade de alunos, foi preciso o funcionamento no período intermediário. Em 1992, o prédio passou por uma ampliação e reforma, com a criação da sala dos professores, sala de direção e coordenação, salas de aula, cozinha e depósito.

No ano de 2017, passou por uma nova reforma, e conta com 21 dependências melhorando o espaço físico, adequando-os tanto para os alunos com deficiência, quanto para os pequenos da educação infantil. O que precisa ser estruturado é o espaço para atividades ao ar livre, que hoje conta apenas com a cobertura de tendas.

Com funcionamento no período matutino e vespertino, atende 344 crianças nas seguintes modalidades de ensino: Educação Infantil (alunos de 4 a 5 anos); Ensino Fundamental (alunos de 6 a 10 anos); e Educação Especial (alunos com deficiência).

A maioria dos alunos da escola é de procedência de famílias com baixa renda e baixo nível de escolaridade, conforme afirma o PPP. Refletindo, assim, no processo de ensino/aprendizagem na medida em que dificulta o acompanhamento na hora de ensinar a realizar as atividades destinadas “para casa”.

Como há muitos alunos nessa escola que utilizam o transporte escolar, porque moram em outros setores, essa situação compromete a interação entre escola e família, se tornando um motivo para dificultar a participação dos pais e/ou responsáveis nos eventos e nas reuniões. Para que haja o mínimo de ligação, a escola adota o método do bilhete, o que em alguns casos pode se tornar vulnerável a interpretações.

Segundo o PPP, o último resultado do IDEB observado foi em 2015, com a média de 6,1 superando a meta projetada, que era 6,0. As metas projetadas para os anos seguintes são:

para 2017, 6,3, para, 2019, 6,5, e para 2021, 6,7. Observa-se que a unidade escolar, além de ter ultrapassado a meta planejada para o ano de 2015, ainda está acima do IDEB alcançado pelo município (5,4) e pelo estado (5,0). Isso foi possível devido a um crescimento progressivo de melhorias nos processos de ensino e aprendizagem.

Alguns dos programas e projetos que a escola desenvolve com o seu alunado são: Programa Saúde na Escola (PSE); Programa Nacional Alfabetização na Idade Certa (PNAIC); Programa Jovens Empreendedores Primeiros Passos (JEPP); Educação no Trânsito; Programa Novo Mais Educação; Projetos: Leitura e Escrita; Salvando o Planeta; Recreio Feliz; entre outros.

Escola Municipal Zeca Barros

Localizada na Vila Santiago, bem próximo do Cantinho do Vovô que é um abrigo para idosos bem conhecido na cidade, a Escola Zeca Barros, como é conhecida, foi criada no ano de 1990, com a Lei nº 1028/90, e surgiu devido ao crescimento da comunidade e dos outros setores. Ganhou esse nome em homenagem a um vereador, morador dessa comunidade, que trouxe grandes melhorias em seu mandato, o sr. José Alves da S. Barros Sobrinho.

Na época, a escola oferecia da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental. Hoje, oferece o Ensino Fundamental (anos iniciais) e Educação de Jovens e Adultos (EJA), primeiro e segundo segmento. Atende um número de 280 alunos, na faixa etária que varia dos 06 aos 10 anos para alunos regulares, com exceção de alguns que têm idade superior a esta. Já na EJA, a faixa etária está dos 15 aos 60 anos de idade, o que nos faz acreditar que nunca é tarde para aprender.

O PPP esclarece que a Escola Zeca Barros, como é conhecida, não tem terreno próprio e ocupa um cedido pelo município. Entre os anos de 2009 e 2014, passou por uma adequação em sua estrutura física, alguns ambientes foram reformulados, e novos construídos. Hoje, sua estrutura conta com: 08 salas de aulas, sendo uma para o AEE; sala dos professores; sala de informática; cantina; refeitório coberto; banheiros normais e adaptados; ambiente externo coberto; e pátio infantil.

A comunidade escolar, de modo geral, possui baixa renda. O setor é humilde e muitas famílias são contempladas com o Programa Bolsa Família. A média salarial das famílias varia entre 1 e 2 salários mínimos. No bairro, não há áreas de lazer e cultura, e a criminalidade é acentuada, o número de jovens que não trabalham cresce, assim como o índice de jovens grávidas, informações essas apresentadas pelo PPP.

O grau de escolaridade dos pais e/ou responsáveis oscila entre o ensino fundamental e o ensino médio. A participação deles em reuniões e nas atividades desenvolvidas pela escola é baixa. Uma questão favorável é que, através da EJA, a escola alcança os jovens, os pais de família e os cidadãos de maior idade que precisam trabalhar para ajudar nas despesas de casa.

Apresenta uma equipe de profissionais capacitados para atender as necessidades dos alunos. A formação dos professores é contínua sendo prioridade da escola, reunindo uma perspectiva teórica contemporânea com suas próprias demandas e as da rede, com objetivo de criar espaços de diálogos nas instituições, estimulando a escrita, a leitura e a participação de novas aprendizagens.

O IDEB é importante por ser condutor de política pública em prol da qualidade da educação. É uma ferramenta para o acompanhamento das metas de qualidade do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) para a educação básica. Nesta unidade escolar, o IDEB agrega ao enfoque pedagógico dos resultados das avaliações em larga escala do Inep a possibilidade de resultados sintéticos, facilmente assimiláveis, e que permitem traçar metas de qualidade educacional. A última média alcançada pela escola na avaliação realizada no ano de 2017 foi de 5,5.

A Escola Zeca Barros desenvolve alguns projetos no decorrer do período letivo, envolvendo os professores e os alunos, desenvolvendo a autoestima, a capacidade de aprendizagem e a interação com os demais colegas. Merecem destaque os seguintes: Projeto Momento Cívico na Escola; Mulheres Destaques 2019; Alunos Aniversariantes; Meio Ambiente; Festa Junina; Dias das Mães e dos Pais; Independência do Brasil; e Reforço Escolar.

APÊNDICE V – Contexto das Escolas do Núcleo V

As unidades escolares que correspondem ao grupo V, estão situadas em bairros periféricos da cidade, conforme orientação da Secretaria Municipal de Ensino. Vamos destacar algumas informações que consideramos bem relevantes com base nos PPP analisados.

Escola Municipal Dr. Simão Lutz Kossbutzki

Localizada no setor Araguaína Sul, essa unidade escolar foi criada no ano de 1983, através da Lei nº 047/1983. Recebeu esse nome como uma homenagem póstuma feita para um dos primeiros médicos do município. Considerada uma das maiores escolas da rede, tornou-se referência na Educação Infantil e no Ensino Fundamental.

Segundo o PPP, logo no início de seu funcionamento, a escola atendia apenas alunos na modalidade do Ensino Fundamental – Primeira Fase. No decorrer dos anos, a instituição foi ganhando recurso e surgindo novos níveis de ensino. E, hoje atende um número de 879 educandos distribuídos entre os níveis da Educação Infantil, Ensino Fundamental (1ª fase), atendidos nos períodos matutino e vespertino, e Educação de Jovens e Adultos (EJA, primeiro e segundo segmento), oferecida apenas no turno noturno. Esse crescimento é que justifica ter se tornado referência no ensino.

Grande maioria desses alunos estão inseridos em uma estruturação social de baixa renda, muitos não conseguem o desenvolvimento e as habilidades educacionais que eram esperadas para as séries que cursaram no ano anterior, isso se referido em especial ao Ciclo Básico. Já em relação à EJA, o problema está mais em relação ao abandono, pois muitos alunos precisam optar entre o estudo e o trabalho. Mesmo com essas situações, o índice de reprovação nesta escola é mínimo.

Essa unidade disponibiliza de uma sala de recursos para atendimento dos alunos com deficiência, inserindo novas práticas de ensino com o intuito de atender as especificidades dos alunos que formam esse grupo, garantindo a eles uma educação de qualidade, extinguindo assim os obstáculos que limitam sua inserção na sociedade ainda tão preconceituosa.

Foi realizada uma “reforma”, recente nas salas de aulas, banheiros, laboratórios de informática, sala dos professores, além da adaptação e acessibilidade para os alunos especiais. A unidade escolar apresenta uma boa estrutura física, mas mesmo com as melhorias realizadas, percebe-se que há a necessidade de aumentar a cozinha e um refeitório para as crianças, e o mais importante: a necessidade de uma biblioteca, como ressalva o PPP.

Em relação à participação dos pais e/ou responsáveis nas atividades elaboradas pela escola, ou no acompanhamento das crianças, muitos atendem a solicitação da equipe escolar, embora ainda haja a necessidade de uma maior participação desses responsáveis no acompanhamento e desenvolvimento educacional de seus filhos.

A Escola Municipal Dr. Simão possui um quadro de profissionais que forma a equipe administrativa e pedagógica da escola, estes estão treinados e preparados para desenvolverem suas funções e, assim, fazer um atendimento diferenciado com as crianças com deficiência, conforme regulamento estabelecido pela Secretaria de Ensino.

Os educadores são qualificados, capacitados e com formações nas suas respectivas áreas. Eles participam com frequência de formações continuadas, oferecidas pela Secretaria de Educação do Município, e participam, ainda, de outros momentos de estudos realizados na própria unidade escolar. As práticas pedagógicas dessa instituição estão sendo inovadas dia após dia com projetos de aprendizagem, participação dos pais, alunos e equipe escolar, levando em conta a realidade da comunidade.

Essas formações e qualificações dos professores, refletem no bom desempenho do IDEB, com uma meta projetada no ano de 2017 de 5,9 e com uma meta observada de 6,4. Outro fator que merece destaque diz respeito à Prova Brasil, que, neste mesmo ano, alcançou, na disciplina de Língua Portuguesa, um desempenho de 220,01 e, em, Matemática, 236,97.

A Associação de Apoio à Escola (AAE) tem por objetivos atuar e orientar junto à direção no processo de elaboração do PPP, campanhas de cunho educativo, reunião com os pais e/ou responsáveis, além de buscar melhorias para o desenvolvimento da escola.

Essa escola possui alguns programas e temas transversais que auxiliam no desenvolvimento e aprendizado dos alunos, o que contribui para o baixo índice de reprovação. Além disso, contribui para que a criança tenha uma visão diferenciada de alguns problemas sociais dentro e fora da escola. Merecem destaque: Educação para vida (EPV); Programa Educacional de Resistência as Drogas (PROERD); e o Programa Saúde na Escola.

Escola Municipal José Ferreira Barros

Essa unidade escolar fica localizada no setor Céu Azul, já distante do centro comercial da cidade. Teve sua criação em 28 de dezembro de 2000. Inicialmente, se chamou Escola Municipal Céu Azul, logo depois, passou a se chamar Escola Municipal José Ferreira Barros, homenageando o então fundador do partido PMDB, em decorrência do seu esforço, dedicação e trabalho pela cidade de Araguaína.

Começou atendendo, como consta no PPP, uma clientela de 415 alunos de 1ª a 4ª série, e do Projeto Acelera. Sua lei de criação foi publicada e sancionada para funcionamento legal. Hoje, a realidade é um pouco diferente: o número de educandos diminuiu significativamente, distribuídos entre 04 turmas de Educação Infantil e 10 turmas do 1º ao 5º ano, totalizando 292 alunos.

Em relação à estrutura física, apresenta algumas necessidades a serem reparadas e implantadas como: uma biblioteca, algumas salas são pequenas, falta de iluminação, ventilação inadequada e não tem acessibilidade dos banheiros para pessoas com deficiência, além da falta de uma sala de recurso para atendimento destinado a esse público, como enfatiza o PPP.

O setor Céu Azul, local onde a instituição escolar está inserida, é muito carente financeiramente. Além da falta de espaços de lazer para as crianças e os jovens, boa parte da comunidade vive com um salário mínimo e outros com recursos de programas sociais oferecidos pelo governo. O nível educacional dos pais é muito baixo e a maior parte deles não concluiu nem o ensino fundamental, o que acaba refletindo em muitas famílias desestruturadas.

Nesta unidade escolar, a média do IDEB, no ano de 2017, foi de 4,9. Com isso, busca-se implantar, no ano de 2019, alguns projetos para o desenvolvimento dos alunos, visando um melhor rendimento na busca da aprendizagem. Destacamos os seguintes: Reforço escolar, Recreio dirigido; Projeto nome completo; Jovem Empreendedor Primeiros Passos (JEPP); Projeto tecnologia da educação; Datas comemorativas; e o Projeto do AEE – “Educação Inclusiva: Faço minha parte”.

Escola Municipal Doutor César Belmiro Barbosa Evangelista

Essa instituição de ensino foi criada em 20 de maio de 1992, pela Lei nº 1.166 e ganhou o nome de Escola Municipal Doutor César Belmiro Barbosa Evangelista na gestão de 1992/93. Está localizada em um setor carente chamado Tereza Hilário Ribeiro.

As informações que trazem o PPP, é que a escola é pequena, apresenta uma boa estrutura física, com quadra de esportes coberta, sala de atendimento para alunos com deficiência, banheiros adaptados e com acessibilidade. Porém, precisa de alguns espaços para a sala do gestor, um espaço maior para área de recreação das crianças e cobertura do pátio até a quadra, já que, no período chuvoso, o acesso é ruim.

Hoje, a escola conta um número de 360 alunos, com idades entre 6 e 12 anos, distribuídos no turno matutino e vespertino, na modalidade de ensino do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. A equipe de profissionais é habilitada para exercer suas atividades com os alunos.

O IDEB observado nesta unidade escolar no ano de 2017 foi de 6,6 já o projetado alcançou uma média de 5,3 conforme informações disponíveis no PPP.

Os alunos da Escola Doutor César Belmiro, são de classe baixa, os pais ou responsáveis trabalham como autônomos ou no comércio local e, muitas vezes, não têm participação ativa na escola para acompanhar o desenvolvimento de seus filhos. Sendo essa ausência considerada um ponto negativo pela unidade, conforme descrito no PPP.

Enquanto instituição social, essa unidade tem a ciência das reais necessidades da comunidade em que está inserida, buscando, assim, ensinar a partir dos fatos e efeitos formadores da personalidade de seus alunos. Nesse sentido, desenvolve ações e programas norteados pela realidade social, política e econômica do setor, buscando a interação e o envolvimento das famílias dos educandos.

Alguns programas que estão em desenvolvimento no decorrer do ano de 2019 são os seguintes: Programa Novo Mais Educação; Programa Evasão Zero; Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC); Programa Jovens Empreendedores Primeiros Passos (JEPP); Programa Saúde Escolar (PSE); Programa Nacional de Transporte Escolar (PNTE); Educação para o Trânsito (Detran); Aprovação assistida/ Distorção de Idade. A gestora espera que até a conclusão do ano letivo, todos esses programas tragam um resultado satisfatório.

Escola Municipal Joaquim de Brito Paranaguá

Como no setor Carajás e nem nas proximidades não havia nenhuma escola para atender as crianças do bairro, o Sr. Bertoldo Paranaguá doou um terreno para a criação de uma. A escola recebeu esse nome em homenagem a seu pai, o Sr. Joaquim de Brito Paranaguá, e foi criada em 08 de novembro de 1984, pela Lei nº 719.

Esse setor não é muito distante do centro, é composto por uma comunidade diversificada. Há famílias de classe média, outras classes média alta, mas há presença da população carente também.

Hoje, essa unidade atende um número de 646 educandos dos seguintes níveis de ensino: Educação Infantil (2º período), Ensino Fundamental, 1ª fase (1º ao 5º ano) e Educação de Jovens de Adultos (EJA), distribuídos entre os turnos matutino, vespertino e noturno.

Mesmo possuindo uma área de 735,87 m², talvez a escola não tenha uma estrutura física tão boa e adequada: possui 10 salas de aula (sendo para Atendimento Educacional Especializado), 01 pátio coberto, 04 banheiros masculinos e 03 femininos (que são utilizados

tanto pelos alunos quanto pelos professores), 01 sala dos professores, 01 área imprópria para práticas de atividades físicas, conforme descrito no PPP.

A equipe de profissionais é preparada e está em constante formação, tanto para o ensino regular quanto para os que necessitam de atendimento especial. Os educadores são estimulados sobre a importância da reflexão, das novas e modernas práticas de ensino, percebendo novas opções e metodologias com o intuito de aprimorar o conhecimento de seus alunos. O processo de formação continuada é oferecido pelo núcleo de Formação Continuada da Secretaria Municipal de Educação do município, em parceria com outras instituições como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e a Universidade Federal do Tocantins (UFT), oferecendo aos professores formações propostas em rede pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC).

A Escola Municipal Joaquim de Brito Paranaguá tem buscado alcançar com todo afincamento as metas projetadas em relação ao IDEB. No ano de 2017, o IDEB observado foi de 5,7, já a meta projetada, foi de 5.3.

Alguns programas de ensino são trabalhados no decorrer do ano letivo com os alunos, dentre os quais destacamos: Programa Evasão Escolar Nota Zero, Programa Saúde na Escola e Plano de Ação.

Escola Municipal Léia Raquel

Fundada em 20 de maio de 1992 e criada pela lei nº 1.168/92, essa unidade escolar está localizada em um setor distante do centro da cidade chamado Vila Ribeiro. A escola ganhou esse nome em homenagem à Leila Raquel Dias Motas, filha de uma das famílias fundadoras desta cidade e que foi referenciada devido a sua vida de dedicação e apoio às crianças necessitadas, embora tenha falecido ainda jovem.

Com um número de 376 educandos distribuídos nos ciclos de ensino da Educação Infantil (pré-escola) e do Ensino Fundamental (1º ao 5ºano), nos períodos matutino e vespertino, a escola desenvolve suas atividades pedagógicas atendendo não só a comunidade do setor, mas também a dos bairros circunvizinhos.

O grupo de alunos desta escola tem o perfil sócio-econômico caracterizado por pertencer a famílias de baixa renda. Os pais ou responsáveis têm o nível de escolaridade baixo, o que leva a uma participação limitada na vida escolar de seus filhos, contribuindo para uma realidade de falta de apoio escolar no cotidiano de maior parte dos alunos, levando-os a ter dificuldades no processo de ensino-aprendizagem. Além desses problemas citados, a escola é afetada por estar

em uma comunidade que passa por diversas dificuldades como falta de infraestrutura e emprego para os pais, como aponta o PPP. Para amenizar a ausência da participação familiar, a unidade escolar trabalha na elaboração e execução de projetos que garantem resultados positivos, seguindo os referenciais pedagógicos que norteiam esse trabalho.

Através do PPP, é possível perceber que, em se tratando da sua estrutura física, a escola conta hoje com 10 salas de aulas (01 de recursos multifuncional); sala dos professores; secretaria inadequada para a quantidade de profissionais que atuam; banheiros adequados para os alunos do AEE e da educação infantil; cozinha adequada para o lanche e uma quadra de esporte para as atividades físicas que ainda está sem cobertura.

Essa unidade escolar tem como uma das suas diretrizes de trabalho, a consideração dos resultados educacionais como o IDEB que, atualmente, tem como meta 5,8. A Avaliação Nacional da Alfabetização se encontra no nível 2 em leitura e com a aprovação de 98%. Mediante esses resultados, a IE é uma instituição comprometida com um sistema educacional de qualidade em que os alunos se alfabetizam e se apropriam dos conhecimentos necessários para sua formação plena.

A Escola desenvolve alguns projetos com o intuito de uma interação dos alunos e também como auxílio no ensino e aprendizado deles. Estes projetos são desenvolvidos ao longo do semestre letivo, e destacamos: Projeto Datas Comemorativas; Gincana Interativa; Caminho de leitura: Mala viajante; Projeto reforço escolar; Projeto Qualidade de Vida; e Programa Saúde na Escola.